

METODOLOGIA CIENTÍFICA

ORGANIZAÇÃO

Prof. Antonio José Müller

UNIDADE I

Prof. André Bazzanella

UNIDADES II E III

Prof^ª. Elisabeth Penzlien Tafner

Prof. Everaldo da Silva



UNIASSELVI

2013



UNIASSELVI

Copyright © UNIASSELVI 2013

Organização:

Prof. Antonio José Müller

Elaboração:

UNIDADE I

Prof. André Bazzanella

UNIDADES II E III

Prof^ª. Elisabeth Penzlien Tafner

Prof. Everaldo da Silva

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

001.42

B364m Bazzanella, André

Metodologia científica / André Bazzanella; Elisabeth Penzlien Tafner;
Everaldo da Silva; Antonio José Müller (Org.). Indaial : Uniassevi, 2013.

206 p. : il

ISBN 978-85-7830- 749-3

1. Metodologia da pesquisa.

I. Centro Universitário Leonardo da Vinci.

APRESENTAÇÃO



Caro(a) acadêmico(a)!

Quando pensamos a pesquisa, pensamos uma dimensão muito importante para o homem, ser que se descobre no mundo. Neste sentido, a pesquisa se apresenta como uma forma de sistematizar a realidade para compreendê-la. Assim, o objetivo desse caderno é oferecer possibilidades a você de entender a noção do ato de pesquisar e também de desenvolver um projeto de pesquisa.

Nesse caderno, portanto, você encontrará um conjunto de orientações metodológicas que vão evidenciar o caráter fundamental da pesquisa e a importância e organização de uma pesquisa acadêmica. Esse caderno lhe orientará na leitura de textos científicos e na própria organização de estratégias de trabalho para que você possa ampliar seu horizonte intelectual e a sua noção de pesquisa.

Neste sentido, pretende-se contribuir para que você possa se familiarizar com a pesquisa e assim possa criar referências mínimas para a sua prática profissional. Para isso, os conteúdos selecionados nesse caderno servirão de instrumento para compreender as metodologias da pesquisa e, assim, ampliar a capacidade de estudar e entender a realidade.

A segunda unidade desse Caderno de Estudos aborda as exigências que os trabalhos realizados na esfera acadêmica ensejam. Trata-se do momento em que você conhecerá a disciplina de metodologia, que nos auxilia a entender melhor alguns fatos que ocorrem comumente em nossa vida. Recorramos a um exemplo para esclarecer essa afirmação. Recentemente, o programa Globo Esporte, da Rede Globo, queria saber qual era o pior gramado e qual o melhor gramado dos estádios brasileiros dos times da Série A no ano de 2008. Com o intuito de responder a essas perguntas, o programa entrevistou os 20 capitães dos 20 times que estavam disputando o campeonato. O resultado foi o seguinte: o pior gramado foi o campo do time do Náutico, o Estádio dos Aflitos, que recebeu nove votos no total. O melhor gramado foi o do Internacional de Porto Alegre, o campo do Estádio Beira-Rio, que recebeu cinco votos.

Vimos nesse exemplo que, para se efetuar a pesquisa, foi adotado um método, foi feito um recorte quanto ao número de entrevistados. Assim, a pesquisa teve critérios, uma metodologia apropriada, na qual o resultado obtido pôde ser garantido. É claro que os números podem ser questionados, corroborados, isso faz parte da ciência, porque se constitui em um conhecimento falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou

final e, por esse motivo, é aproximadamente exato: novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo da teoria existente.

“Reformular o acervo da teoria existente”, você parou para pensar no que essa frase quer dizer, na sua importância? Se o homem não fosse naturalmente curioso, não quisesse sempre melhorar o ambiente no qual está inserido, não teríamos a descoberta da penicilina, os remédios que auxiliam na melhoria da qualidade de vida para pacientes com câncer, enfim, os problemas que enfrentamos todos os dias movem o surgimento de novas pesquisas. De uma conquista individual, o saber passa a coletivo e traz uma série de avanços. E, para você não achar que o desenvolvimento de novas técnicas ocorre apenas no interior dos laboratórios, é importante saber que tudo começa fora deles. A observação do cotidiano e a nossa sensibilidade sugerem hipóteses que podem, sim, acabar nos laboratórios para serem comprovadas, mas não é apenas ali que a pesquisa ocorre e se desenvolve. Vale lembrar que, ao longo da história da humanidade, as pessoas buscaram ajuda em várias fontes de verdade para tentar explicar os fatos e a realidade vivida. Muitas dessas fontes são anteriores à ciência, dentre elas podemos citar a intuição, a autoridade, o bom senso e, finalmente, a ciência. Logo, conhecer e entender o que é fazer pesquisa é essencial a todos nós, porque há problemas na escola, na empresa, no meio ambiente, com pessoas, com máquinas, com carros etc. A lista é extensa e você será convidado a pensar em como solucioná-los. Ainda que não percebamos, vamos fazer pesquisa a vida toda. Lembre-se de que a sociedade que tem desleixo com o conhecimento fica à mercê da corrupção e excluída do exercício da cidadania.

Nesse sentido é que a segunda unidade do Caderno de Estudos vai ajudá-lo na construção do seu conhecimento em metodologia, aproximando-o dos tipos de conhecimento, da classificação dos tipos de pesquisa e dos tipos de trabalhos acadêmicos, dando enfoque especial ao paper. Na última unidade, a obra traz as orientações para o uso de citações e referências. Leia cada unidade com muita atenção e faça as autoatividades, pois conhecer pressupõe três movimentos: dar um significado (representar), memorizar e estabelecer as relações pertinentes com outros conhecimentos da memória.

Bons estudos e sucesso na sua vida acadêmica!

Prof^a. Elisabeth Penzlien Tafner

Prof. Everaldo da Silva

Prof. André Bazzanella

Prof. Antonio José Müller (organizador)



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniassevi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades. ✓✓



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE. ✓✓



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O MEC – Ministério da Educação. ✓✓

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas. ✓✓



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE! ✓✓



SUMÁRIO

UNIDADE 1 - DO TEMA DA PESQUISA AO PROBLEMA DA PESQUISA: A BUSCA DO SABER COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO	1
TÓPICO 1 - DO TEMA DA PESQUISA AO PROBLEMA DA PESQUISA: A BUSCA PELO SABER COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO	3
1 INTRODUÇÃO	3
2 A BUSCA DA REALIZAÇÃO DO HOMEM NO MUNDO	4
3 A CONDIÇÃO “VERTICAL” DO HOMEM SOBRE O MUNDO	6
LEITURA COMPLEMENTAR	8
RESUMO DO TÓPICO 1	10
AUTOATIVIDADE	11
TÓPICO 2 - O ATO DE PESQUISAR COMO CONDIÇÃO DO HOMEM	13
1 INTRODUÇÃO	13
2 A PESQUISA E SUA DIMENSÃO FUNDAMENTAL AO HOMEM	13
LEITURA COMPLEMENTAR	15
RESUMO DO TÓPICO 2	17
AUTOATIVIDADE	18
TÓPICO 3 - O DESAFIO SOCIAL DA UNIVERSIDADE E A QUESTÃO DA PESQUISA	19
1 INTRODUÇÃO	19
2 O DESAFIO CENTRAL DA UNIVERSIDADE DIANTE DOS NOVOS TEMPOS	19
LEITURA COMPLEMENTAR	21
RESUMO DO TÓPICO 3	26
AUTOATIVIDADE	27
TÓPICO 4 - A QUESTÃO DO CONHECIMENTO: O QUE SIGNIFICA CONHECER, TIPOS DE CONHECIMENTO, CONHECIMENTO CIENTÍFICO	29
1 INTRODUÇÃO	29
2 O QUE SIGNIFICA CONHECER	29
3 O CONHECIMENTO: UMA ASPIRAÇÃO NATURAL DO HOMEM	31
4 O CONHECIMENTO E SUAS DIFICULDADES	32
5 O CONHECIMENTO E A QUESTÃO DA UTILIDADE	33
6 O CONHECIMENTO E A QUESTÃO DA AÇÃO	34
LEITURA COMPLEMENTAR	35
RESUMO DO TÓPICO 4	38
AUTOATIVIDADE	39
TÓPICO 5 - OS TIPOS DE CONHECIMENTO	41
1 INTRODUÇÃO	41
2 OS TIPOS DE CONHECIMENTO	41
2.1 O SENSO COMUM	41
2.2 CONHECIMENTO TEOLÓGICO OU DE FÉ	43

2.3 CONHECIMENTO FILOSÓFICO	44
2.4 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO	45
2.4.1 Conhecimento científico: definição e características	46
LEITURA COMPLEMENTAR	47
RESUMO DO TÓPICO 5	49
AUTOATIVIDADE	50
 TÓPICO 6 - ORGANIZAÇÃO DE SUA PESQUISA	51
1 INTRODUÇÃO	51
2 PLANEJANDO SEU ESPAÇO E TEMPO ACADÊMICO	51
2.1 ORGANIZAÇÃO DO TEMPO DE ESTUDOS E PESQUISAS	52
2.2 ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE DE ESTUDOS	52
2.3. TENHA UMA BIBLIOTECA PARTICULAR	53
3 TENHO QUE FAZER MEU TRABALHO DE GRADUAÇÃO, MAS NÃO SEI O QUE PESQUISAR	53
LEITURA COMPLEMENTAR	54
RESUMO DO TÓPICO 6	57
AUTOATIVIDADE	58
 UNIDADE 2 - O PENSAMENTO CIENTÍFICO E OS TRABALHOS ACADÊMICOS	59
 TÓPICO 1 - O PENSAMENTO CIENTÍFICO: UMA VISÃO GERAL	61
1 INTRODUÇÃO	61
2 A ORIGEM DA VERDADE: O SENSO CRÍTICO E O SENSO COMUM	62
2.1 MÉTODOS IMPORTANTES PARA APLICAÇÃO PRÁTICA	65
2.1.1 Método histórico	65
2.1.2 Método comparativo	66
2.1.3 Método do estudo de caso	67
2.1.4 Método estatístico ou matemático	70
2.1.5 Etnografia	70
RESUMO DO TÓPICO 1	71
AUTOATIVIDADE	72
 TÓPICO 2 - A DIVERSIDADE DE TRABALHOS ACADÊMICOS	73
1 INTRODUÇÃO	73
2 TIPOS DE TRABALHOS ACADÊMICOS	73
2.1 TRABALHOS DE GRADUAÇÃO	74
2.2 TRABALHOS DE FINAL DE CURSO	74
2.3 MONOGRAFIA (PARA ESPECIALIZAÇÃO)	74
2.4 DISSERTAÇÕES	75
2.5 TESES	75
2.6 ARTIGOS DE PERIÓDICOS E EVENTOS CIENTÍFICOS	76
2.7 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	77
RESUMO DO TÓPICO 2	78
AUTOATIVIDADE	79
 TÓPICO 3 - ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DOS TRABALHOS ACADÊMICOS	81
1 INTRODUÇÃO	81
2 A ESTRUTURA BÁSICA	81
2.1 PARTE EXTERNA	82
2.1.1 Capa	83
2.2 PARTE INTERNA	84
2.2.1 Elementos pré-textuais	84

2.2.1.1 Folha de rosto	84
2.2.1.2 Folha de aprovação	85
2.2.1.3 Dedicatória (opcional)	86
2.2.1.4 Agradecimento(s) (opcional)	87
2.2.1.5 Resumos	88
2.2.1.6 Listas (Ilustrações, Tabelas, Abreviaturas e Siglas)	89
2.2.1.7 Sumário	90
AUTOATIVIDADE	91
2.2.2 elementos textuais	92
2.2.2.1 Introdução	92
2.2.2.2 Desenvolvimento	94
2.2.2.3 Conclusão ou considerações finais	100
2.2.3 Elementos pós-textuais	101
2.2.3.1 Referências	101
2.2.3.2 Apêndices	101
2.2.3.3 Anexos	101
LEITURA COMPLEMENTAR	102
RESUMO DO TÓPICO 3	105
AUTOATIVIDADE	106
 TÓPICO 4 - UNIFORMIZAÇÃO GRÁFICA DE TRABALHOS ACADÊMICOS	107
1 INTRODUÇÃO	107
2 ORIENTAÇÕES PARA DIGITAÇÃO	107
RESUMO DO TÓPICO 4	112
AUTOATIVIDADE	113
 TÓPICO 5 - O PAPER	115
1 INTRODUÇÃO	115
2 ARTIGO E PAPER	115
3 O PROBLEMA DE PESQUISA: ASSUNTO QUE SE QUER PROVAR OU DESENVOLVER	116
4 ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DO PAPER	118
AUTOATIVIDADE	119
4.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	120
4.1.1 Cabeçalho	120
4.1.2 Resumo	122
4.1.3 Palavras-chave	124
4.2 ELEMENTOS TEXTUAIS	124
4.2.1 Introdução	124
4.2.2 Desenvolvimento	125
4.2.2.1 Citações	125
4.2.2.2 Figuras	126
4.2.2.3 Gráficos	127
4.2.2.4 Tabelas	128
4.2.2.5 Quadros	129
4.2.2.6 Notas de rodapé	130
4.2.2.7 Títulos de seções	132
4.2.3 Considerações finais	134
4.3 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS	135
5 EXEMPLO DE PAPER	136
LEITURA COMPLEMENTAR	138
RESUMO DO TÓPICO 5	140
AUTOATIVIDADE	141

UNIDADE 3 - CITAÇÕES E REFERÊNCIAS	143
TÓPICO 1 - CITAÇÕES	145
1 INTRODUÇÃO	145
2 FUNÇÃO DAS CITAÇÕES	145
3 TIPOS DE CITAÇÕES	147
3.1 DIRETAS	147
3.1.1 Curtas	147
3.1.2 Longas	148
3.1.3 Outras orientações para as citações diretas	149
3.2 Citação indireta	152
3.3 OUTROS CASOS DE CITAÇÃO	153
3.3.1 Citação da citação	153
3.3.2 Citação de informação extraída da internet	155
3.3.3 Citação da Bíblia	156
4 INDICAÇÃO DA FONTE DAS CITAÇÕES	157
4.1 SISTEMA AUTOR-DATA	157
4.1.1 Regras de elaboração	158
AUTOATIVIDADE	163
4.2 SISTEMA NUMÉRICO	164
LEITURA COMPLEMENTAR	168
RESUMO DO TÓPICO 1	170
AUTOATIVIDADE	171
 TÓPICO 2 - REFERÊNCIAS	 173
1 INTRODUÇÃO	173
2 FONTES DE INFORMAÇÃO	174
2.1 PONTUAÇÃO NAS REFERÊNCIAS	175
3 ELEMENTOS PARA ELABORAR REFERÊNCIAS	179
3.1 AUTOR	179
3.1.1 Entidades coletivas (Órgãos, Empresas, Congressos ...)	181
3.2 TÍTULO DA OBRA	182
3.3 EDIÇÃO	182
3.4 ELEMENTOS DE IMPRENTA	183
3.5 DESCRIÇÃO FÍSICA	185
4 ELABORAÇÃO DE REFERÊNCIAS	186
4.1 LIVROS	186
4.2 DISSERTAÇÕES, TESES, TRABALHOS ACADÊMICOS	186
4.2.1 Considerados em parte	187
4.3 JORNAIS, REVISTAS (CONSIDERADOS NO TODO)	188
4.4 JORNAIS, REVISTAS (CONSIDERADOS EM PARTE)	188
4.5 ARTIGOS EM JORNAIS	188
4.6 ARTIGOS EM REVISTAS	190
4.7 RELATÓRIOS	190
4.8 DOCUMENTOS DE EVENTOS (ANAIS, RESUMOS etc.)	191
4.9 ENCICLOPÉDIAS	191
4.10 BÍBLIA	191
4.11 TRABALHOS ACADÊMICOS NÃO PUBLICADOS	192
4.12 PALESTRA, CONFERÊNCIA ...	192
4.13 ENTREVISTAS NÃO PUBLICADAS	192
4.14 ENTREVISTAS PUBLICADAS	193
4.15 FILMES	193

4.16 REFERÊNCIA LEGISLATIVA	193
5 REFERÊNCIAS DE FONTES ELETRÔNICAS	194
RESUMO DO TÓPICO 2	198
AUTOATIVIDADE	199
REFERÊNCIAS	200

UNIDADE 1

DO TEMA DA PESQUISA AO PROBLEMA DA PESQUISA: A BUSCA DO SABER COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Esta unidade tem por objetivos:

- constatar o tema da pesquisa como característica da curiosidade humana;
- identificar a implicação da pesquisa para a educação;
- perceber a importância da pesquisa para a sociedade;
- caracterizar e diferenciar os tipos de conhecimento;
- constatar a importância do conhecimento científico;
- identificar os princípios da organização da pesquisa.

PLANO DE ESTUDOS

Essa unidade está organizada em seis tópicos. Em cada um deles você encontrará dicas, textos complementares, observações e atividades que lhe darão uma maior compreensão dos temas a serem abordados.

TÓPICO 1 – DO TEMA DA PESQUISA AO PROBLEMA DA PESQUISA: A BUSCA DO SABER COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO

TÓPICO 2 – O ATO DE PESQUISAR COMO CONDIÇÃO DO HOMEM

TÓPICO 3 – O DESAFIO SOCIAL DA UNIVERSIDADE E A QUESTÃO DA PESQUISA

TÓPICO 4 – A QUESTÃO DO CONHECIMENTO: O QUE SIGNIFICA CONHECER, TIPOS DE CONHECIMENTO, CONHECIMENTO CIENTÍFICO

TÓPICO 5 – OS TIPOS DE CONHECIMENTO

TÓPICO 6 – ORGANIZAÇÃO DE SUA PESQUISA



DO TEMA DA PESQUISA AO PROBLEMA DA PESQUISA: A BUSCA PELO SABER COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO

1 INTRODUÇÃO

Falar em métodos e técnicas de pesquisa, em educação, é sempre um exercício que nos exige um esforço intenso de articulação de conceitos e relações, principalmente quando ligado ao campo da educação. Neste sentido, pretendemos apresentar conteúdos que ajudem a superar a falta de vínculo entre educação e pesquisa, a falta de entendimento da importância da pesquisa para a formação do próprio estudante e a falta de noção do ato de pesquisar para o crescimento do próprio homem.

Podemos dizer que a questão da pesquisa nem sempre foi dada a importância que se deveria. Há que se reconhecer, na história brasileira, que a educação e a pesquisa nem sempre andaram acompanhadas. Por isso, é importante ressaltar a pertinência da pesquisa no Ensino Superior. Queremos que você vivencie as leituras e atividades desse Caderno de Estudos não apenas como um tema a mais ou simplesmente uma disciplina a ser cumprida, mas que você de fato entenda a questão da pesquisa, sua concepção, possibilidades e metodologia que se aplicam. Queremos que você perceba que, com os conhecimentos obtidos pela pesquisa, terá uma trajetória acadêmica e profissional mais coerente.

Diante disso, antes de abordarmos de maneira direta a questão dos métodos e técnicas de pesquisa, faremos uma abordagem no entendimento do ser humano como ser aberto ao saber e ao mundo, ou seja, do ser humano como ser que pesquisa por sua própria origem e natureza. Essa abordagem é necessária para que se compreenda a pesquisa e sua importância, primeiramente, não como atividade exclusiva de cientistas ou técnicos em experimentos, mas para todo e qualquer estudante e profissional de qualquer área. Na mesma perspectiva, que se compreenda que a pesquisa é uma busca pelo saber, condição intrínseca ao ser humano.



Caro(a) acadêmico(a), nesse caderno queremos tornar evidente nosso esforço em demonstrar que a questão da pesquisa será abordada como “problema” no sentido de tornar esse caderno um esforço de demonstrá-la como atividade metódica e racional e não meramente como uma descrição de métodos de pesquisa sem um vínculo maior. Também, o intuito é mostrar a pesquisa como chave para se entender o próprio ser humano, como ser que pesquisa por sua própria natureza.

2 A BUSCA DA REALIZAÇÃO DO HOMEM NO MUNDO

Para Aristóteles, o fim último do homem é a felicidade. É fato que o homem buscou, ao longo dos tempos, se desenvolver mais. Sempre buscamos conhecer mais, desenvolver e reelaborar a cultura. O homem sempre buscou, então: conhecer mais, viver mais, suplantando suas fragilidades, dificuldades e limitações diante de um mundo que lhe era estranho.



Aristóteles de Estagira (384–322 a.C.) foi um dos mais importantes pensadores da antiguidade clássica, ao lado de Sócrates e Platão. De espírito intensamente criativo e excelente potencial filosófico, destacou-se na abordagem de temas ligados a todos os campos da investigação filosófica e das outras ciências.

FIGURA 1 - ARISTÓTELES



FONTE: Disponível em: < <http://www.netmundi.org/pensamentos/2012/08/aristoteles-e-o-motor-imovel/> >. Acesso em: 15 jul. 2007.

No convívio com a natureza, com o outro e consigo mesmo, historicamente o homem veio construindo a si e ao mundo. Busca a realização e busca realizar-se como projeto. O homem se constrói no tempo e no espaço como projeto. Projeto de vida, projeto de realização, projeto de felicidade.

Assim, uma das mais profundas experiências para o homem é a realização. É sua autorrealização. Ao mesmo tempo em que é desafio permanente, se apresenta como tarefa inacabada, pois nossa existência é sempre tarefa que se constrói no dia a dia. Frustração é sentimento de uma vida não realizada. A sensação de falta de tempo e de uma vida sem sentido.



Caro(a) acadêmico(a), entender o homem como projeto para a realização é fundamental para entendermos o sentido que a própria noção de pesquisa e ciência pode ter. Efetivamente, só tem sentido nós pensarmos a ciência e os vários campos do saber que ela abrange, quando a pensamos em benefício do homem. Parece óbvio o que estamos dizendo, contudo, nosso mundo é marcado exatamente pelo efeito contrário: pessoas que somente buscam a ciência e o conhecimento científico para benefício particular.

Envolto no tempo, o ser humano se descobre temporal e passageiro. Sabe que sua existência declina no tempo e busca, portanto, realizar-se, descobrir-se, projetar-se. Portanto, o homem é um ser que deve realizar-se por si mesmo. Do que é, para o que buscar ser: o que deseja ser.

Para os gregos, o ideal do homem integral move a busca de realização. O homem integral, o ideal do sábio, do filósofo, é o princípio grego da “paideia”. Um ser humano completo e sadio tanto de corpo como de mente.

Na Idade Média, a ideia de realização está ligada à concepção cristã de mundo que rege esse período: realizar-se seria estar alinhado à ideia de Deus. Um dos princípios está em colocar-se como servo de Deus e ser fiel aos preceitos e mandamentos do Cristianismo.

Na modernidade, encontramos a noção de realização e felicidade aliada à ideia da ciência e da técnica. O homem moderno aposta em um projeto existencial em que, pela ciência e pela técnica, conseguiria explicar o mundo, transformá-lo e levá-lo, conseqüentemente, à felicidade.

Na contemporaneidade encontramos um ser humano descrente. Tanto os ideais religiosos como os científicos são questionados. Os ideais de felicidade e realização modernos não se concretizaram. Encontramos, após toda essa caminhada e aventura do homem na busca do saber, um ser humano desconfiado,

cansado. Podemos falar, de certo modo, de um ser humano preocupado com seus limites e com os rumos do que vem vivendo.

Assim, pensar a questão da realização humana, principalmente nos tempos atuais, é, acima de tudo, um grande desafio. Nunca produzimos tantos bens de consumo. Nunca tivemos à nossa disposição tanto conhecimento. Ao mesmo tempo, nunca nos questionamos tanto sobre nossos próprios atos e sobre os limites do que queremos fazer.



Sobre o conceito de pesquisa, suas divisões e metodologias, estudaremos adiante.

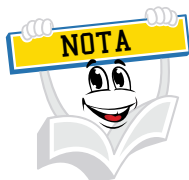
Caro(a) acadêmico(a), pensar o universo da pesquisa e de suas metodologias não tem sentido se a questão central não for o ser humano. A busca do bem-estar humano e a realização do homem em sentido último. Pesquisar, conhecer, propor, só têm sentido se permitirem ao pesquisador descobrir-se e contribuir de alguma maneira para o universo do saber humano.

3 A CONDIÇÃO “VERTICAL” DO HOMEM SOBRE O MUNDO

Pensar. Eis uma característica inerente ao ser humano. É marca que distingue o homem e o coloca como ente capaz de interpretar e conhecer a realidade à sua volta. A condição do pensar possibilita ao homem a capacidade de ser consciente de si mesmo, do mundo e da realidade em que vive.

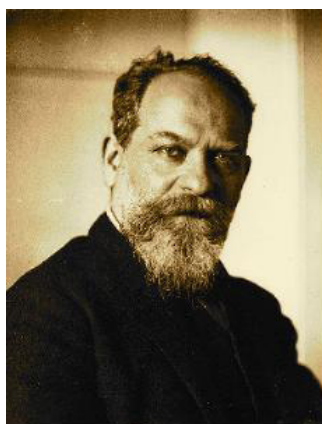
É característica do homem não apenas estar no mundo como existente. Ele se distingue das outras coisas situadas apenas no seu ambiente físico (coisas) ou no seu ambiente biológico (plantas e animais). O homem julga, reflete, conhece, isto é: supera e reelabora o conhecimento que possui. Os animais encontram em seu habitat seu ambiente natural. De alguma maneira, agem sobre esse ambiente de modo imediato e instintivo, sem reflexão. E instintivamente se aproximam ou fogem do que os circunda. Não ultrapassam esse limite.

O mesmo já não acontece com o homem. Seu ambiente vital não lhe é fechado e limitado. O homem consegue ultrapassá-lo indefinidamente, superando regionalismos, deficiências físicas e adaptando-se. Cada homem, de uma certa maneira, é cidadão do mundo. Cidadão da totalidade cósmica e se estende indefinidamente no tempo.



Edmund Husserl (1859-1938), influente pensador contemporâneo, pai da tradição filosófica da fenomenologia, que exerceu e vem exercendo, até então, influência sobre o pensamento filosófico.

FIGURA 2 – EDMUND HUSSERL



FONTE: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl>. Acesso em: 16 jul. 2007

Assim, embora seja o homem, por um lado, contingente e finito, horizontal e igual, portanto do ponto de vista biológico e material, por outro lado ele é capaz de se elevar sobre a realidade em um plano vertical. Ou seja, do ponto de vista da razão, da capacidade pensante, do seu conhecimento. É assim que Husserl define o homem: ser vertical. Assim, o homem é capaz de elevar-se sobre o mundo natural pela sua consciência e pelo seu espírito criativo. Desse modo, o homem acaba por transcender e ultrapassar de maneira vertical todo dado da realidade. É a razão e a capacidade de pensar que permitem ao homem condição de possibilidade de abstrair o mundo e colocar-se como ser acima do mundo, que pensa o mundo, que é ser vertical, portanto.

Como projeto de existência que somos em contínua construção, continuamente dialogamos e aprendemos com o mundo. Aprendemos e apreendemos o mundo. Captamos a realidade. Mas não toda a realidade. Nossa capacidade será sempre parcial sobre a realidade, pois não a enxergamos em sua totalidade. O mundo que nos aparece será sempre uma versão do mundo e, portanto, será sempre parcial e limitado frente ao todo que é a realidade, que talvez seja impossível de ser completamente conhecida.

Assim, é por essa condição de incompletude e de busca que o homem cada vez mais se lança no desafio de transcender-se, de ir além de si mesmo e das coisas que encontra no mundo. E desse impulso, dessa busca de conhecimento e de superação, nasce a ciência, fruto dessa característica humana.



Caro(a) acadêmico(a), como toda ferramenta de informação e entretenimento, a internet nos oferece bons *sites* para pesquisa. Como os temas que abordamos nesse tópico são eminentemente filosóficos, vamos indicar a você dois *sites* que consideramos interessantes para uma pesquisa de textos filosóficos minimamente articulados. São eles:

www.mundodosfilosofos.com.br
www.consciencia.org

Portanto, tanto quanto a realização e a felicidade como fim último do ser humano – como vimos anteriormente –, o homem é também ser que se supera, que se transcende. A busca pelo conhecimento faz com que sua consciência o projete como ser vertical. A ciência acaba resultando desse esforço. Portanto, pensarmos o papel da ciência e da pesquisa, seja ela em qualquer campo do conhecimento ou em qualquer área do saber, nos coloca sempre mais diante do desafio de pesarmos e entendermos essas questões como resultado da busca pela realização humana. E também como resultado dessa permanente capacidade do homem de superar, pela sua consciência, a si próprio e ao mundo.

LEITURA COMPLEMENTAR

Espreitar as estrelas e se deslumbrar com o mundo e sua vastidão é algo que, sem dúvida, acompanha o homem e sua aventura pelo universo para tentar desvendá-lo. Quanto mais o homem aprende, tanto mais descobre que ainda há muito para aprender. No texto abaixo, o físico e filósofo Roberto de Andrade Martins (1994) aborda essa questão. Mostra a angústia e a aventura do homem em sua jornada por descobrir o mundo. Buscar uma resposta sobre as causas últimas do mundo, de si e do mundo, é algo que acompanha a própria história do homem diante da realidade. É isso que o texto faz refletir.

O Mundo, um Enigma

Nossa viagem pela história do pensamento humano mostrou muitas tentativas realizadas para compreender a origem do universo. Essa busca existiu nas diferentes civilizações, em todos os tempos. Mas a forma de buscar essa explicação variou muito. O mito, a filosofia, a religião e a ciência procuraram dar uma resposta a questões fundamentais: o universo existiu sempre ou teve um início? Se ele teve um início, o que havia antes? Por que o universo é como é? Ele vai ter um fim?

O conhecimento atual sobre o universo está muito distante daquilo que era explicado pelos mitos e pela religião. Nenhum mito ou religião descreveu o surgimento do sistema solar, do Sol, das galáxias ou da própria matéria. Esperaríamos da ciência uma resposta às nossas dúvidas, mas ela também não tem as respostas finais.

Por que não desistimos, simplesmente, de conhecer o início de tudo? Que importância pode haver em alguma coisa que talvez tenha ocorrido 20 bilhões de anos atrás?

A presença universal de uma preocupação com a origem do universo mostra que esse é um elemento importante do pensamento humano. Possuir alguma concepção sobre o universo parece ser importante para que possamos nos situar no mundo, compreender nosso papel nele. Em certo sentido, somos um microcosmo. O astrônomo James Jeans explicava o interesse do cientista por coisas tão distantes de nossa vida diária da seguinte maneira:

- "Ele quer explorar o universo, tanto no espaço quanto no tempo, porque ele próprio faz parte do universo, e o universo faz parte do homem."

Essa busca de uma compreensão do universo e do próprio homem ainda não terminou. De uma forma ou de outra, todos participamos da mesma procura. Uma procura que tem acompanhado e que continuará a acompanhar todos os passos da humanidade.

FONTE: MARTINS, Roberto de Andrade. **O universo**: teorias sobre sua origem e evolução. São Paulo: Moderna, 1994.



RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico você viu que:

- Para Aristóteles, a felicidade e a realização são as metas últimas do homem.
- O homem é essencialmente um ser voltado para a felicidade e a realização.
- O homem é ser vertical, é sempre ser que se supera diante do mundo e da realidade.
- Pensar a pesquisa e a questão do conhecimento é pensar a dimensão fundamental da realização humana.
- A busca de respostas e explicações acompanha o ser humano em sua aventura pelo universo.

AUTOATIVIDADE



Caro(a) acadêmico(a), sabendo que a busca por respostas move o homem, cite dois exemplos de temas que lhe despertam interesse dentro da graduação que você cursa. Procure se lembrar de temas que lhe movem a descobrir ainda mais o mundo e a realidade à sua volta.



O ATO DE PESQUISAR COMO CONDIÇÃO DO HOMEM

1 INTRODUÇÃO

Assim como o homem é ser que se abre ao mundo tornando-se vertical, ser que transcende o mundo e a realidade, é pelo ato de pensar, repensar e pesquisar que o homem atinge esses ideais. É o ato da pesquisa que torna o homem ser aberto e lhe possibilita interpretar a realidade atuando sobre ela. É sobre isto que trataremos com mais profundidade nas páginas seguintes.

2 A PESQUISA E SUA DIMENSÃO FUNDAMENTAL AO HOMEM

Quando falamos em pesquisa, de súbito nos vem à mente a noção comum de pesquisa como algo que está ligado e é intrínseco à questão das ciências experimentais. De súbito, nossa mente fica recheada de imagens de cientistas, vestidos de branco em sofisticados laboratórios e realizando toda sorte de experimentos.

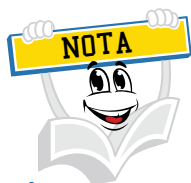
Essa visão de “pesquisa”, como algo restrito a cientistas e especialistas de laboratórios, é própria de uma visão construída dentro da modernidade. Nesta visão, entende-se que o ato de pesquisar está exclusivamente ligado às ciências experimentais e aos técnicos, porque somente essas ciências poderiam nos dar uma explicação eficiente e coerente do mundo.

De certa forma, essa visão não está completamente equivocada. Evidentemente que as ciências experimentais nos fornecem conhecimentos, conclusões e possibilidades de interpretação dos fenômenos naturais e do mundo que nos cerca. Contudo, somente as ciências experimentais não fornecem todas as respostas. As ciências humanas, a educação e a própria filosofia, que fundamenta os conceitos básicos dos quais partem os cientistas, também contribuem para o processo de pesquisa. No entanto, a radicalização da visão cientificista de mundo acaba por reduzir os saberes “mais válidos” apenas como aqueles ligados às questões das ciências experimentais. Observem a imagem abaixo:

FIGURA 3 – O SONO DA RAZÃO PRODUZ MONSTROS



FONTE: Disponível em: <<http://1.bp.blogspot.com/-ITtVEcf8ChE/U7PYX6eo3il/AAAAAAAAAo/y14YOVNr-KQ/s1600/O+sono+da+raz%C3%A3o+produz+monstros.jpg>>. Acesso em: 16 jul. 2008.



Nesse quadro, Goya mostra a razão adormecida e criaturas que se levantam. Caro(a) acadêmico(a): todas as vezes em que a razão se calou ou os intelectuais – principalmente os pensadores – não foram ouvidos, coisas ruins aconteceram. Então, não podemos pensar a ciência por ela mesma: o debate filosófico, ético, deve acompanhá-la.

Assim, a noção inicial que queremos discutir, em primeiro plano, é que o ato da pesquisa está muito ligado às ciências experimentais. Contudo, não apenas a elas, mas a todas as ciências, e inclusive na educação. Por isso, é necessário que se compreenda a importância da pesquisa na educação e de que o professor também é um cientista. Enfim, pesquisa científica é própria de todo aquele que participa do universo acadêmico: de qualquer área da ciência. A noção de educação e de ensino, na perspectiva da pesquisa, envolve toda comunidade escolar ou acadêmica.

Nesta mesma perspectiva, é necessário que se reconheça que o ato de pesquisar, próprio da curiosidade humana, dessa incansável busca pelo saber, é característica inerente ao ser humano. O assombro e a maravilha do homem diante da realidade que o circunda o impulsionaram historicamente a conhecer. O conhecimento humano é, portanto, fruto dessa insatisfação permanente diante da realidade na qual vivemos, que nos cerca e que buscamos sempre mais conhecer.

Portanto, pesquisar é um ato humano. A pesquisa científica existe como resultado dessa permanente busca. Assim, tanto a busca da felicidade quanto a capacidade de superar e pesquisar são condições inerentes ao homem.



No sentido de evidenciarmos o caráter da pesquisa que o homem traz em si, por natureza, sugerimos o filme “Óleo de Lorenzo”. Nele, temos um belo exemplo do potencial humano e da capacidade de superação diante do mundo e da realidade.

LEITURA COMPLEMENTAR

Pesquisa envolve de maneira profunda o desenvolvimento do ser humano. Potencializa suas capacidades. No caso da formação profissional é imprescindível, na medida em que qualifica o olhar do pesquisador. Então, no texto abaixo, Pedro Demo nos traz essa noção, ressaltando a importância do pesquisar. Vejamos:

A importância da pesquisa na formação profissional

A educação brasileira padece de um grande mal: a desvinculação entre ensino e pesquisa. Raros são os cursos de Ensino Superior que efetivamente envolvem os seus alunos no processo de pesquisa, problema particularmente mais acentuado nas licenciaturas.

A função da pesquisa não é apenas a de formar um pesquisador ou de produzir conhecimentos novos, mas, efetivamente, de preparar o profissional para operar a tão propalada relação teoria-prática. De uma maneira geral, a teoria é uma generalização que na prática aparece de forma muito particular, pelas diferentes interações que a compõem. A relação teoria-prática implica num domínio da teoria associado ao conhecimento do real. Em ambos os casos se faz necessária uma *qualificação do olhar*, ou seja, estar dotado da capacidade de olhar a realidade e perceber a complexidade de seus elementos. Assim se faz possível lançar mão da teoria mediada com a realidade na sua complexidade onde se realiza a prática.

Neste sentido, qualquer profissional precisa *qualificar o seu olhar* para compreender a sua realidade. O médico detém um conhecimento concreto de sintomas e posologias de uma doença, ele sabe também do contexto em que elas aparecem. No entanto, as combinações entre sintomas e contextos de manifestações das doenças permitem uma gama muito grande; logo, as posologias requerem cuidado e novas observações. Ao médico cabe então *qualificar o seu olhar* para que o seu conhecimento esteja em interação com a realidade. Assim, ao desenvolver uma pesquisa, qualquer que seja ela, o profissional da medicina deve visar esta mediação: a teoria e a realidade, interagindo na observação do aparecimento de uma doença em diversos pacientes com contextos diversos (como idade, sexo, atividade profissional, local de moradia) e estudar as posologias mais eficientes.

Este exercício teórico, mesmo que não seja inédito, permite qualificar a sua intervenção profissional.

Entre professores, é de extrema importância a prática da pesquisa, pois a interação com as diferentes realidades e indivíduos com que o professor se defronta no dia a dia faz do professor alguém que precisa interagir de maneira mais dinâmica possível. Neste sentido, o professor precisa *qualificar o seu olhar* para perceber os nexos particulares dos processos e dos indivíduos com que lida diariamente. Buscando na teoria algumas reflexões generalizantes, que são mediadas pela sua prática no dia a dia. Para o educador, o exercício da pesquisa na pós-graduação é o momento de lidar com instrumentos de conhecimento da teoria e da realidade para qualificar a sua atuação profissional e responder com mais êxito aos desafios colocados pela realidade.

FONTE: DEMO, Pedro. **Pesquisa:** Princípios Científicos e Educativos. São Paulo: Cortez, 1991.



RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você viu que:

- Pesquisar é condição inerente ao ser humano.
- Pesquisar não é atividade restrita a pesquisadores profissionais ou mesmo apenas a “cientistas”.
- Para a educação, a pesquisa também desempenha um importante papel.
- Normalmente, a teoria e a prática aparecem desvinculadas na educação brasileira.
- A pesquisa é um elemento pertinente na qualificação do olhar do pesquisador.



Caro(a) acadêmico(a), vimos na leitura complementar que o autor deixa bem claro o papel do profissional que precisa qualificar seu olhar para melhor compreender a realidade. Nesse sentido, aponte dois exemplos de áreas de trabalho em que, no seu entendimento, as pessoas demonstram claramente que não estão preparadas.



O DESAFIO SOCIAL DA UNIVERSIDADE E A QUESTÃO DA PESQUISA

1 INTRODUÇÃO

Nosso tempo é um tempo que nos exige não apenas competência específica na área em que atuamos. Precisamos saber ler o mundo. A cada dia que inicia, algo de novo nos vários campos da cultura humana acaba aparecendo. Além disso, as mais diferenciadas transformações, nos mais diferenciados setores da cultura humana, se somam a cada dia. O mundo atual nos exige atenção. Exige-nos domínio das novas tecnologias e capacidade de compreender a história e a geopolítica contemporânea. Enfim, exige-nos olhar crítico. É isso que abordaremos nesse tópico.

2 O DESAFIO CENTRAL DA UNIVERSIDADE DIANTE DOS NOVOS TEMPOS

Vivemos tempos de mudanças, ou podemos até dizer que vivemos uma mudança de tempos. Em certo sentido, dinamizar o mundo e aprimorá-lo sempre foi uma característica básica do ser humano, como já vimos anteriormente. Mas, o que nos chama mais a atenção nesses tempos é a velocidade com que todas essas transformações ocorrem.

Então, todo dia ligamos nosso rádio, a TV, acessamos a internet ou qualquer outra fonte de informação, e normalmente somos “bombardeados” por uma verdadeira avalanche de novidades e informações que vêm de todos os cantos. Sejam essas informações interessantes e edificantes ou sobre guerras, fomes ou temas que nos deixam preocupados. René Dreifuss (1996, p. 17) diz que vivemos sob o signo da recriação:

Vivemos tempos e espaços marcados cotidianamente pela simultaneidade das irrupções científicas e eclosões tecnológicas, concomitantes e interativas, em todos os campos do conhecimento, da atividade e da existência humana. Fragmentos da humanidade se reconhecem na mudança e em processo de mutação; “pensam o futuro”, autoconscientes de sua gestação. Durante séculos, ou milênios, o esforço criativo se concentrou na complementação e ampliação da capacidade manual e locomotiva do ser humano, além de buscar a reprodução, aumento e substituição (em forma de objeto, máquina ou sistema) da capacidade muscular e das possibilidades de articulação física. Hoje, o esforço se concentra na reprodução (em equipamentos) dos sistemas

visual e nervoso humanos e da capacidade física de pensar, além da réplica (inatingível) das condições aproximadas de funcionamento do cérebro e da memória. [...].

Nosso tempo é marcado, sobretudo, por grandes desafios e contradições. Por um lado, o desafio social. A questão da distribuição das riquezas. Acesso à tecnologia. Por outro, as questões ambientais e, dentro dessas, marcadamente as questões climáticas. Temos, por outro lado, um conjunto de possibilidades éticas e humanas que nos dá grandes chances de transpormos e solucionarmos grande parte desses problemas.

FIGURA 4 – GLOBALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <http://www.ricardopomeranz.com.br/images/221_post.jpg>. Acesso em: 15 jul 2008.



A chamada globalização, ao mesmo tempo em que aumenta as relações de interdependência entre povos e países, também nos coloca diante de grandes desafios sociais e humanos.

É nesse sentido que é crucial o papel das universidades. Estas, como centros de reelaboração do saber, desempenham papel central nessa questão, exatamente quando nos possibilitam abrir novos horizontes e possibilidades. Como centros não apenas de repasse, mas de reelaboração do saber, as universidades nos ajudam a repensar a realidade, que tanto necessita de pessoas com capacidade e um olhar mais crítico. Segundo Dreifuss (1996, p. 13):

A despeito das antigas mazelas, o planeta tem uma 'nova cara', modelada por acelerados processos em curso – de diferenciação, diversificação

e recomposição econômica e político-estratégica – que espelham a dinâmica de uma verdadeira transformação das bases científico-tecnológicas, culturais e socioeconômicas avançadas. Transformações nas modalidades de produção e nas formações societárias que apontam para movimentos de mutação civilizatória, configurados em menos de 20 anos.

Assim, diante desse cenário de reconfiguração e de desafios em escala mundial, cabe à universidade contribuir de forma decisiva para que os jovens recuperem a capacidade de sonhar e se libertem do imediatismo de hoje. Cabe à universidade garantir que os jovens se tornem cidadãos conscientes de um mundo globalizado.

Ainda, vale ressaltar que o mundo atual é dominado pelas nações que detêm os maiores investimentos em ciência e pesquisa. É na máxima de Francis Bacon (1561-1626), segundo o qual “saber é poder”, que essa questão se torna mais clara para nós, e entendemos porque então é estratégico que se invista e se leve a sério a questão do conhecimento e da pesquisa.

Portanto, fomentar a pesquisa, a ciência, em nosso país marcado pela exclusão social, do ensino, principalmente o superior, é condição primordial para que possamos nos emancipar socialmente e culturalmente, em um mundo marcado pelo controle e dominação das nações mais ricas e que detêm o conhecimento científico. O resultado desse esforço, não de forma imediata ou no curto prazo, mas a médio e longo prazo, certamente afetará a cada um de nós.

LEITURA COMPLEMENTAR

Pesquisa: desafio central

Na mesma linha da discussão que apresentamos, o texto que segue, de Pedro Demo, evidencia a importância da pesquisa no contexto da universidade e no mundo atual.

A questão da pesquisa

Tomamos como desafio central da educação superior a produção de conhecimento próprio com qualidade formal e política, capaz de postá-la na vanguarda do desenvolvimento (FAVERO, 1989). A alma da vida acadêmica é constituída pela *pesquisa*, como princípio científico e educativo, ou seja, como estratégia de geração de conhecimento e de promoção da cidadania. Isto lhe é essencial, insubstituível. Tudo o mais pode ter imensa significação, mas não exige instituição como a universidade, nem mesmo para apenas ensinar (DEMO, 1991).

A trilogia repetida "ensino/pesquisa/extensão" precisa ser revista, não só porque nossa experiência é pouco convincente, mas, sobretudo, porque os termos apresentam expectativas heterogêneas. Um conceito adequado de pesquisa é capaz

de absorver, com vantagens, os outros dois, e redirecionar a universidade para o comando da modernidade.

Pesquisar não se restringe a seu aspecto sofisticado mais conhecido, que supõe domínio de instrumentações pouco acessíveis. Também não significa apenas esforço teórico, mera descoberta de lógicas e sistemas, simples experimentação laboratorial. Ainda, não se esgota em ritos tipicamente acadêmicos, como se fosse atividade exclusiva (LUCKESI et al., 1991).

Em primeiro lugar, pesquisa significa *diálogo crítico e criativo com a realidade, culminado na elaboração própria e na capacidade de intervenção*. Em tese, *pesquisa é a atitude do "aprender a aprender"*, e, como tal, faz parte de todo processo educativo e emancipatório. Cabe - deve caber - no pré-escolar e na pós-graduação. No primeiro, é claro, aparece mais o lado da pesquisa como princípio educativo (questionar e construir alternativas); na segunda, aparece mais a pesquisa como princípio científico.

Podemos colocar isto mal, ao insinuar que pesquisa pode ser "qualquer coisa", recaindo no lado oposto ao da extrema sofisticação. Não é o caso, pois estamos nos movimentando no espaço típico da qualidade formal e política, não de qualquer coisa. Pesquisa, tanto como princípio científico quanto educativo, exige profunda competência e sua renovação incessante.

Em segundo lugar, pesquisa funda o ensino e evita que este seja simples repasse copiado. Ensinar continua sendo função importante da escola e da universidade, mas não se pode mais tomar como ação autossuficiente. Quem pesquisa, tem o que ensinar; deve, pois, ensinar, porque "ensina" a produzir, não a copiar. Quem não pesquisa, nada tem a ensinar, pois apenas ensina a copiar.

Em terceiro lugar, pesquisa aponta para a direção correta da aprendizagem, que deve ser elevada a "aprender a aprender". Aprender é uma necessidade de ordem instrumental, mas a emancipação se processa pelo aprender a aprender. É fundamental, portanto, "ensinar" a pesquisar, ou seja, superar a mera aprendizagem, sempre que possível. No fundo, só aprende quem aprende a aprender. Tanto a escola quanto a universidade não buscam o aprendiz, mas o pesquisador, ou o mestre capaz de projeto próprio.

Em quarto lugar, pesquisa acolhe, na mesma dignidade, teoria e prática, desde que se trate de dialogar com a realidade. Cada processo concreto de pesquisa pode acentuar mais teoria, ou prática; pode interessar-se mais pelo conhecimento ou pela intervenção; pode insistir mais em forma ou em política. Todavia, como processo completo, toda teoria precisa confrontar-se com a prática, e toda prática precisa retomar a teoria.

Com isto dizemos que o conceito de extensão somente é necessário quando a prática se perde e já só pode entrar pela porta dos fundos, como algo extrínseco. O compromisso educativo da universidade não pode ser resgatado pela extensão, porque deveria ser intrínseco à pesquisa como tal. A cidadania que a universidade

promove é aquela mediada pela ciência, ou seja, o próprio processo de produção científica carece ser educativo. Trata-se de prática intrínseca, que desde já afasta posturas neutras, positivistas, bem como repele ativismos. Prática tem que ser curricular, como qualquer matéria, e sempre voltar à teoria. E vice-versa (GURGEL, 1986).

Na universidade não pode haver grupo separado de pesquisadores, de docentes, de extensionistas. Pesquisa é o cotidiano mais cotidiano. Não supõe lugar especial, salário adicional, horário específico. Isto não impede que alguém se dedique apenas à pesquisa como princípio científico, mas exige que toda profissionalização conserve pelo menos pesquisa como princípio educativo (capacidade de questionar, de se reciclar, de continuar aprendendo a aprender).

Deverá desaparecer aquele que se imagina especialista em dar aulas, se fizer apenas isto. Universidade que apenas ensina está na ordem da sucata. Não tem qualquer condição de conduzir à modernidade, até porque é estritamente arcaica. Ademais, esta atividade de mero repasse copiado será, cada vez mais, substituída pelos meios eletrônicos disponíveis, sendo aí o professor necessário para conceber, criar os programas, não para repassar.

Não tem sentido pedagógico o mero repasse copiado, por mais que coloque um professor na frente de um conjunto de alunos. Esta relação é viciada e vetusta. *Contato pedagógico próprio da universidade é aquele mediado pela produção/reconstrução de conhecimento.* Sem esta produção, não se distingue de outros possíveis contatos pedagógicos, como a relação pais e filhos, ou o ambiente de influência mútua na esquina e no boteco, ou o ambiente da vizinhança, ou a relação polícia/população.

A velha aula vive ainda da quimera do "fazer a cabeça do aluno", via relação discursiva, decaída na exortação e na influência autoritária, sem perceber que isto, no fundo, sequer se diferencia do fenômeno da fofoca. Educação encontra no ensinar e no aprender apenas apoios instrumentais, pois realiza-se de direito e de fato no aprender a aprender. Dentro desse contexto, caduca a diferença clássica entre professor e aluno, como se um apenas ensinasse, outro apenas aprendesse. Ambos colocam-se o mesmo desafio, ainda que em estágios diversos. A pedagogia da sala de aula vai esvaindo-se irremediavelmente, porque está equivocada na raiz.

Universidade não será um *campus* cheio de salas de aula, mas um lugar para produzir ciência própria, com qualidade formal e política. O ensino decorre como necessidade da socialização e da prática, mas já não funda o sentido básico da universidade.

O professor assume postura de orientador, definindo-se como alguém que, tendo produção própria qualitativa, motiva o aluno a produzir também. Este processo produtivo começa do começo, ou seja, começa pela cópia, pela escuta, pelo seguimento de ritos introdutórios, mas precisa evoluir para a autonomia. Se educação é na essência emancipação, cabe *fazer* acontecer, não apenas acontecer. Educação deve fundamentar a capacidade de produzir e participar, não restringir-

se ao discípulo, que ouve, toma nota, faz prova, copia, sobretudo "cola".

Ao mesmo tempo, este posicionamento muda o conceito de informação passiva para ativa. Muitos "auleiros" defendem a aula porque socializam o conhecimento da matéria, pelo menos informação básica sobre ela. Há vários equívocos aí:

- a) o aluno que apenas escuta exposições do professor, no máximo se instrui, mas não chega a elaborar a atitude do aprender a aprender;
- b) o professor sem produção própria não tem condições de superar a mediocridade imitativa, repassando, pois, esta mesma;
- c) é absurdo aceitar que, no percurso de um professor que lê em outros autores e repassa para alunos, que, por sua vez, também apenas escutam e copiam, aconteça qualquer coisa de relevante, sobretudo informação ativa;
- d) reduzida a vida acadêmica a apenas isto, não acontece o essencial, seja na linha da qualidade formal (instrumentação técnica da autossuficiência), seja na linha da qualidade política (fundamentação da cidadania);
- e) quem permanece no mero aprender não sai da mediocridade, fazendo parte da sucata.

Aulas permitem visão geral da matéria, desde que se origine de quem a domina via produção própria. A pretendida visão geral oriunda de alguém que meramente repassa comete o equívoco, primeiro, de imaginar-se "visão", e, segundo, de equiparar o "geral" a aprofundamento necessário. Não há como substituir o esforço de elaboração própria, porque seria o mesmo absurdo de pretender a própria emancipação feita pelos outros.

Elaboração própria não poderia resumir-se à construção teórica, cujo protótipo é o "*paper*". Em termos acadêmicos, talvez seja a face mais palpável. Faz parte da pesquisa a noção essencial de *produtividade*, entendida como capacidade de pensar e intervir na realidade. As áreas exatas e naturais são menos discursivas, prevalecendo o desafio de inovar pela experimentação, pelo desdobramento de novas tecnologias, pelo desbravamento de novos processos e sistemas, embora isto suponha sempre domínio teórico. Ademais, dia virá em que, em vez do "*paper*", se fará um vídeo ou algo semelhante.

A *produtividade*, centrada na elaboração própria, é representativa da atitude ativa, construtiva, confrontadora, compatível com a noção de sujeito histórico crítico e criativo. Ser produtivo, primeiro, não é fantasiar-se de posturas mercadológicas, para imitar o sistema produtivo. Mas pode-se aproveitar dele o que tem de motivador, ou seja, a ambiência dinâmica dialética, no contexto de interesses sociais contraditórios. Segundo, a pesquisa acadêmica não pode restringir-se a um tipo de atividade no fundo teórico-discursiva, que no máximo aparece em "*paper*". Inclui noção muito mais larga e profunda, que contemple, por exemplo:

- a) capacidade de dinamizar o ambiente acadêmico também em termos de *prática*;
- b) habilidade de consolidar competência científica em todos os novos espaços do mundo moderno, sobretudo em termos de *instrumentações eletrônicas*;

- c) visão e ação sempre renovadas em termos de inovação científica e tecnológica, nas quais *capacidade laboratorial, experimental*, é crucial;
- d) presença educativa, nem sempre escrita, codificada, mas viva, sobretudo no sentido de motivar a pesquisa;
- e) capacidade de dinamização cultural, para fazer o elo orgânico e criativo entre passado e futuro.

Com isto dizemos que pesquisa, primeiro, é questão de *atitude processual cotidiana*, não de produtos estereotipados. Segundo, precisa certamente condensar-se em expressões concretas, mas que continuarão eventuais, se desgarradas da atitude fundante. A produtividade significa primordialmente o compromisso com participação ativa, em todos os sentidos, em particular o de postar-se na vanguarda do desenvolvimento (CUNHA, 1989).

FONTE: DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.



Caro(a) acadêmico(a): dois filmes que gostaríamos de indicar a você como referência para esta unidade e para sua formação acadêmica. Vejamos:

Sociedade dos Poetas Mortos (1989): John Keating leciona literatura numa centenária e tradicional escola preparatória. São os anos 50. Com seus métodos pouco ortodoxos, ele desperta os alunos para o rico universo da poesia e das ideias. E também a resistência dos pais e da direção da escola. "Aproveite o dia", ele diz aos alunos. E os ensina que pensar e olhar as coisas por outro ângulo é o que conta. Instigados por esse novo mundo, sete dos rapazes decidem recriar a Sociedade dos Poetas Mortos, nome que um grupo de estudantes, do qual Keating fez parte quando jovem, deu às reuniões que faziam para ler poesia. Mas os conflitos são difíceis de superar. E a liberdade custa caro. Uma interessante visão de educação e pesquisa.

Encontrando Forrester (2000): Jamal Wallace (Robert Brown) é um jovem adolescente que ganha uma bolsa de estudos em uma escola de elite de Manhattan, devido ao seu desempenho nos testes de seu antigo colégio no Bronx e também por jogar muito bem basquete. Após uma aposta com seus amigos, ele conhece William Forrester (Sean Connery), um talentoso e recluso escritor com quem desenvolve uma profunda amizade. Percebendo talento para a escrita em Jamal, Forrester procura incentivá-lo para seguir este caminho, mas termina recebendo de Jamal algumas boas lições de vida.



Caro(a) acadêmico(a), gostaríamos de sugerir, a título de aprofundamento, as obras de Pedro Demo, no sentido de ampliar a visão da pesquisa e sua importância na construção do conhecimento acadêmico. Gostaríamos de referenciar aqui duas obras: A que acabamos de ler, "Desafios Modernos da Educação", e outra obra de grande prestígio no meio acadêmico: "Educar pela Pesquisa." Ambas trazem um belo debate. Sem contar que esse autor tem inúmeras publicações em revistas, palestras e muitas contribuições ao meio acadêmico.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico vimos que:

- Vivemos um tempo de intensas transformações, que nos exigem, acima de tudo, postura crítica e capacidade de análise diante do mundo.
- Como centro de reelaboração do saber, a universidade tem por dever fomentar a pesquisa e a elaboração do conhecimento.
- Pesquisa significa diálogo crítico.
- Pesquisa envolve também “aprender a aprender”.
- O ato de pesquisar também faz com que a educação não seja mero repasse de saberes.

AUTOATIVIDADE



A partir da leitura desse tópico, bem como de todo o texto, responda às seguintes questões:

- 1 Qual o desafio central da universidade e do Ensino Superior? Desenvolva.
- 2 Qual o papel do professor no processo de fomento da pesquisa?



A QUESTÃO DO CONHECIMENTO: O QUE SIGNIFICA CONHECER, TIPOS DE CONHECIMENTO, CONHECIMENTO CIENTÍFICO

1 INTRODUÇÃO

Sem capacidade de conhecimento, o ser humano não seria o que é. Mesmo assim, o conhecimento não se dá ao homem de uma forma pronta e concluída. O conhecimento não deve ser confundido como se fosse o próprio ser do homem. O conhecimento não é algo pronto no homem, mas é possibilidade, isto é, uma condição para o ser do homem. O conhecimento é uma capacidade humana para o homem poder realizar-se como ser pensante. O conhecimento não se define pelo que é, mas pelo seu poder ser no homem e para o homem. Por isso, o conhecimento é uma tarefa permanente no homem.

Caro(a) acadêmico(a), nas páginas seguintes abordaremos essa questão do conhecimento. O que é, o que significa e sua importância para o homem. Chegamos a esse estágio de desenvolvimento graças à nossa incansável busca pelo saber. Evidentemente, problemas e consequências pelo mau uso de nosso conhecimento também nos acompanham. Então, nosso grande desafio é entender a dinâmica do conhecimento e, a partir disso, buscarmos conhecer a realidade com o objetivo de torná-la melhor. Boa leitura!

2 O QUE SIGNIFICA CONHECER

Quando falamos em conhecimento, falamos sempre em uma relação que se estabelece fundamentalmente entre dois elementos: sujeito e objeto. O conhecimento sempre se dá a partir dessa dualidade. O sujeito é o que conhece – chamamos de sujeito cognoscente. O objeto é o que será conhecido – chamamos de cognoscível. Então, o sujeito cognoscente (homem), a partir de sua capacidade de conhecer e estudar a realidade, toma conhecimento de seu objeto de estudo. Aqui, vale chamar a atenção para o fato de que quanto mais complexo o objeto de estudo, mais o sujeito que está estudando terá dificuldade em interpretá-lo. Se o objeto de estudo for um ser humano, por exemplo, temos um objeto de estudo bastante complexo de ser interpretado. Podemos colocar a relação de conhecimento, para ficar mais clara, na seguinte fórmula:

SUJEITO (S) → OBJETO (O) = CONHECIMENTO

O estudo e a pesquisa para responder à questão sobre o que significa conhecer fazem parte de uma disciplina denominada Gnosiologia ou Teoria do conhecimento. Gnosiologia é uma palavra de origem grega e quer dizer: *gnose* - conhecimento e *logia* - estudo, saber. Geralmente, todo ser humano, procurando satisfazer a curiosidade que lhe é inata, desconfia da aparência das coisas e procura respostas que apresentam maior segurança e certeza. Há também a epistemologia, que estuda as bases do conhecimento, ou seja, se aquilo que uma certa teoria sustenta tem ou não validade, ou se é sustentável ou não.



Blaise Pascal (Clermont-Ferrand, Puy-de-Dôme, 19 de junho de 1623 - Paris, 19 de agosto de 1662) foi um filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que como filósofo e místico criou uma das afirmações mais pronunciadas pela humanidade nos séculos posteriores, O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção.

Pascal definiu o homem como um dos mais frágeis seres da natureza. Contudo, lembra o filósofo, é pensante. Assim, pode-se considerar que a cultura humana é resultado da capacidade de conhecer. Neste sentido, uma das características fundamentais do ser humano, e que o diferencia dos demais seres vivos, é a capacidade reflexiva sobre aquilo que está como objeto de sua percepção. As representações que faz da realidade, o conhecimento como resultado de seu pensamento sobre os fatos, a memória como recordação, a imaginação como formadora de hipóteses e possíveis certezas, são alguns dos exemplos de suas habilidades mentais. Então somos de fato seres frágeis, mas nos diferenciamos por nossa capacidade de adaptação ao mundo e à realidade que nos cerca.

A questão do conhecimento está em evidência desde a Grécia antiga (século IV A.C.). Nas obras de Platão e Aristóteles temos as bases da discussão que norteiam as grandes concepções de conhecimento. De lá até a atualidade já se passaram mais de dois mil anos e a questão do conhecimento é sempre central, no sentido de apontar os caminhos pelos quais os homens buscaram, e ainda buscam, conhecer e explicar a própria origem do conhecimento.

Olhando ainda a questão do ponto de vista histórico, parece evidente ter ocorrido progresso em quase tudo. Progresso material, progresso financeiro, progresso na aprendizagem, enfim, o progresso pode ser uma matriz que direciona o modo de agir e de pensar. Será que o mesmo se pode dizer em relação à questão do conhecimento? Se não é possível falar de progresso do conhecimento, certamente

se pode concordar que houve um acúmulo. Evidentemente, cabe aqui ressaltar esse fenômeno contemporâneo, típico do nosso estágio de desenvolvimento atual. Nunca tivemos tanta informação produzida e veiculada instantaneamente pelo mundo. Nunca tivemos tanta informação e, de certa maneira, nunca tivemos tanto acesso à informação como temos agora. Vale dizer ainda que vivemos na era da simultaneidade e da instantaneidade. Temos acúmulo de informações, mas muitas vezes nos falta conhecimento. Acumulamos informações sobre todas as coisas, mas não refletimos sobre elas, então podemos dizer que estamos muito informados, mas, ao mesmo tempo, temos pouco conhecimento.



Um filme que aborda de maneira muito forte a aventura do conhecimento humano é o filme **A Guerra do Fogo**. O filme é um estudo profundo e delicado sobre a descoberta do fogo na pré-história. Coube a Anthony Burgess criar uma “linguagem falada” e ao etnólogo Desmond Morris a linguagem corporal e gestual das tribos beneficiadas pelo fogo. Baseado no livro de J. H. Rosny.

Diante de tais observações, como se pode definir o conhecimento? É possível e é necessário fazer uma definição do conhecimento? Se é possível, quando se pode dizer que alguém tem e outro não tem o conhecimento? Ainda, podemos falar em saber mais? Saber menos ou saberes diferentes? Evidentemente, cada forma de saber tem sua característica e valor. Mas também tem suas possibilidades e limitações. A isso chamamos tipos de conhecimento, que estudaremos a seguir.

Ainda sobre nosso conhecimento produzido atualmente, questiona-se muito o ser humano como sujeito do conhecimento. Interpretamos o mundo. Transformamo-lo. Mas, ao mesmo tempo, a que preço? Se olharmos para o século XX, as guerras mundiais, a violência do conhecimento científico sobre a natureza, o surgimento de doenças a partir de experiências de laboratório, ficamos preocupados. Agora, no século XXI, as guerras que continuam, a pobreza, a questão climática. Então, a questão do conhecimento passa a ser sempre importante para nos situarmos no mundo, marcadamente em nosso tempo. Quando falamos que o homem é sujeito do conhecimento, não estamos dizendo que ele é um ser superior no planeta, mas que ele coexiste e, portanto, suas ações têm limites. Talvez esse seja nosso grande desafio a ser pensado.

3 O CONHECIMENTO: UMA ASPIRAÇÃO NATURAL DO HOMEM

Aristóteles já havia afirmado que o homem tem um desejo de saber pela admiração natural que tem diante do mundo. O homem tende ao conhecimento

pelo fascínio que os objetos sensíveis exercem sobre o espírito humano. Mas o conhecimento humano não é meramente quantitativo; além disso, é, também, qualitativo. Disto se depreende que há no conhecimento humano dois sentidos básicos. Primeiro, o sentido ontológico, isto é, o ser do homem descobre e desvela os entes, ou seja, o homem sai de si para encontrar o objeto do seu conhecimento. Segundo, o sentido gnosiológico, que, por sua vez, se subdivide em dois aspectos convergentes entre si, que são:

- a) a curiosidade de conhecer, sem nenhum outro interesse a não ser o do próprio conhecer;
- b) o conhecer objetivando uma prática, ou satisfazer uma necessidade psicológica vital do homem na esfera do conhecimento.

O desejo ou aspiração natural do conhecimento humano tem em seu fundamento o amor pela verdade. E o amor à verdade se dá no encontro com as causas últimas do conhecimento.



Caro(a) acadêmico(a): aqui não poderíamos deixar de citar como fonte de aprofundamento dessa temática um clássico de Stanley Kubrik: 2001: Uma Odisseia no Espaço. O filme traça a trajetória do homem desde, aproximadamente, quatro milhões de anos antes de Cristo, até o ano de 2001, sempre abordando a evolução da espécie, a influência da tecnologia nesse crescimento e os perigos da inteligência artificial. O final, um dos mais emblemáticos da história do cinema, mostra astronautas travando uma luta mortal contra o computador - a versão moderna do confronto entre criador e criatura, que já inspirara clássicos como Frankenstein.

4 O CONHECIMENTO E SUAS DIFICULDADES

A gênese do conhecimento humano se dá com atitude contemplativa. A admiração pelo saber fez o homem adotar uma atitude passiva diante dos fenômenos sensíveis. O homem absorvia interiormente a imagem sensível que o objeto produzia sobre seu intelecto. O homem embriagava-se com as sensações e os efeitos que essa atitude contemplativa produzia sobre sua capacidade cognoscente. Ele era um intérprete da realidade exterior que se refletia no seu interior. Mas, com o passar do tempo, o homem assumiu uma nova atitude. Não se contentava mais com a mera contemplação passiva e interpretativa da realidade exterior. Por isso, buscou, no afã de inverter esta situação, uma nova atitude frente ao mundo e às coisas sensíveis nele contidas. De mero intérprete passou a diretor, e de sua contemplação passou à ação. Mas é justamente aí que surgem as grandes dificuldades que o conhecimento humano precisou e ainda precisa enfrentar. Na ação do conhecer, o homem se debruça sobre seu próprio ato de conhecer e tenta

resolver a questão de como é possível haver conhecimento a partir de sua própria racionalidade. Ao fazer esta convergência sobre si mesmo, o conhecimento se torna problemático para a própria ânsia de saber do homem.



René Descartes (31 de março de 1596, La Haye en Touraine, França — 11 de fevereiro de 1650, Estocolmo, Suécia), também conhecido como Renatus Cartesius, foi filósofo, físico e matemático francês. Considerado o pai da modernidade, dadas as proporções que suas obras assumem no contexto da edificação do mundo moderno, é dele a famosa máxima: “Penso, logo existo”.

É Descartes quem protagoniza este novo momento de reflexão sobre a possibilidade do conhecimento que tenta penetrar na própria capacidade racional do homem e desvendar o seu ser. A partir dele se desencadeia o moderno problema do conhecimento e as dificuldades que desta nova atitude se tornaram evidentes. A solução de tais problemas é o desafio que se coloca para a teoria do conhecimento.

Então, esse texto introdutório serve para despertar sua consciência para a importância de se compreender o fenômeno do conhecimento, os tipos de conhecimento existentes e o próprio conhecimento científico, que você está aprendendo sempre mais no curso. Esperamos que aproveite os próximos tópicos. Leia e se coloque em jogo, pois nada melhor que a conquista do saber que auxilia o homem a sempre buscar sua plenitude.

5 O CONHECIMENTO E A QUESTÃO DA UTILIDADE

Nosso mundo é dominado por uma visão pragmatista. Vale apenas o que tem caráter prático. “Útil”. O que não se enquadra nesse perfil não serve. Mas, entende-se aqui o termo utilidade não no sentido meramente pragmatista, mas no sentido de que o conhecimento é útil na medida em que contribui para a efetiva realização global do ser humano, no aspecto pessoal, social e transcendental. Utilidade do conhecimento representa compromisso com a verdade.

Para o homem, a utilidade do conhecimento significa a sua possibilidade de lançar-se no desconhecido. Isso permite ao ser humano fazer seu projeto de vida. Projetar significa, ao contrário do improvável, a possibilidade de prever problemas e dificuldades para resolvê-los com sabedoria e determinação. A utilidade do conhecimento dá condições ao homem de viver não apenas uma vida factual, simplesmente por experiências empíricas, mas pode, antes de tudo, determinar-se dando à sua vida um sentido e destino baseado em valores transcendentais. A utilidade do conhecimento humano repousa não só na descoberta de que o homem

faz de si e do mundo, mas no projeto de vida capaz de lançá-lo ao verdadeiro sentido para onde aponta a sua verticalidade.

Portanto, são três aspectos básicos da utilidade do conhecimento:

- a) o conhecimento de si próprio, e do mundo, dentro de uma validade factual;
- b) o conhecimento dos autênticos valores que determinam a vida na efetiva busca da verdade;
- c) o conhecimento da finalidade da existência. O homem não conhece só por conhecer, mas conhece para um determinado fim. O conhecimento que permite vislumbrar o sentido último da vida humana é, sem dúvida, o maior legado que esta faculdade pode dar ao homem, como prêmio de sua incansável busca deste ideal supremo.

6 O CONHECIMENTO E A QUESTÃO DA AÇÃO

Todo ser humano procura agir com consciência, ou seja, sua ação procura ser guiada pelo conhecimento. Por isso, ele não se relaciona de forma imediata com o mundo e com as coisas. Isso quer dizer que o agir humano está diretamente relacionado com seu estado de consciência ou grau de conhecimento. Pode-se dizer a mesma coisa ainda da seguinte forma: quem sabe faz e quem aprende a se especializar numa determinada ação estará se aperfeiçoando constantemente. É por isso que no mundo da tecnologia se faz necessário aprender a colocar os conhecimentos em prática, ao mesmo tempo em que se deve aprender a refletir sobre a prática visando ao aperfeiçoamento constante.

Dessa forma, o conhecimento que se adquire é como um instrumento que se usa para agir. Evidentemente, é por isso, também, que para agir é necessário não somente conhecer o instrumento, como também saber usá-lo. Conhecer não é apenas estar informado de alguma coisa, mas, acima de tudo, aplicar na prática aquilo que se diz conhecimento. Esta é uma exigência da sociedade tecnológica: saber fazer é o desafio que se apresenta na atualidade.

Essa ideia do conhecimento como instrumento do agir leva a pensar, também, que tudo o que se entende por conhecimento tem algo a ver com o comportamento humano e, por isso, está de alguma forma relacionado a aspectos morais e éticos. Em sentido amplo, isso está correto. Especificamente, porém, não. A moral e a ética, como estudo do agir humano, são áreas do conhecimento assim como as ciências e as artes. O agir humano não é da mesma característica dos fenômenos da natureza física ou dos fenômenos sociais e do raciocínio abstrato. Juntamente com as ciências e as artes, a ética procura auxiliar a humanidade em sua trajetória pelo tempo e pela história.



Caro(a) acadêmico(a), essa questão da ética será reforçada ao final dessa unidade, dada a sua importância para se compreender a ciência, a questão da sua aplicação e suas consequências.

LEITURA COMPLEMENTAR

Caro(a) acadêmico(a), após abordarmos alguns temas que buscaram apresentar a você a questão do conhecimento e a abrangência do tema, apresentamos o texto a seguir, onde o autor vai se perguntar, afinal de contas, até onde o conhecimento humano pode alcançar. E que é uma questão que motiva o homem a ir sempre mais longe: afinal, até onde vai a questão do conhecimento? Vamos ao texto:

O alcance do conhecimento

Conhecemos pelos sentidos, pelo raciocínio e pela crença. Qual desses conhecimentos julgamos mais verdadeiro? Qual deles é o mais objetivo? Qual deles nos dá maior certeza? René Descartes (1596-1650), importante filósofo francês, pôs em dúvida as certezas de todos os conhecimentos. Na obra *Discurso do método*, ele relata a sua experiência:

(...) porque os nossos sentidos nos enganam às vezes, quis supor que não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos fazem imaginar. E, porque há homens que se equivocam ao raciocinar, mesmo no tocante às mais simples matérias de Geometria, e cometem aí paralogismos, rejeitei como falsas, julgando que estava sujeito a falhar como qualquer outro, todas as razões que eu tomara até então por demonstrações. E enfim, considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando despertos nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que haja nenhum, nesse caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: eu penso, logo existo era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cépticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.

Todos os tipos de conhecimento nos deixam muitas dúvidas, ao lado de algumas certezas. Mesmo sendo bem aparelhado, o homem é limitado em sua capacidade de captar as reais propriedades dos objetos.

Inúmeras vezes, filósofos e cientistas proclamaram "Eis a verdade!", para logo em seguida serem contestados por novas descobertas e conclusões.

A objetividade do conhecimento depende da capacidade de percepção do sujeito, dos meios que possui para ter acesso ao dado objetivo. Isso equivale a dizer que o conhecimento é limitado pelo "ponto de vista" do sujeito, pela maneira como os dados são vistos do ponto onde o sujeito o enxerga. Esse "ponto" pode ser geográfico, histórico, cultural, técnico, psicológico, etc. Imagine as diferentes descrições "verdadeiras" que seriam dadas de uma onda do mar vista:

- por um homem a cinco metros dela;
- por um homem a dois mil metros dela;
- por um surfista sobre ela;
- por um homem deitado na areia da praia.

Qual dessas descrições mostraria a verdadeira onda?

E note que só estamos questionando a verdade de uma simples descrição baseada nos sentidos...

Nosso entendimento da realidade (e sua consequente utilização) é lento e gradativo. São nossas limitações de conhecimento que um dia nos fizeram pensar que a Terra era o centro imóvel do universo, que nossas neuroses e psicoses fossem demônios e que o trovão era deus.

A história da ciência e da filosofia é testemunha fiel de nossas limitações. Mas, de outro lado, testemunham também todas as tentativas de superá-las. Percebemos, ao longo dos séculos, que a capacidade de entender a realidade e de bem utilizá-la a nosso favor aprimora-se à medida que melhoramos os meios de conhecer suas propriedades. Por isso, a ciência dedica grande parte de seu esforço à melhoria técnica dos instrumentos que auxiliam o alcance e a precisão com que captamos as propriedades dos objetos físicos. Isso nos possibilita entender mais objetivamente o funcionamento e o consequente uso adequado do universo físico.

É assim que, nos últimos 350 anos de história da humanidade, constatamos que a Terra é um planeta; que o Sol é uma estrela média; que o universo é bem mais abrangente que a Terra e o Sol; que os corpos biológicos são compostos de células; que todos os corpos físicos se formam e se sustentam em várias cadeias de átomos; que a luz é um fenômeno físico mensurável e controlável; que massa e energia são lados opostos da mesma moeda; que o homem não é só um animal racional, previsível e mensurável: dele também são as emoções e sentimentos que lastreiam seu subconsciente.

Entendendo certas leis do universo, criamos auxiliares ou substitutos mecânicos e eletrônicos, como os telescópios, os microscópios, os raios X, o ultrassom, que ampliam consideravelmente nossa capacidade de ver. O computador que criamos é muito mais rápido e preciso que nosso cérebro ao juntar e

analisar certas informações; o poder de força, tração e resistência dos motores que inventamos é muito superior ao de nossa força muscular, veículos que produzimos nos levam por terra, ar e água aonde jamais nossas pernas nos levariam.

Em todos os exemplos citados nota-se maior entendimento dos mecanismos da realidade, a ponto de podermos modificá-los e até melhorá-los. Esse é o mundo diante do homem. E o homem, que age no mundo e sobre o mundo? Dotado de consciência, ele também precisa saber como a realidade o afeta, o que o auxilia e o que o impede de realizar-se. Essa é a função da filosofia.

A reflexão filosófica nos mostra a realidade não como um conjunto de mistérios que nos determinam, mas como uma série de ocorrências que podemos analisar, criticar, alterar, acolher ou rejeitar. Se é fundamental possuímos muitos dados sobre a realidade, mais fundamental ainda é saber o que fazer com eles. Essa é a diferença entre o conhecimento e a sabedoria.

FONTE: CORDI, Cassiano. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 1995.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico você viu que:

- Conhecimento é sempre uma relação que se estabelece entre sujeito e objeto.
- Teoria do conhecimento é a área que estuda o conhecimento, suas questões mais básicas e profundas.
- Nunca produzimos tanto conhecimento como agora. Mas, também, nunca tivemos tantas dúvidas como agora.
- O conhecimento é uma aspiração natural do homem.
- O conhecimento nasce da contemplação do homem sobre o mundo.
- O conhecimento é útil ao homem quando permite a ele construir-se como pensante, conhecendo mais o mundo e a realidade que o cerca.
- É o conhecimento que fundamenta nossas ações.

AUTOATIVIDADE



A partir da leitura deste tópico, responda às seguintes questões:

1 Qual a função do conhecimento na atualidade?

2 Qual a importância do conhecimento aplicado à sua futura profissão?



OS TIPOS DE CONHECIMENTO

1 INTRODUÇÃO

Para compreendermos adequadamente a ciência, é necessário que possamos compreender também os diversos tipos de conhecimento e suas características. Nesse sentido, perceber o quanto cada nível de conhecimento está presente em nosso dia a dia. Distinguir os vários tipos de conhecimento e, por fim: entender o que é a ciência de fato, seu método e qual sua relação com a academia, com a pesquisa e com a própria educação.

2 OS TIPOS DE CONHECIMENTO

2.1 O SENSO COMUM

Em nosso dia a dia precisamos de um conjunto muito vasto de conhecimentos, relacionados com a forma como a realidade em que vivemos funciona: temos que saber como tratar as pessoas com as quais nos relacionamos, temos que saber como devemos nos comportar em cada uma das circunstâncias em que nos situamos no nosso dia a dia: a forma como nos comportamos em nossa casa é diferente da forma como nos comportamos numa repartição pública, numa discoteca, num cinema, na escola etc. Então, vamos acumulando um conjunto de saberes de forma espontânea. Eles nascem da experiência prática ou vamos aprendendo com as pessoas, de forma oral. Estes conhecimentos, no seu conjunto, formam um tipo de saber a que se chama senso comum.

O senso comum é um saber que nasce da experiência quotidiana, da vida que os homens levam em sociedade. É, assim, um saber acerca dos elementos da realidade em que vivemos; um saber sobre os hábitos, os costumes, as práticas, as tradições, as regras de conduta, enfim, sobre tudo o que precisamos para podermos nos orientar no nosso dia a dia: como comer à mesa, acender a luz de uma sala, ligar a televisão, como fazer uma chamada telefônica, apanhar o carro, o nome das ruas da localidade onde vivemos etc.

É, por isso, um saber informal, que se adquire de uma forma natural

(espontânea), através do nosso contato com os outros, com as situações e com os objetos que nos rodeiam. É um saber muito simples e superficial, que não exige grandes esforços, ao contrário dos saberes formais (tais como as ciências), que requerem um longo processo de aprendizagem escolar.

O senso comum adquire-se quase sem se dar conta, desde a mais tenra infância e, apesar das suas limitações, é um saber sem o qual não conseguiríamos orientar nossa vida cotidiana.

Sendo assim, torna-se facilmente compreensível que todos os homens possuam senso comum, mas este varia de sociedade para sociedade e, mesmo dentro duma mesma sociedade, varia de grupo social para grupo social ou, também, por exemplo, de grupo profissional para grupo profissional.

Contudo, essas certezas são questionáveis, pois se baseiam em aparências. O senso comum demonstra-se muito em nossa sociedade através dos ditos populares, em expressões do tipo: “Filho de peixe peixinho é”. Quem nunca ouviu uma frase como essa? Ela é própria de nosso aprendizado no dia a dia. Não tem um fundamento. Aprendemos da experiência prática, sem nos darmos conta. Além do que, é parcial e traz uma visão de mundo, muitas vezes, preconceituosa. Outra expressão: “Deus ajuda a quem cedo madruga”. Questionável de todas as formas. E assim, tantas outras expressões que poderíamos enumerar.

Como principais características do senso comum, podemos citar: caráter empírico – o senso comum é um saber que deriva diretamente da experiência cotidiana, não necessitando, por isso, de uma elaboração racional dos dados recolhidos através dessa experiência.

O senso comum também possui um caráter assistemático – o senso comum não é estruturado racionalmente; tanto ao nível da sua aquisição, como ao nível da sua construção, não existe um plano ou um projeto racional que lhe dê coerência.

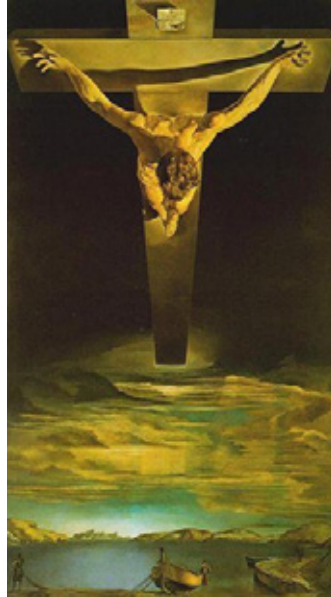
Possui também um caráter ametódico – o senso comum não tem método, ou seja, é um saber que não segue nenhum conjunto de regras formais. Os indivíduos adquirem-no sem esforço e sem estudo. O senso comum é um saber que nasce da sedimentação casual da experiência captada ao nível da experiência cotidiana.



Cite pelo menos dois exemplos de ditos populares que você conheça. E argumente, mostrando por que eles são ingênuos, acríticos, ametódicos.

2.2 CONHECIMENTO TEOLÓGICO OU DE FÉ

FIGURA 5 – O CRISTO DE SÃO JOÃO DA CRUZ



FONTE: Disponível em: <<http://morel.weblog.com.pt/dali.jpg>>. Acesso em: 13 ago. 2007.



Salvador Dali (Figueres, 11 de maio de 1904 — Figueres, 23 de janeiro de 1989) foi um importante pintor catalão, conhecido pelo seu trabalho surrealista. Dali foi influenciado pelos mestres da Renascença, e foi um artista com grande talento e imaginação. Tinha uma reconhecida paixão por atitudes e por fazer coisas extravagantes destinadas a chamar a atenção. Brilhante em sua arte, sua inspiração vai desde a história da arte até a filosofia. Vale a pena conhecer suas obras.

É o tipo de conhecimento que decorre do medo causado pela percepção de fatos espantosos. O sofrimento, por exemplo, levou Buda a construir um conjunto de princípios aceitos por seus seguidores, originando uma religião denominada Budismo. Por isso, no conhecimento religioso, o sujeito se comporta levando em conta a fé nos dogmas. Acontece porque o sujeito acredita na revelação divina e no poder das forças superiores. Tem a característica de ser inspiracional, ou seja, é comunicado ao sujeito por inspiração divina.

O conhecimento teológico é também dogmático, baseado em revelações, em leis e dogmas, normalmente inquestionáveis. É um saber também que se torna acrítico: não permite que se questione seus dogmas.



A partir de seu conhecimento e das características do conhecimento de fé, aponte pelo menos dois exemplos de conhecimento teológico que temos em nossa sociedade.

Da mesma forma, assim como os demais tipos de conhecimento, o religioso pode estar trazendo problemas aos seres humanos. Viver em função dos dogmatismos e fanatismos deve ser evitado. Nosso mundo, ao mesmo tempo em que vive sob a marca da informação e das inovações, é também marcado por fundamentalismos religiosos de todos os tipos. Essa atitude devemos evitar, ou melhor, devemos evitar qualquer tipo de fanatismo ou intolerância.

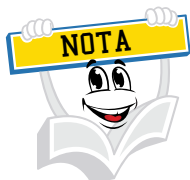
2.3 CONHECIMENTO FILOSÓFICO

É um tipo de conhecimento que decorre da razão pura, ou seja, é um desejo natural do ser humano. Por ele, o sujeito quer saber por amar o saber e não para fazer uso prático dele. É um tipo de conhecimento pouco praticado nos dias de hoje.



Caro(a) acadêmico(a), duas indicações de obras de introdução à filosofia. Uma delas dos professores da Uniasselvi Janes Fidélis Tomelin e Karina Nones Tomelin, "Diálogos Filosóficos". Outra obra, de introdução à filosofia, também indicada aqui e com conteúdo que lhe possibilita um contato com o filosofar bastante razoável, é a obra "Convite à Filosofia", da filósofa paulista Marilena Chauí. Gostaríamos de deixar essas obras como sugestão de leitura ao acadêmico e de evidenciar que a filosofia é o saber que fundamenta as premissas das quais os cientistas partem e é o fundamento de todo o saber constituído. Na leitura complementar citaremos um trecho da obra dessa autora, onde ela comenta essas questões; e queremos deixar claro também que, cedo ou tarde, na medida em que você se aprofundar com pesquisadores, acabará se encontrando com os filósofos e com a história da filosofia. As duas obras estão citadas nas referências bibliográficas.

Na verdade, todos nascemos filósofos, pelo simples fato de tendermos naturalmente para explicar as questões mais profundas da existência humana. Como já abordamos no início, vem de Aristóteles o princípio segundo o qual o conhecimento é um desejo natural do homem. Foi também Kant quem estabeleceu a premissa de que a filosofia é uma atitude e não possível de se ensinar. Diz ele: "não se aprende filosofia, mas apenas a filosofar". (CORDI, 1995, p. 30)



Immanuel Kant ou **Emanuel Kant** (Königsberg, 22 de abril de 1724 — Königsberg, 12 de fevereiro de 1804) foi um filósofo alemão, geralmente considerado como um divisor de águas na história do pensamento. Pensador conhecido pelo extremo rigor e alcance de seu pensamento filosófico.

É próprio da filosofia questionar e buscar, de forma racional, responder perguntas como: De onde viemos? Para onde vamos? Quem somos? O que é o bem? Como alcançar a felicidade? Existe vida depois da morte? O que é a verdade? Quem deve governar? São indagações que em todos os tempos desafiaram os seres humanos e muitos procuram renovar, para cada tempo, as respostas que consideram mais apropriadas.

Ainda, cabe aqui dizer que a filosofia é um saber aberto, sistemático, racional e que não é dogmático. É próprio da filosofia questionar-se sobre o mundo com criticidade (critérios), radicalidade (raiz) e totalidade (buscar o todo de uma questão). Não reflete a partir de pressupostos que não sejam fundamentados na razão ou não se prende em aparências. A filosofia é uma arte: de pensar, refletir, repensar o que já foi pensado. Colocar-se em jogo.

2.4 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Para iniciarmos o trabalho, leia com atenção o texto a seguir:

Lewis Carroll era professor de matemática na Universidade de Oxford quando escreveu o seguinte em *Alice no país das maravilhas*:

"- Gato Cheshire... quer fazer o favor de me dizer qual é o caminho que eu devo tomar?

- Isso depende muito do lugar para onde você quer ir - disse o Gato.
- Não me interessa muito para onde... - disse Alice.
- Não tem importância então o caminho que você tomar - disse o Gato.
- Contanto que eu chegue a algum lugar - acrescentou Alice como uma explicação.
- Ah, disso pode ter certeza - disse o Gato -, desde que caminhe bastante".

A resposta do Gato tem sido frequentemente citada para exprimir a opinião de que os cientistas não sabem para onde o conhecimento está levando a humanidade e, além disso, não se importam muito. Diz-se que a ciência não pode oferecer objetivos sociais porque os seus valores são intelectuais e não éticos. Uma vez que os objetivos sociais tenham sido escolhidos por meio de critérios não científicos, a ciência pode determinar a melhor maneira de prosseguir. Mas é

provável que a ciência possa contribuir para formular valores e, assim, estabelecer objetivos, tornando o homem mais consciente das consequências de seus atos. A necessidade de conhecimento das consequências, no ato de tomar decisões, está implícita na observação do Gato de que Alice chegaria certamente a algum lugar se caminhasse o bastante. Desde que esse algum lugar poderia revelar-se indesejável, é melhor fazer escolhas conscientes do lugar para onde se quer ir.

FONTE: DUBOS, René. **O despertar da razão**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1972. p. 165.

O texto de René Dubos, professor de Biomedicina Ambiental, reflete a preocupação que o cientista deve ter com os fins a que se destina a ciência. Portanto, a ciência não é um saber neutro, desinteressado, à margem do questionamento social e político acerca dos fins de suas pesquisas. A seguir, vamos estudar a ciência. Como se define, como se conceitua, como se diferencia dos demais saberes e, também, como se relaciona com a questão da ética.

2.4.1 Conhecimento científico: definição e características

Conforme definição do dicionário, o termo deriva do latim *scientia*, que significa tomar conhecimento, estar informado.

Ciência refere-se tanto à investigação racional ou estudo da natureza, direcionado à descoberta da verdade. Tal investigação é normalmente metódica, ou de acordo com o método científico – um processo de avaliar o conhecimento empírico, como também se refere a um corpo organizado de conhecimento adquirido por tal pesquisa.

A ciência é o conhecimento ou um sistema de conhecimentos que abarca verdades gerais ou a operação de leis gerais especialmente obtidas e testadas através do método científico. O conhecimento científico depende muito da lógica.

FONTE: WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%Aancia>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

A ciência é, portanto, conhecimento que se constitui na modernidade diante dos desafios a que o homem moderno se colocou no sentido de investigar o universo. É uma forma de conhecimento ativa, investigativa, mas sobretudo crítica, na medida em que avalia a si própria e revê seus conceitos e práticas, na medida em que avança no conhecimento de determinado objeto. Vejamos o que nos diz Andery et al. (1996, p. 13):

Como uma das formas de conhecimento produzido pelo homem no decorrer de sua história, a ciência é determinada pelas necessidades materiais do homem em cada momento histórico, ao mesmo tempo em que nelas interfere. A produção de conhecimento científico não é, pois, prerrogativa do homem contemporâneo. Quer nas primeiras formas de

organização social, quer nas sociedades atuais, é possível identificar a constante tentativa do homem para compreender o mundo e a si mesmo; é possível identificar, também, como marca comum aos diferentes momentos do processo de construção do conhecimento científico, a inter-relação entre as necessidades humanas e o conhecimento produzido: ao mesmo tempo em que atuam como geradoras de ideias e explicações, as necessidades humanas vão se transformando a partir, entre outros fatores, do conhecimento produzido.

O conhecimento científico também é um saber que se adquire pela leitura, meditação e reflexão, ou seja, é um saber que tem método, disciplina e organização. Não é um tipo de conhecimento ocasional, mas intencional. Trata mais da forma como se apresenta o conteúdo. A criatividade do sujeito está na forma como apresenta o conteúdo. A forma de entender a realidade se altera porque os instrumentos e os métodos utilizados são diversos. A teoria da relatividade, por exemplo, não teria condições de surgir na Antiguidade.

Pode-se dizer que ciência é um conjunto de conhecimentos gerados a partir da criatividade e ordenados pelo poder lógico do raciocínio. A lógica e a criatividade são os instrumentos que se deve aprender a usar. Ciência é um conhecimento crítico construído com criatividade e que busca uma explicação lógica. Tudo aquilo que acontece e que pode ser percebido procura ser explicado, apresentando as relações de causa-efeito. Por isso, a pergunta intrigante do porquê das coisas. Na ciência importa mais o processo que leva ao conhecimento do que propriamente o resultado. Ciência é conhecimento com método. É um tipo de conhecimento universalmente válido e não depende do tempo em que foi elaborado. Universalmente válido, na medida em que outra teoria científica ou hipótese surja e se coloque com mais eficiência do que o conhecimento ou teoria até então estabelecido como o mais correto ou válido.

LEITURA COMPLEMENTAR

Nesse módulo abordamos sobre a ciência e seus métodos de pesquisa, por excelência. Mas a ciência não é uma forma de saber absoluto. Como toda forma de conhecimento sistemático, sua base está na filosofia. Mas, então, como a filosofia pode contribuir nesse debate com a ciência? Ela contribui? Seria ela útil, inútil para vocês, como pesquisadores? O texto que segue reflete bem essas questões e nos coloca diante do desafio de pensar a ciência com olhos mais críticos. Boa leitura!

Filosofia: Inútil, útil?

O primeiro ensinamento filosófico é perguntar: O que é o útil? Para que e para quem algo é útil? O que é o inútil? Por que e para quem algo é inútil?

O senso comum de nossa sociedade considera útil o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. Julga o útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando utilidade e a famosa expressão “levar vantagem em tudo”. Desse

ponto de vista, a Filosofia é inteiramente inútil e defende o direito de ser inútil.

Não poderíamos, porém, definir o útil de outra maneira?

Platão definia a Filosofia como um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos.

Descartes dizia que a Filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes.

Kant afirmou que a Filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer e o que pode fazer, tendo como finalidade a felicidade humana.

Marx declarou que a Filosofia havia passado muito tempo apenas contemplando o mundo e que se tratava, agora, de conhecê-lo para transformá-lo, transformação que traria justiça, abundância e felicidade para todos.

Merleau-Ponty escreveu que a Filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo.

Espinosa afirmou que a Filosofia é um caminho árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos, se desejarem a liberdade e a felicidade.

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia?

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

FONTE: CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.



Caro(a) acadêmico(a), se você quiser aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre a ciência, sugerimos a obra já referenciada em citações anteriores: ANDERY, Maria Amalia et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. 5. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1994. 446p.

RESUMO DO TÓPICO 5

Neste tópico você viu que:

- Senso comum é o conhecimento espontâneo, adquirido no dia a dia.
- O conhecimento teológico é o conhecimento revelado por inspiração divina. É dogmático.
- O conhecimento filosófico é racional, crítico, sistemático.
- A filosofia é útil, pois torna-se o saber mais importante para fundamentar criticamente o ser humano.
- Ciência deriva do latim, *scientia*, que significa tomar conhecimento, estar informado.
- Ciência: conhecimento sistemático: se dá pela leitura, reflexão, sistematização.
- Conhecimento lógico.
- A ciência influenciou profundamente o mundo em que vivemos e é quase impossível vivermos sem seus benefícios.

AUTOATIVIDADE



Caro(a) acadêmico(a), observe o quadro a seguir e preencha com um X conforme a característica de cada um:

Tipos	Sistemático	Crítico	Ingênuo	Dogmático
Senso comum				
Teológico				
Filosófico				
Científico				

ORGANIZAÇÃO DE
SUA PESQUISA

1 INTRODUÇÃO

Caro(a) acadêmico(a), como já enfatizamos ao longo dos tópicos anteriores, estudo e pesquisa significam esforço e, sobretudo, paixão por descobrir o mundo e sua efetividade de interpretações. Também, a pesquisa nos ajuda a ampliar nossa visão de realidade e solidificar ainda mais nossa visão do conhecimento. Então, é hora de colocar tudo isso em prática, já que a universidade é um espaço por excelência para isso e você está nesse caminho.

2 PLANEJANDO SEU ESPAÇO E TEMPO ACADÊMICO

Um projeto de pesquisa – e, em nosso caso, o trabalho de graduação – é sempre um esforço para observar, delimitar e construir uma pesquisa que responda a alguma questão, tema ou possibilidade em educação, que seja importante. É preciso que tenha efetividade e relevância nos estudos acadêmicos e no fazer de cada estudante de graduação.

Nesse sentido, por inúmeras razões e situações acadêmicas, os estudantes de graduação muitas vezes sentem dificuldade ou têm problemas para encontrar seu “objeto” de pesquisa, temática, problema a partir do qual vão construir seu TG. Alguns sintomas são comuns nessa hora, como preocupações exageradas, sentimento de incapacidade de cumprir prazos e metas e uma certa insegurança ou sentimento de incapacidade. Infelizmente, muitos acadêmicos acabam recorrendo a subterfúgios como plágios, “compra” de trabalhos acadêmicos e toda sorte de atividades que camuflam ou falseiam o sentido e a proposta dos trabalhos de graduação. Efetivamente, quem perde não é apenas o acadêmico, mas a educação, a sociedade, quando a capacidade de pesquisa é o ponto central na qualificação de um profissional de qualquer área, inclusive e principalmente na educação. Portanto, de uma certa forma, a qualidade deste profissional em educação fica comprometida.

Na sequência, propomo-nos a lhe indicar algumas possibilidades para auxiliá-lo(a) nessa tarefa de pensar ou de propor a construção de seu trabalho de pesquisa.

2.1 ORGANIZAÇÃO DO TEMPO DE ESTUDOS E PESQUISAS

Organize e sistematize seu tempo:

- a) Veja os espaços de tempo que você possui e que poderiam ser utilizados por você no decorrer das semanas.
- b) Monte uma agenda: semanal ou mensal, para prever quantas horas você poderá destinar à pesquisa.
- c) É importante que você tenha em mente algumas dicas quando for fazer isso:
 - Não destine em sua agenda de pesquisas todo horário vago que tem: você não vai cumprir. Destine o tempo que você considera suficiente.
 - Uma boa pesquisa se constrói com a organização e qualidade do tempo de estudos: no tempo destinado, dedique-se.
 - Quando estiver pesquisando, é importante fazer pequenos intervalos de descanso ou relaxamento. Mas sempre mantenha o compromisso de retorno à pesquisa dentro dos espaços programados.
- d) Evite distrações desnecessárias quando estiver pesquisando: pesquisa exige disciplina.
- e) Quanto mais leituras, estudos, observações e pesquisas você aplicar aos trabalhos e pesquisas acadêmicas que vai desenvolver, tanto mais se qualificará como estudante, como pesquisador e melhor contribuirá para sua área de estudos.
- f) Em sua agenda de estudos, estabeleça linhas finais: prazos. Crie prazos que lhe permitam de forma razoável cumprir as metas de pesquisa a que você se dispôs.

2.2 ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE DE ESTUDOS

- a) Selecione um ambiente adequado para seus estudos: com possibilidade de conforto pessoal. Sim, uma mesa e uma cadeira que lhe permitam boa condição de postura para que você possa estudar de maneira adequada.
- b) O local também deve oferecer – pelo menos nos horários em que for estudar – condições para que você possa se concentrar e direcionar sua atenção para os estudos e pesquisas.
- c) Boa luminosidade: ter luz natural durante o dia que torne o ambiente agradável para a leitura e boa iluminação à noite são indispensáveis.
- d) Ter acesso a um computador: ter um computador que consiga minimamente armazenar as informações que você sintetiza.
- e) Seria importante destinar um ambiente destes em sua casa, mas uma biblioteca local pode ser sua solução em um primeiro momento. O fato é que, cedo ou tarde, conforme você avançar em seus estudos acadêmicos, vai necessitar de um ambiente desses.

2.3.TENHA UMA BIBLIOTECA PARTICULAR

- a) É muito importante que você tenha sempre algumas obras que possam auxiliá-lo(a) em seus estudos e suas caminhadas como estudante.
- b) Quando utilizamos o termo “Biblioteca Particular”, talvez venha à sua mente a imagem de uma grande biblioteca de alguma escola ou universidade local. Não se trata disso. Trata-se de um conjunto de obras que servirão de referência para seu curso.
- c) Que obras então poderiam ser?

- **Dicionário:** uma boa obra para se iniciar uma biblioteca é um dicionário. A língua portuguesa é complexa e um dicionário cai sempre bem à mão.

- **Dicionário da área que você estuda:** útil, pois normalmente encontramos referências preciosas sobre termos específicos da área que estudamos e não conhecemos. Encontramos referências interessantes a obras e autores.

- **Obras dos grandes mestres da sua área de estudos:** um ou outro grande estudioso e que seja referência no curso. É importante para suas leituras, estudos e fundamentação.

- **Obras dos autores com que você mais se identificou.** Se você já começa a criar uma linha de pesquisa ou uma área de interesse maior, busque algumas obras que possa usar como referência pessoal.

- **Obras específicas:** de autores que farão parte de seu trabalho de graduação.

3 TENHO QUE FAZER MEU TRABALHO DE GRADUAÇÃO, MAS NÃO SEI O QUE PESQUISAR...

Esse é um dos grandes dilemas e dificuldades que encontramos em nossos estudantes de graduação. Muitos, quando vão desenvolver uma pesquisa, não sabem exatamente o que pesquisar ou qual tema seria aquele que mais lhes despertaria interesse. Algumas coisas são importantes nesse momento: você se dispor a pesquisar um tema pelo qual tenha muito interesse, dúvidas e mesmo afinidade no seu curso, e também conversar com seu professor orientador.

Caso você esteja com dificuldades em construir seu projeto de pesquisa em função de não saber exatamente o que pesquisar, a seguir sugerimos algumas dicas e procedimentos que podem auxiliá-lo na definição do tema de sua pesquisa. Vejamos:

- a) Uma das maneiras para você encontrar seu tema de pesquisa é por afinidade: veja um tema que você estudou nas disciplinas ao longo do semestre e do qual tenha gostado muito e gostaria de conhecer mais. Esse poderia ser seu tema de pesquisa.
- b) Você tem vários temas pelos quais se interessa. Bom, nesse caso, sugerimos que siga os seguintes passos:

- Escreva, livremente, de cinco a dez linhas aproximadamente, sobre qual ou quais temas você mais gostaria de pesquisar e conhecer em sua área. Procure responder: o que nesses temas me desperta interesse, dúvidas e me estimula a conhecer mais?
- Juntamente com cada tema que você escrever, responda no momento seguinte:
 - * Qual a importância de cada tema para minha área de estudos?
 - * Qual a contribuição para a sociedade?
 - * Qual a contribuição para minha caminhada enquanto pesquisador?

Após esses procedimentos, converse com seu monitor ou tutor. Tente encontrar, entre os vários temas, aquele com que mais se identifica e o que lhe dá uma possibilidade de pesquisar e de conhecer e que mais lhe agrada. Seu monitor e seu tutor poderão esclarecer as possibilidades e limites de cada proposta de pesquisa. Diante disso você estaria, então, optando.

LEITURA COMPLEMENTAR

Caro(a) acadêmico(a)! Talvez, ao fazer esse módulo e ser convidado para iniciar sua pesquisa, você estará se sentindo como qualquer estudante quando vai iniciar seu projeto: em busca de um ponto de partida. As coisas não estão claras. Parecia até fácil no papel. Seu tutor está distante. O encontro com o monitor é somente na semana que vem. E agora? Então, o texto a seguir, de uma das maiores especialistas em educação desse país, busca tematizar e refletir essas questões que fazem parte da pauta de todo aquele que vai iniciar sua pesquisa. Vamos ao texto e boa leitura:

Dificuldades comuns entre os que pesquisam educação

Ivani Catarina Arantes Fazenda - PUC-SP

Pretendemos refletir sobre algumas das dificuldades mais comuns encontradas pelos alunos dos cursos de graduação em Educação, tentando compreendê-las em suas origens e traçando alguns caminhos para superá-las.

Muitas destas dificuldades acompanham o aluno desde a escola de 1º e 2º graus, sem que tenham muita consciência do fato. Por paradoxal que pareça ser, conseguem vencer com alguma tranquilidade certos cursos de graduação, em que sua contribuição pessoal não é muito solicitada. Entretanto, no momento da elaboração de monografias para o cumprimento dos créditos nos cursos de pós-graduação, essas dificuldades se evidenciam, agravando-se no momento da definição da pesquisa de dissertação de mestrado ou tese.

A mais frequente é a dificuldade para *escrever*, pois a expressão escrita

requer, antes de mais nada, uma apropriação do objeto da escrita.

O ato de apropriação do objeto da escrita pressupõe uma exaustiva pesquisa anterior sobre o tema, que deve ser compreendido em seus vários aspectos. Somente depois disso será possível comunicá-lo a outros.

Um dos produtos da dificuldade para escrever é a chamada "colcha de retalhos". Nela, o pesquisador, por não possuir ainda um discurso escrito próprio, utiliza-se ou apropria-se do discurso alheio, e, ao somar textos, não percebe que muitas vezes estes são desconexos ou conflitantes.

Esta dificuldade, que redundando numa escrita fechada e pouco clara, muitas vezes provém da dificuldade em compreender e interpretar textos. Tão difícil quanto o domínio da escrita, não se resolve da noite para o dia, num passe de mágica ou, muito menos, num curso de pós-graduação.

Entendemos que o objetivo da pós-graduação não é solucionar estas dificuldades, mas sim ajudar os que já têm o hábito da pesquisa e o exercício da escrita.

Diante da dificuldade para escrever, o pesquisador necessita, antes de mais nada, parar para pensar em *como* ocorreu sua formação acadêmica. Certamente, encontrará uma série de lacunas para preencher, antes mesmo de esboçar o seu projeto de pesquisa para mestrado.

Uma das formas de investigar as falhas no processo de formação é a revisão dos pressupostos teóricos que sustentam ou encaminham o raciocínio inicial do pesquisador. Assim, se o caminho escolhido foi o estudo da *sala* de aula, o pesquisador precisa ter antes decidido: qual concepção de educação pretende investigar, como se realizaria a aprendizagem nesta concepção, quais os agentes que a determinariam, que interferências poderiam ocorrer em seu percurso, qual a ideologia subjacente a tal concepção. É necessário também realizar um levantamento das possíveis categorias que eventualmente emergem no processo da pesquisa, bem como o suporte teórico adequado à análise dessas categorias, ao lado de uma disponibilidade em substituí-las se o desenvolvimento do projeto assim o determinar.

Esses pressupostos teóricos resultam de uma formação acadêmica sólida e anterior ao processo de pesquisa, sem a qual esse trabalho seria inviável.

Em alguns casos, entretanto, a origem da dificuldade está na falta do hábito de escrever. Pode-se presumir que seja esta a origem, quando o pesquisador consegue verbalmente expressar com clareza suas ideias, e quando se percebe em suas colocações orais uma coerência de raciocínio. Nestes casos, costumo sentar com meus orientandos e gravar um diálogo sobre os caminhos que pretendemos empreender na pesquisa. Em seguida, o orientando transcreve a fita, refazendo a escrita até torná-la "**transparente**".

Escrever é um hábito que vai sendo aprimorado apenas no seu contínuo

exercício e que, infelizmente, nem sempre se consolida na escolaridade anterior à pós-graduação.

Dificuldade semelhante à da escrita é, às vezes, encontrada na expressão oral; comumente uma escrita truncada decorre de bloqueios no falar.

Tal como a escrita, a expressão oral também requer contínuo exercício. Somos produto da "escola do silêncio", em que um grande número de alunos apaticamente fica sentado diante do professor, esperando receber dele todo o conhecimento. Classes numerosas, conteúdos extensos, completam o quadro desta escola que se cala. Isso se complica muito quando já se é introvertido. . .

Uma das formas que considero eficiente para vencer essas dificuldades é a formação de *grupos de estudos*. Nos *grupos de estudos* que tenho coordenado, percebo que as dificuldades iniciais vão sendo gradativamente superadas. Entretanto, um grupo de estudos só se consolida se houver a intenção de estruturar um projeto de trabalho conjunto e requer a orientação contínua e sistemática do coordenador do grupo, bem como o envolvimento total de todos os seus membros. O número ideal de participantes é de no máximo dez pessoas, para que todos possam apresentar suas ideias oralmente.

FONTE: Adaptado de: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Metodologia da pesquisa educacional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 174p. (Biblioteca da educação. Série 1, Escola, v.11).



Caro(a) acadêmico(a), a autora propõe, como maneira eficiente de vencer as dificuldades de pesquisa, a questão da formação de grupos de estudo. E, reconhecidamente, um grupo de estudos de fato qualifica de maneira intensa a atividade acadêmica como um todo. Nesse sentido, sugerimos que você converse com seus colegas, com seu monitor e com seu tutor, para pensar na possibilidade da criação de um grupo de estudos. A autora dá algumas dicas sobre a formação de um grupo. Então, a partir disso, proponha à sua turma a formação de um grupo de estudos. Efetivamente, talvez poucos iniciem um grupo. Talvez muitos comecem e desistam em determinado momento. Mas é certo que você, caro(a) acadêmico(a), está dando um passo e tomando uma iniciativa sem precedentes para melhorar sua formação.



RESUMO DO TÓPICO 6

Neste tópico você viu que:

- A organização do tempo de estudos e das pesquisas exige organograma e disciplina acadêmica.
- É ideal que se disponha de um ambiente de estudos com luminosidade, conforto e condições materiais.
- A pesquisa inicia com um questionamento que temos.
- Para definir a pesquisa, deve-se escolher entre os temas de afinidade e o discernimento pode contar com a orientação do monitor ou tutor.
- Principais dificuldades de quem pesquisa: dificuldade de escrever; dificuldade de expressão oral; dificuldade na formulação do projeto de pesquisa.

AUTOATIVIDADE



Caro(a) acadêmico(a), chegou a hora de colocar em prática. Com base no que estudamos, pense em dois ou mais temas que você tem afinidade, ou que gostaria de pesquisar, mas que não sabe exatamente como iniciar e qual tema escolher. A partir das questões que seguem, analise cada tema:

- * Qual a importância de cada tema para minha área de estudos?
- * Qual a contribuição para a sociedade?
- * Qual a contribuição para minha caminhada enquanto pesquisador?

UNIDADE 2

O PENSAMENTO CIENTÍFICO E OS TRABALHOS ACADÊMICOS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- descrever, caracterizar e discutir as formas de pensamento científico;
- contribuir para o fazer ciência, descrevendo os caminhos necessários para o desenvolvimento da pesquisa a partir do rigor metodológico;
- reconhecer os diversos tipos de trabalhos acadêmicos e suas funções;
- elaborar os elementos constitutivos de trabalhos acadêmicos;
- configurar graficamente um trabalho acadêmico.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em cinco tópicos e em cada um deles você encontrará atividades visando à compreensão dos conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – O PENSAMENTO CIENTÍFICO: UMA VISÃO GERAL

TÓPICO 2 – A DIVERSIDADE DE TRABALHOS ACADÊMICOS

TÓPICO 3 – ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

TÓPICO 4 – UNIFORMIZAÇÃO GRÁFICA DE TRABALHOS ACADÊMICOS

TÓPICO 5 – O *PAPER*

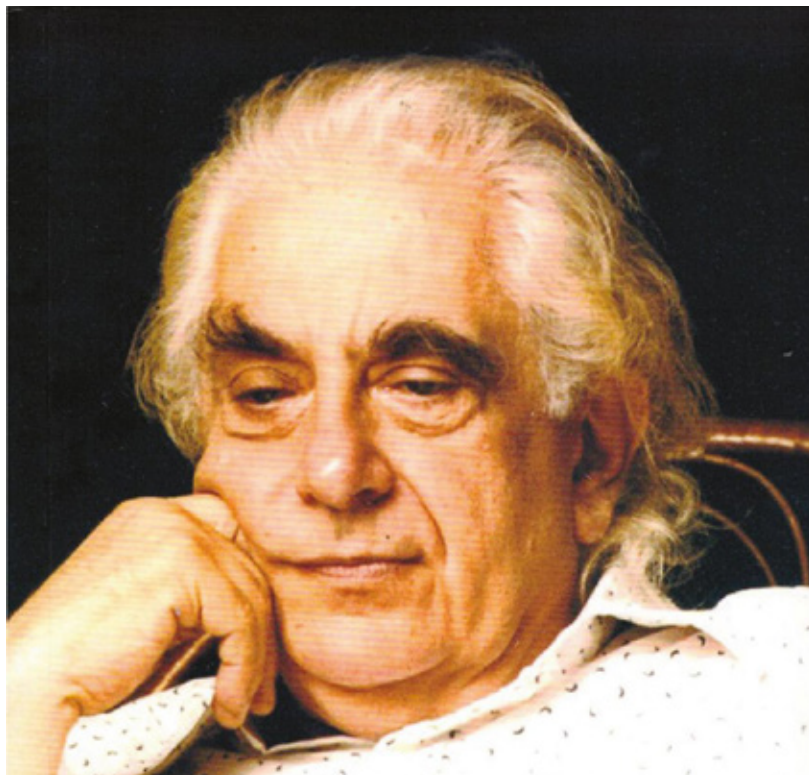


O PENSAMENTO CIENTÍFICO: UMA VISÃO GERAL

1 INTRODUÇÃO

Neste primeiro tópico, pretendemos familiarizá-lo sobre o que é a origem da verdade, as diferenças entre o senso crítico e o senso comum. Discutiremos, também, se a ciência é neutra ou não, os métodos científicos e outras contribuições teóricas relevantes para o seu entendimento de como funciona a ciência e como esta influencia nossa vida cotidiana.

FIGURA 6 – MÁRIO SCHENBERG



FONTE: Disponível em: <<http://www.scielo.br/img/revistas/ea/v29n84//0103-4014-ea-29-84-00377-gf02.jpg>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Fica aqui uma mensagem importante escrita pelo professor Mário Schenberg (2008): “Em nosso país uma das necessidades prementes é o desenvolvimento de uma mentalidade científica, no sentido da criação de um pensamento realista”.

2 A ORIGEM DA VERDADE: O SENSO CRÍTICO E O SENSO COMUM

“As regras do método estão para a ciência como as regras do direito e dos costumes para a conduta.”

Émile Durkheim

Os seres humanos sempre buscaram alguma forma para tentar entender ou explicar algum fato ou a realidade. O senso comum talvez seja uma das primeiras formas, é claro que sofrendo influências da intuição, da tradição e do bom senso. Entretanto, vale ressaltar que essa forma de conhecer o mundo é muito importante porque, sem ela, não podemos solucionar problemas, mesmo os pequenos, do nosso dia a dia. Lembre-se, caro(a) acadêmico(a), de que a todo momento precisamos tomar alguma decisão, desde escolher algum produto para o nosso consumo ou assinar algum contrato de prestação de serviço, por exemplo. Assim, é claro que não iríamos adotar procedimentos metodológicos para essas tomadas de decisão, somente com o senso comum já poderíamos fazê-las, por isso ele é tão importante, porque nos permite tomar várias decisões, muitas vezes rápidas.

Qualquer pessoa pode fazer afirmações sobre determinado fato baseando-se apenas no seu conhecimento prévio, por exemplo, sobre a violência, mas somente aqueles que empregam métodos científicos estão aptos para encontrar a origem real deste fenômeno, ou seja, o conhecimento vulgar ou senso comum é a maneira de conhecer de forma superficial, por informações ou por experiência casual.

O conhecimento vulgar ou senso comum é desenvolvido principalmente por intermédio dos sentidos e não tem a intenção de ser profundo, sistemático e infalível. Usualmente é adquirido por acaso, ou pelas tradições ou transmitido de geração para geração, não passando pelo crivo dos postulados metodológicos. É adquirido independentemente de estudos, de pesquisas, de reflexões ou de aplicações de métodos. Entretanto, pode tornar-se científico, desde que passe pelas exigências dos pares de uma comunidade científica.

Ele pode atingir o *status* de conhecimento científico, pois “ele é base fundamental do conhecer, e já existia muito antes de o ser humano imaginar a possibilidade da existência da ciência.” (FACHIN, 2001, p. 10)

Caro(a) acadêmico(a), entre as características do conhecimento popular/empírico estão, segundo Ander-Egg (1978 apud LAKATOS; MARCONI, 2000):

- Superficial – conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas. Usam-se frases como: “Eu vi”, “Eu estive presente”, “Porque disseram”, “Porque todo mundo diz”.
- Sensitivo – refere-se às vivências, aos estados de ânimo e às emoções da vida diária da pessoa. Essas vivências não são plausíveis de comprovação e de mensuração.
- Subjetivo – é o próprio sujeito que organiza suas experiências e os seus conhecimentos.
- Assistemático – a organização da experiência não visa a uma sistematização das ideias e da forma de adquiri-las nem à tentativa de validá-las.

Enfim, no conhecimento vulgar ou senso comum, o homem conhece o fato e a sua ordem aparente, sem explicações de ordem sistemática, metodológica, mas pela experiência, pelo costume e pelo hábito. Num embate entre o conhecimento popular/empírico e o conhecimento científico, algumas pessoas poderão argumentar que ambos têm o mesmo valor; outras poderão defender que o primeiro é inferior e que o segundo é digno de confiança e mérito.

Diferentemente, a ciência tem a ver com o uso. Por conseguinte, o conhecimento científico ultrapassa os limites do conhecimento do senso comum, na medida em que procura evidenciar, além do próprio fenômeno, as causas e a lógica de sua ocorrência. Procura-se, na verdade, estabelecer princípios, conceitos e leis, que permitam explicar as razões da ocorrência de um determinado fenômeno. Logo, após serem repetidas, várias vezes, pelo raciocínio humano, essas razões tornam-se verdades axiomáticas (incontestáveis). Ademais, é o conhecimento do real (factual) porque lida com as ocorrências ou fatos, isto é, com toda “forma de existência que se manifesta de algum modo.” (TRUJILO FERRARI, 1974, p. 14)



Há cerca de 300 anos, a ciência tornou-se a principal fonte de conhecimento sobre o nosso mundo, fato que gerou vários conhecimentos que até então a humanidade desconhecia.

Vale a pena ler o que diz Japiassu sobre a ciência.

A ciência não é neutra

O que é ciência? A questão parece banal. As respostas, porém, são complexas e difíceis. Talvez a ciência nem possa ser *definida*. Em geral, é mais *conceituada* do que propriamente definida. Porque “definir” um conceito consiste em formular um *problema* e em mostrar as condições que o tornaram *formulável*. No entanto, para os cientistas em geral, a verdadeira definição de um conceito não é feita em termos de “propriedades”, mas de “operações” efetivas. Mesmo assim, definições não faltam. Para o grande público, ciência é um conjunto de conhecimentos “puros” ou “aplicados”, produzidos por métodos rigorosos, comprovados e objetivos, fazendo-nos captar a realidade de um modo distinto da maneira como a filosofia, a arte, a política ou a mística a percebem. Segundo essa concepção, os contornos da ciência são mal definidos. O protótipo do conhecimento científico permanece na física, em torno da qual se ordenam a matemática e as disciplinas biológicas. A esse conjunto, opõem-se os conhecimentos aplicados e técnicos, bem como as disciplinas chamadas “humanas”. A verdadeira ciência seria um conhecimento independente dos sistemas sociais e econômicos. Seria um conhecimento que, baseando-se no modelo fornecido pela física, se impõe como uma espécie de ideal absoluto.

Mas há outras definições: umas são extremamente amplas e vagas, a ponto de identificarem “ciência” com “especulação”; outras são demasiadamente restritivas, a ponto de excluírem do domínio propriamente científico, senão todas, pelo menos boa parte das disciplinas humanas. Algumas definições podem ser classificadas como “idealistas”, na medida em que insistem em reduzir a atividade científica à busca desinteressada do conhecimento ou da verdade; outras se apresentam como “realistas”, chegando ao ponto de identificarem pura e simplesmente ciência e tecnologia.

Uma coisa nos parece certa: não existe definição *objetiva*, nem muito menos *neutra*, daquilo que é ou não a *ciência*. Esta tanto pode ser uma procura metódica do saber, quanto um modo de interpretar a realidade; tanto pode ser uma instituição com seus grupos de pressão, seus preconceitos, suas recompensas oficiais, quanto um metiê [sic] subordinado a instâncias administrativas, políticas ou ideológicas; tanto uma aventura intelectual conduzindo a um conhecimento teórico (pesquisa), quanto um saber realizado ou tecnicizado.

FONTE: Japiassu (1975, p. 9-10)

De acordo com que foi dito anteriormente, podemos afirmar, caro(a) acadêmico(a), que as pessoas que não estão habituadas com a pesquisa e com os métodos científicos utilizam-se do “senso comum” como alternativa para emitir opiniões sobre os fatos. Já os cientistas buscam a verdade por trás das aparências utilizando o “senso crítico”, que está fundamentado na recusa da emissão de juízos de valor sobre os acontecimentos que se pretende conhecer profundamente.

A palavra ciência é um vocábulo enganosamente amplo, que designa grande diversidade de coisas diversas, embora relacionadas entre si. É usada geralmente para indicar: (1) um conjunto de métodos característicos por meio dos quais os conhecimentos são comprovados; (2) um acervo de conhecimentos acumulados, provenientes da aplicação destes métodos; (3) um conjunto de valores e costumes culturais que governa as atividades chamadas científicas; ou, (4) qualquer combinação dos itens anteriores. (MERTON, 1970, p. 652).

Levando-se em conta o que foi observado, devemos ter em mente que, no conhecimento científico, cada fenômeno observado, estudado, conduz à construção de teorias que vão ser testadas, observadas ou não por outros cientistas, pesquisadores, de forma sistematizada. Por sua vez, a construção do conhecimento científico exige um estudo objetivo, baseado em dados reais e concretos, adquiridos por intermédio de métodos científicos.

2.1 MÉTODOS IMPORTANTES PARA APLICAÇÃO PRÁTICA

Método é um processo racional que se segue para chegar a um fim, um modo ordenado de proceder ou conjunto de procedimentos técnicos e científicos. Embora existam vários métodos, vamos nos ater a apenas os mais importantes e utilizados nas ciências sociais: histórico, comparativo, estudo de caso, estatístico ou matemático e a etnografia. Lembramos ainda que em determinado tipo de pesquisa um método pode ter maior predomínio do que o outro.

2.1.1 Método histórico

Este tipo de método leva em conta o passado, remetendo aos pesquisados a necessidade de resgatarem as raízes daquilo que se pretende pesquisar, por exemplo, a vida, as instituições e os costumes têm origem no passado. (DIAS, 2005)

Nesse sentido, segundo Bonavides (2003, p. 406), o método histórico traça

[...] toda a história da proposição legislativa, desce no tempo a investigar a ambiência em que se originou a lei, procura enfim encontrar o legislador histórico, como diz Burckhardt, a saber, as pessoas que realmente participaram na elaboração da lei, trazendo à luz os intervenientes fatores políticos, econômicos e sociais, configurativos, da *occasio legis*.

Em suma, este método busca a originalidade, compreender a natureza das coisas e sua funcionalidade, principalmente na atualidade.

2.1.2 Método comparativo

Tem como foco comparar vários tipos de grupos, comunidades, instituições e fenômenos sociais, com o objetivo de reconhecer semelhanças ou diferenças nos procedimentos (DIAS, 2005). Vários pesquisadores teorizaram sobre esse método, dentre eles, os sociólogos Auguste Comte, Émile Durkheim e Max Weber.

Durkheim deixou uma série de recomendações sobre a utilização desse método, dentre elas:

1º. O necessário é comparar, não variações isoladas, mas séries de variações regularmente constituídas e, o que é mais, suficientemente extensas, cujos termos se liguem uns aos outros por uma gradação tão contínua quanto possível. Pois as variações de um fenômeno não permitem chegar a uma lei, a não ser que expressem claramente a maneira pela qual ele se desenvolve em circunstâncias dadas.

2º. Fazendo entrar em linha de conta muitos povos da mesma espécie, dispomos já de um campo de comparações mais vasto. Em primeiro lugar, podemos confrontar a história de um com a de outros e ver se, em cada um deles, tomado à parte, o mesmo fenômeno evoluiu no tempo em função das mesmas condições. Em seguida, podem-se estabelecer comparações entre os diversos desenvolvimentos.

3º. Para explicar uma instituição social pertencente a uma espécie determinada, serão comparadas as formas diferentes que ela apresenta, não apenas entre os povos desta espécie, mas em todas as espécies anteriores. (DURKHEIM, 1985, p. 115, 118-121).

O método comparativo envolve a comparação de diferentes situações, culturas, por exemplo; uma de suas vantagens é que deixa de ser puramente descritivo e aspira à explicação dos fatos.

Podemos realizar um estudo de duas ou mais ONGs ambientalistas, identificando as semelhanças de atuação das organizações e de seus membros. A partir dessas semelhanças, podemos efetuar generalizações, considerando-as como características de qualquer ONG ambientalista, de uma região, de um Estado etc. –, o que é comum na atuação e nos procedimentos das duas ou mais organizações. (DIAS, 2005, p. 37).

Enfim, como o método histórico, o comparativo pode fornecer subsídios para o estudo de outros casos semelhantes ao escolhido pelo pesquisador.

2.1.3 Método do estudo de caso

De maneira sintética, podemos afirmar que, para Yin (2005), o estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo (intensivo) de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, sendo escolhido ao se examinar acontecimentos contemporâneos, quando não se podem manipular comportamentos relevantes. Como uma estratégia de investigação, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico, seguindo-se de um conjunto de procedimentos pré-especificados. Quando utilizados, os estudos de casos costumam utilizar duas fontes: observação direta e série sistemática de entrevistas.

Assim, o diferencial em usar estudo de caso é:

[...] sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. Além disso, em algumas situações, como na observação participante, pode ocorrer manipulação informal. (YIN, 2005, p. 26-27).

Ou seja, trata-se de um método pedagógico ativo, pelo qual se busca:

[...] selecionar um objeto de pesquisa restrito, com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos é o estudo de caso, cujo objeto pode ser qualquer fato/fenômeno individual, ou um de seus aspectos [...] exige do pesquisador grande equilíbrio intelectual e capacidade de observação (“olho clínico”), além de parcimônia quanto à generalização dos resultados. (SANTOS, 1999, p. 29).

Ao definir o que é um estudo de caso, devemos enfatizar agora a questão da validação do conhecimento, a qual vem assumindo grande importância no meio científico.

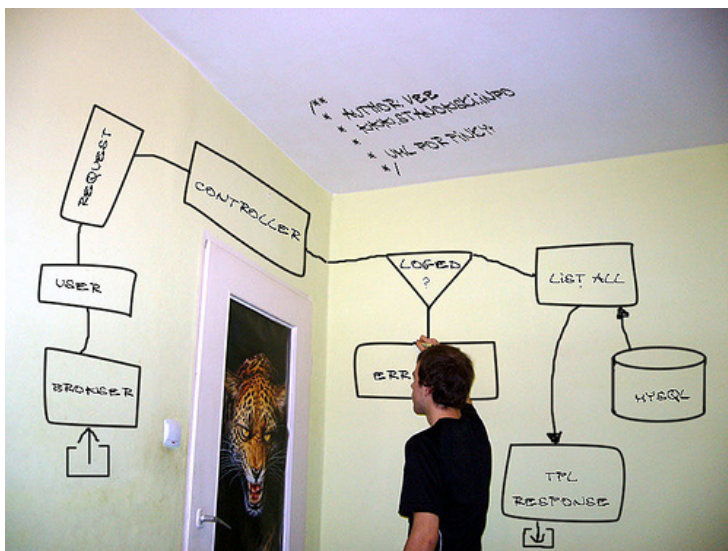
A maioria dos cientistas questiona se o conhecimento construído pelos pesquisadores é totalmente livre de influências, tais como seus valores e crenças. É necessário às pesquisas se submeterem à crítica da comunidade científica para se tornarem verdadeiramente objetivas (POPPER, 1978).

Segundo Marques (2007):

No fundo, para Popper, as teorias mais válidas nunca são teorias verdadeiras, mas apenas teorias que ainda não são falsas. O conhecimento é sempre imperfeito, mas perfectível. A verdade absoluta não está ao nosso alcance; e, ainda que a alcançássemos, não poderíamos sabê-lo. O real é uma espécie de ideia da razão, mas temos motivos para pensar que a ciência se aproxima progressivamente dele.

Assim, todo pesquisador deve colocar à disposição da comunidade científica o estado atual da sua familiarização sobre o conhecimento do tema escolhido, como forma de inserir sua pesquisa no processo de produção do conhecimento coletivamente.

FIGURA 7 – ESTUDO DE CASO



FONTE: Disponível em: <<http://ams-2006.blogspot.com>>. Acesso em: 20 out. 2008.

Na verdade, temos observado, ao longo do tempo, uma disparidade entre o que é exigido pelo meio acadêmico e aqueles que se dizem utilizar do “Estudo de Caso”, no processo de construção coletiva do conhecimento.

Ao não situar seu estudo na discussão acadêmica mais ampla, o pesquisador reduz a questão estudada ao recorte de sua própria pesquisa, restringindo a possibilidade de aplicação de suas conclusões a outros contextos, pouco contribuindo para o avanço do conhecimento e a construção de teorias. Tal atitude frequentemente resulta em estudos que só têm interesse para os que dele participaram, ficando à margem do debate acadêmico. Esse problema não é novo nem se restringe aos estudos de caso, mas, sem dúvida, é mais frequente nesse tipo de pesquisa. Talvez por focalizar apenas a unidade ou por enfatizar o interesse intrínseco pelo “caso”, pelo que ele tem de singular, muitos pesquisadores tendem a tratá-lo como algo à parte, tanto em sua gênese, apresentando-o de modo desconectado da discussão corrente na área, como em seu desenvolvimento, no qual não se observa qualquer preocupação com o processo de construção coletiva do conhecimento. (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 639).

É mister afirmarmos então que muitos pesquisadores que se utilizam do estudo de caso desconhecem a verdadeira caracterização desse tipo de pesquisa. Ou seja, muitos procuram utilizar-se dele somente por considerá-lo de fácil utilização. Ledo engano, mesmo sendo um fenômeno contemporâneo, essa pesquisa necessita ser justificável sob certas condições – “quando representa (a) um teste crucial da teoria existente, (b) uma circunstância rara ou exclusiva, ou (c) um caso típico ou representativo, ou quando o caso serve a um propósito (d) revelador ou (e) longitudinal.” (YIN, 2005, p. 67).

É bom lembrar que não basta apenas ser justificável, o caso deve apresentar algumas características essenciais para se tornar um ótimo estudo.

Yin (2005) enumera algumas características de um caso exemplar, as quais resumimos, a seguir:

- o estudo de caso deve ser significativo e “completo”: o estudo deve ser relevante, e o resultado final deve ser alcançado de qualquer forma, sem ser prejudicado pelo tempo ou falta de recursos;
- o estudo deve considerar perspectivas alternativas: considerar as evidências a partir de perspectivas diferentes;
- o estudo de caso deve apresentar evidências suficientes: fortes evidências contribuem para uma boa conclusão;
- o estudo de caso deve ser elaborado de uma maneira atraente: deve ser escrito com clareza e fazer instigar os leitores para que permaneçam seduzidos pela narrativa até o final.

Outra questão muito levantada sobre a utilização do estudo de caso é a sua aplicabilidade e generalização.

À medida que o método do caso foi se popularizando, muitos pesquisadores e professores criaram suas próprias tipologias, ou seja, foi criada uma variedade de formatos que um caso pode assumir. Assim, verificamos uma generalização a partir de um único caso, num único experimento. Para Yin (apud ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 646):

De fato, as generalizações são usualmente baseadas em um conjunto de experimentos replicando o mesmo esquema em diferentes condições. [...]. Tal como os experimentos, os estudos de caso, portanto, não representam “amostra”, cujos resultados seriam generalizáveis para uma população (generalização estatística), o pesquisador não procura casos representativos de uma população para a qual pretende generalizar os resultados, mas a partir de um conjunto particular de resultados, ele pode gerar proposições teóricas que seriam aplicáveis a outros contextos.

Cabe enfatizar que nem todo estudo único pode ser considerado um estudo de caso, e os estudos de caso realmente completos requerem muita pesquisa e replicação. Por conseguinte, um estudo de caso não é fácil de ser realizado, ao contrário, são muito complexos, exigindo uma variedade de coleta de dados.

2.1.4 Método estatístico ou matemático

Reúne procedimentos estatísticos ou matemáticos para medir o objetivo pesquisado, é conhecimento também “quantitativo”, porque os dados são manipulados estatisticamente para confirmar suas relações. Sua principal característica é a frieza e credibilidade dos números.

Num estudo das mães adolescentes no Brasil, por exemplo, não podemos, evidentemente, entrevistar a todas existentes. Dessa maneira, recorremos a um grupo de amostragem que seja representativo desse todo. Será definido um número pequeno de mães, que torne possível a realização de entrevistas. Para que o resultado chegue o mais próximo possível da realidade, o grupo de amostragem deve conter todas as características encontradas em mães adolescentes em todo o Brasil – mães solteiras; que trabalham ou não; do Norte, Sul, Leste, Oeste; de cidades médias, pequenas e grandes; de todas as raças; de famílias com alto ou baixo poder aquisitivo etc. (DIAS, 2005, p. 39).

Sua principal fraqueza acontece na padronização, porque isso “frequentemente reduz as atitudes, as crenças e as experiências pessoais a um denominador comum obtido por uma projeção estatística.” (DIAS, 2005, p. 39).

Assim, ele não está apto a lidar com problemas humanos, porque somos imprevisíveis, por exemplo, no caso de pesquisas políticas, muitas vezes as pessoas respondem que vão votar em determinado candidato, entretanto, ela pode votar em outra pessoa no momento do voto.

2.1.5 Etnografia

Em geral produz informações mais ricas e aprofundadas, oferecendo uma compreensão mais ampla do que se pretende estudar.

A etnografia é o estudo de pessoas e de grupos, em primeira mão, durante um período de tempo, que utiliza a **observação participante** ou entrevistas para desvendar o comportamento social. A pesquisa etnográfica procura revelar os significados que sustentam as ações sociais; é feita através do envolvimento direto do pesquisador nas interações que constituem a realidade social para o grupo em estudo. (GIDDENS, 2004, p. 514).

Suas limitações abrangem desde a sua utilização apenas no estudo de grupos ou comunidades bem pequenas ou apenas em grupos ou nas comunidades estudadas, sendo difícil fazer uma generalização baseada num único estudo de campo. (GIDDENS, 2004).

Caro(a) acadêmico(a), lembre-se de que, independente do método escolhido, o principal é o objeto a ser estudado.

RESUMO DO TÓPICO 1

Caro(a) acadêmico(a), neste tópico você viu que:

- Os seres humanos sempre buscaram alguma forma para tentar entender ou explicar algum fato ou a realidade.
- O conhecimento vulgar ou senso comum é desenvolvido principalmente por intermédio dos sentidos e não tem a intenção de ser profundo, sistemático e infalível. Usualmente é adquirido por acaso ou pelas tradições ou transmitido de geração para geração, não passando pelo crivo dos postulados metodológicos.
- A ciência tem a ver com o uso. Por conseguinte, o conhecimento científico ultrapassa os limites do conhecimento do senso comum, na medida em que procura evidenciar, além do próprio fenômeno, as causas e a lógica de sua ocorrência. Procura-se, na verdade, estabelecer princípios, conceitos e leis, que permitam explicar as razões da ocorrência de um determinado fenômeno.
- Uma coisa nos parece certa: não existe definição objetiva, nem muito menos neutra, daquilo que é ou não a ciência. Esta tanto pode ser uma procura metódica do saber, quanto um modo de interpretar a realidade; tanto pode ser uma instituição com seus grupos de pressão, seus preconceitos, suas recompensas oficiais, quanto um ofício subordinado a instâncias administrativas, políticas ou ideológicas; tanto uma aventura intelectual conduzindo a um conhecimento teórico (pesquisa), quanto um saber realizado ou tecnicizado.
- Método é um processo racional que se segue para chegar a um fim, um modo ordenado de proceder ou conjunto de procedimentos técnicos e científicos. Embora existam vários métodos, os mais importantes são: histórico, comparativo, estudo de caso, o estatístico ou matemático e a etnografia. Em determinado tipo de pesquisa, um método pode ter maior predomínio do que o outro.



Caro(a) acadêmico(a), após a leitura do Tópico 1, responda às questões abaixo para aumentar sua compreensão sobre os temas apresentados. Um ótimo trabalho!

1 O conhecimento vulgar ou senso comum é desenvolvido principalmente por intermédio dos sentidos e não tem a intenção de ser:

- a) superficial e sensitivo.
- b) subjetivo e assistemático.
- c) superficial, sistemático e subjetivo.
- d) profundo, sistemático e infalível.

2 Leia e complete a seguinte sentença:

Fazendo entrar em linha de conta muitos povos da mesma _____, dispomos já de um campo de comparações mais vasto. Em primeiro lugar, podemos confrontar a história de um com a de outros e ver se, em cada um deles, tomado à parte, o mesmo _____ evoluiu no tempo em função das mesmas condições. Em seguida, podem-se estabelecer comparações entre os diversos _____.

As palavras que completam adequadamente as lacunas são:

- a) espécie – fenómeno – desenvolvimentos.
- b) pesquisa – aspecto da vida – campos.
- c) filosofia – valor – campos da humanidade.
- d) história – aspecto ético – conhecimentos.

3 Podemos afirmar que o diferencial em usar estudo de caso é ...

4 O que é o método histórico? Exemplifique.



A DIVERSIDADE DE TRABALHOS ACADÊMICOS

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, pretendemos familiarizá-lo(a) com alguns dos tipos de trabalhos acadêmicos. Há muita diversidade neste gênero textual e nosso objetivo inicial é descrever brevemente a função que alguns trabalhos acadêmicos cumprem na esfera acadêmica.

Conhecer essa diversidade é importante, pois você, ao longo de sua trajetória acadêmica, terá que, frequentemente, documentar suas reflexões e pesquisas conforme as exigências de cada um dos trabalhos acadêmicos.



Ei, aqui na UNIASSELVI seus trabalhos serão apresentados no formato paper. O Tópico 5 trata deste assunto com profundidade.

2 TIPOS DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Inicialmente, apresentamos a descrição proposta por Tafner et al. (2006) dos tipos de trabalhos acadêmicos/científicos. Ao conhecê-los, você também percebe, de certa forma, como funcionam os níveis de ensino que vão além da graduação.

- Trabalhos de Graduação
- Trabalhos de Final de Curso
- Monografia (para Especialização)
- Dissertação
- Tese
- Artigos de Periódicos e Eventos Científicos
- Comunicação Científica

A seguir, você acompanha algumas características de cada um desses trabalhos.

2.1 TRABALHOS DE GRADUAÇÃO

Os trabalhos de graduação não constituem exatamente trabalhos de cunho científico, mas de iniciação científica, uma vez que os mesmos devem ser apresentados dentro de uma sistemática e organização que estimulem o raciocínio científico. Visto que o enfoque pretendido em trabalhos de graduação é voltado para a assimilação de um conteúdo específico, é comum que uma revisão bibliográfica, ou uma revisão literária, seja tida como suficiente. Porém, nada impede que existam outros tipos de trabalhos acadêmicos, como relatórios e pequenas pesquisas. No entanto, é importante ter em mente a cientificidade da sistemática adotada para a realização desses trabalhos.

2.2 TRABALHOS DE FINAL DE CURSO

O Trabalho de Final de Curso, também conhecido como Trabalho de Conclusão de Curso ou ainda como Trabalho de Graduação, é tido como uma monografia sobre um assunto específico. Tem como objetivo levar o aluno a refletir sobre temas determinados e transpor suas ideias para o papel na forma de uma pesquisa ou na forma de um relatório. Para o caso da graduação, por se tratar de mais um requisito para a complementação do curso, o estudo não necessita ser tão completo em relação ao tema escolhido, como o caso de uma dissertação ou tese, mas o(a) acadêmico(a) não deve perder de vista a clareza, a objetividade e a seriedade da pesquisa.

2.3 MONOGRAFIA (PARA ESPECIALIZAÇÃO)

A monografia, para obter o título de especialista em cursos de pós-graduação *lato sensu*, é parecida com o Trabalho de Final de Curso apresentado em cursos de graduação. Também possui como objetivo levar o(a) acadêmico(a) a refletir sobre temas determinados e transpor suas ideias para o papel na forma de uma pesquisa. Para o caso da pós-graduação, o estudo necessita ser um pouco mais completo em relação ao tema escolhido para a pesquisa.

2.4 DISSERTAÇÕES

As dissertações, destinadas aos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado), buscam, sobretudo, a reflexão sobre um determinado tema ou problema expondo as ideias de maneira ordenada e fundamentada. E, dessa forma, como resultado de um trabalho de pesquisa, a dissertação deve ser um estudo o mais completo possível em relação ao tema escolhido. Deve procurar expressar conhecimentos do autor a respeito do assunto e sua capacidade de sistematização. E, dentro deste contexto, uma das partes mais importantes da dissertação é tida como a fundamentação teórica, que procura traduzir o domínio do autor sobre o tema abordado e a sua perspicácia de buscar tópicos não desenvolvidos.

2.5 TESES

A tese, a exemplo da dissertação dirigida para o mestrado, é o trabalho de conclusão do doutorado. Caracteriza-se como um avanço significativo na área do conhecimento em estudo. As teses devem tratar de algo novo e inédito naquele campo do conhecimento, de forma que promovam uma descoberta, ou mesmo uma real contribuição para a ciência. Diz-se que o trabalho deve ser inédito, contributivo e não trivial. Os argumentos utilizados devem comprovar e convencer de que a ideia exposta é verdadeira.

E então, você já conhecia alguma dessas nomenclaturas? A partir de agora, conhecê-las ajuda a diferenciar os tipos de trabalho com os quais você passará a ter contato. Nas leituras que você terá que realizar, para as pesquisas solicitadas ao longo da graduação, certamente a extensão e a estrutura de cada um desses trabalhos vão evidenciar que a produção acadêmica não pode ser feita de qualquer jeito. Neste sentido é que justificamos a Metodologia do Trabalho Acadêmico como primeira disciplina.

Em comum, podemos dizer que esses trabalhos obedecem quase sempre à mesma estrutura (introdução, desenvolvimento e conclusão). Explorando um pouquinho a função que cada uma dessas partes tem, podemos dizer que:

- a) a introdução dos trabalhos deve apresentar os objetivos da pesquisa, bem como os problemas, as delimitações e a metodologia adotada para a realização do trabalho;
- b) o desenvolvimento é mais livre, podendo o(a) acadêmico(a) dissertar sobre o tema propriamente dito, sem, contudo, abandonar pontos importantes como a demonstração, a análise e a discussão dos resultados;

c) as considerações finais trazem conclusões do pesquisador a respeito da discussão realizada ou dos resultados obtidos.

Vamos voltar a tratar dessas etapas com maior detalhamento ao falarmos do paper, ok?



Ei, já que estamos falando de trabalhos, antes de prosseguir, queremos apenas esclarecer que é comum encontrar certos equívocos em torno da palavra monografia com respeito a dissertações, teses e trabalhos de fim de curso de graduação.

Etimologicamente, monografia é um estudo sobre um único assunto, realizado com profundidade. No entanto, essa nomenclatura, monografia, parece destinada aos Cursos de Especialização (360 horas), e teria como fim primeiro levar o autor a se debruçar sobre um assunto em profundidade, com o intuito de transmiti-lo a outrem ou de aplicá-lo imediatamente.

Porém, fazemos uma ressalva, todos os trabalhos científicos são monográficos, uma vez que a monografia científica é fruto de um trabalho realizado sobre um determinado assunto sob um rigoroso raciocínio científico. E, dessa forma, tanto a dissertação quanto a tese constituem-se de monografias.

Esses relatórios científicos possuem características próprias, como a sistemática, a investigação, a fundamentação, a profundidade e a metodologia. E, dependendo do caso, a originalidade e a contribuição da pesquisa para a ciência, como é o caso das teses e dissertações. (TAFNER et al., 2006, p. 15-16).

2.6 ARTIGOS DE PERIÓDICOS E EVENTOS CIENTÍFICOS

O artigo científico é o resultado de pesquisas realizadas que não se constituem em dissertações e teses. Contudo, como possui um formato mais enxuto e possibilidade de maior divulgação, as dissertações e teses podem servir de matéria-prima para produção de artigos. Cada área do conhecimento tem suas revistas, jornais ou outro periódico especializado que facilita a divulgação dos artigos. Daí o artigo ser um formato que agiliza a publicação/divulgação das pesquisas.



Aqui, na UNIASSELVI, adotamos o paper, que apresenta muitas características próximas ao artigo. Vamos estudá-las no Tópico 5.

Os artigos científicos se classificam, em geral, em três tipos, são eles:

- Analítico – este tipo de artigo procura descrever algum assunto específico, tomando como tema as relações existentes e os aspectos importantes em torno do tema abordado.
- Classificatório – este tipo de artigo possui características informativas, pois procura primeiro classificar e ordenar os principais aspectos de um determinado tema e depois explicar as partes divididas.
- Argumentativo – neste tipo de artigo, normalmente, costuma-se primeiro fazer um enfoque sobre um argumento específico, depois procuram-se apresentar argumentos favoráveis e/ou contrários ao argumento apresentado. E, então, durante a discussão do tema em questão, o autor conduz o leitor a uma tomada de posição.

Em todos os casos, o objetivo principal do artigo é sempre levar ao conhecimento do público interessado alguma ideia nova, ou alguma abordagem diferente dos estudos realizados sobre o tema, como, por exemplo: a existência de aspectos ainda não explorados em alguma pesquisa, ou a necessidade de esclarecer uma questão ainda não resolvida.

2.7 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Para divulgar os resultados das pesquisas que estão sendo realizadas, são promovidos congressos e/ou eventos científicos, dos quais provavelmente você já participou como ouvinte. Se ainda não participou, é uma boa oportunidade para fazê-lo.

Nestes eventos ocorrem as comunicações, ou seja, um relato público do que o pesquisador concluiu até aquele momento em sua pesquisa. Essas comunicações têm, em média, a duração de 20 minutos.

Para que ocorra a publicação da comunicação, o pesquisador deve organizar um texto que descreva o objeto de estudo, a metodologia e os resultados. A forma da comunicação obedece, em geral, à mesma estrutura formal de um artigo, porém de uma forma mais sucinta. A extensão do texto (1 a 4 laudas) varia conforme as exigências de cada instituição.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico apresentamos:

- Os seguintes tipos de trabalhos acadêmicos:
 - Trabalhos de Graduação.
 - Trabalhos de Final de Curso.
 - Monografia (para Especialização).
 - Dissertação.
 - Tese.
 - Artigos de Periódicos e Eventos Científicos.
 - Comunicação Científica.
- Descrevemos a função e as características que os diferenciam: a profundidade do tratamento e o domínio do autor sobre o tema aumentam gradualmente.

AUTOATIVIDADE



Faça um esquema envolvendo todos os trabalhos de graduação (com exceção dos artigos e eventos e comunicação científica) apresentados neste tópico. Indique em que pontos eles se aproximam e se distanciam.



ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

1 INTRODUÇÃO

Depois da apresentação de alguns dos tipos de trabalhos acadêmicos, chegou a hora de explorarmos seus elementos. Cada um deles não é apenas mais uma folha, certo? Você vai ver que as informações contidas na folha de rosto não são as mesmas que as do agradecimento, por exemplo, e que cada elemento tem uma função no trabalho.

2 A ESTRUTURA BÁSICA

Apresentamos aqui o modelo de estrutura de um trabalho científico. Este, porém, poderá ser adaptado a cada tema e às necessidades do pesquisador.

QUADRO 1 – ELEMENTOS DO TRABALHO ACADÊMICO

	PARTE EXTERNA	CAPA
PARTE INTERNA	Elementos Pré-Textuais	Capa Folha de rosto Folha de aprovação Dedicatória(s) (opcional) Agradecimento(s) (opcional) Resumo em língua vernácula Resumo em língua estrangeira Lista de ilustrações (opcional) Lista de tabelas (opcional) Lista de abreviaturas e siglas (opcional) Sumário
	Elementos Textuais	Introdução Desenvolvimento Conclusão ou Considerações Finais
	Elementos Pós-Textuais	Referências Apêndice(s) (opcional) Anexo(s) (opcional) Índice(s) (opcional)



Para os objetivos deste caderno, omitimos no quadro os seguintes elementos: lombada, epígrafe, lista de símbolos e glossário. Contudo, você pode consultá-los na NBR 14724 (2011).



Ei, volte ao Quadro 1. Veja o item chamado Desenvolvimento. Para simplificar, optamos por denominá-lo assim, mas, dependendo da pesquisa desenvolvida, pode-se encontrar a seguinte divisão:

- Fundamentação Teórica
- Metodologia
- Tipo de Pesquisa
- População e Amostra
- Materiais e Métodos
- Tratamento dos Dados
- Análise e Discussão dos Resultados

Aguarde... Nas próximas páginas, vamos conversar um pouco mais sobre o Desenvolvimento.

O Quadro 1 permite a visualização geral de todas as partes que um trabalho acadêmico pode ter. Para facilitar, é bom que você retorne ao quadro e perceba que ele está dividido basicamente em três fases: os elementos pré-textuais, os elementos textuais e os elementos pós-textuais.

Se você observar com um pouco mais de atenção, vai perceber também que nem todos os elementos são necessários. Isso já é um alívio, certo? Os elementos que possuem a indicação de opcional estão atrelados ao tipo de pesquisa desenvolvida, isto é, à metodologia que foi empregada para realizar o trabalho. Daí sua presença ser facultativa, ok?

Agora, quanto aos demais, bom, esse assunto será abordado nas seções a seguir, em que descrevemos cada um dos elementos. Fique atento(a) à nomenclatura, certo? Ela deve começar a se tornar comum para você.

2.1 PARTE EXTERNA

O primeiro elemento do trabalho é a capa, parte em que são apresentadas informações essenciais à sua identificação.

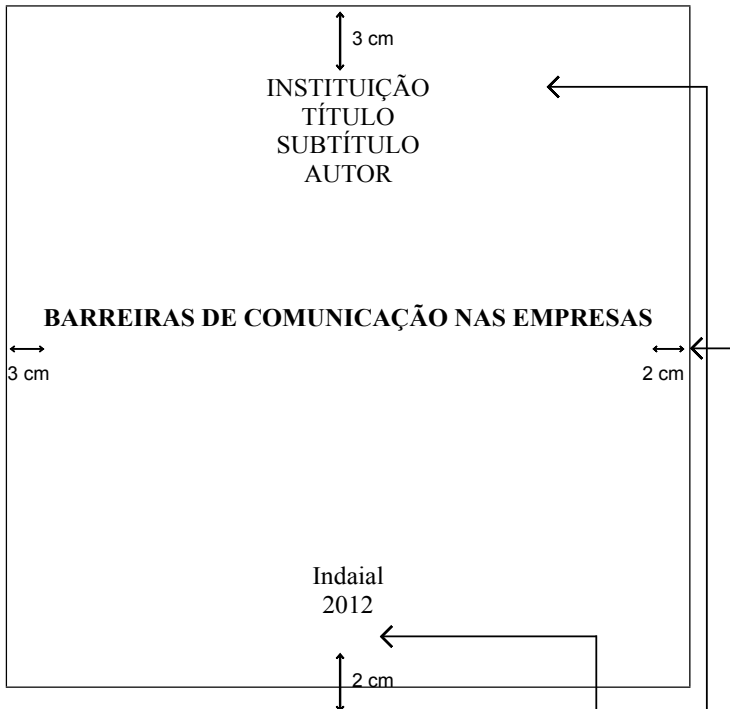
2.1.1 Capa

Na capa de um trabalho acadêmico devem constar:

- nome da instituição (opcional);
- título;
- subtítulo (se houver);
- nome do(s) autor(es);
- cidade (no caso de cidades homônimas, recomenda-se o uso da sigla da unidade da federação);
- data (ano).

A disposição destes elementos pode ser observada na figura a seguir:

FIGURA 8 – MODELO DE CAPA



Na capa use:

- fonte Times New Roman
- tamanho 12
- negrito apenas no título



É importante que você escolha um título claro e preciso para o seu trabalho. Desta forma, fica mais fácil identificar seu conteúdo para fins de indexação e recuperação da informação.

2.2 PARTE INTERNA

É constituída pelos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

2.2.1 Elementos pré-textuais

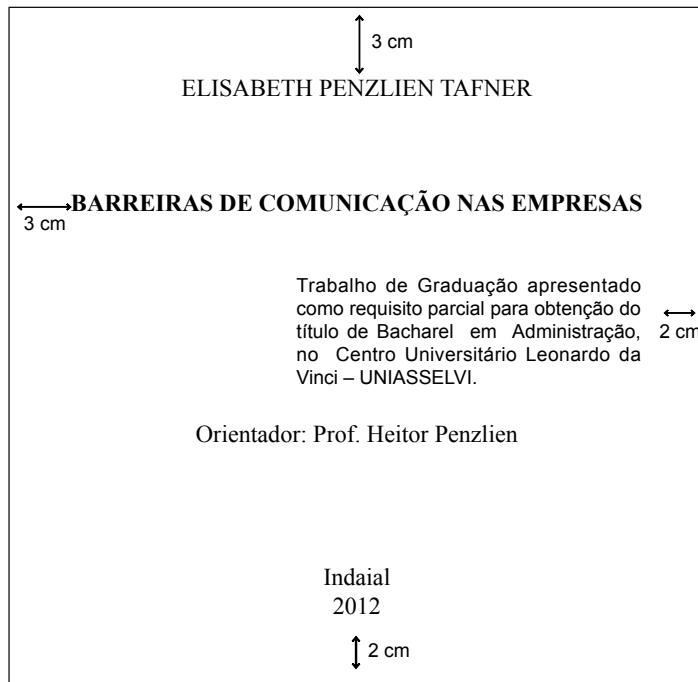
2.2.1.1 Folha de rosto

A folha de rosto vem logo em seguida da capa. Deve haver os seguintes elementos na folha de rosto:

- nome do(s) autor(es);
- título;
- natureza do trabalho (monografia, trabalho de conclusão, relatório, entre outros), objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido e outros), nome da instituição a que é submetido (departamento, curso, setor, escola ou instituto etc.);
- nome do orientador e, se houver, do co-orientador;
- cidade;
- data (ano).

A disposição destes elementos pode ser observada na figura a seguir:

FIGURA 9 – MODELO DE FOLHA DE ROSTO



2.2.1.2 Folha de aprovação

Os dados desta página são os seguintes:

- título do trabalho;
- subtítulo (se houver);
- autor do trabalho;
- natureza, objetivo, instituição a que é submetido e área de concentração do trabalho;
- membros da banca examinadora (nome, titulação e instituição a que pertencem);
- data de aprovação do trabalho (a data de aprovação e assinaturas dos membros componentes da banca são colocadas após a aprovação do trabalho).

A disposição destes elementos pode ser observada na figura a seguir:

FIGURA 10 – MODELO DE FOLHA DE APROVAÇÃO

3 cm

BARREIRAS DE COMUNICAÇÃO NAS EMPRESAS

ELISABETH PENZLIEN TAFNER

3 cm

Este Trabalho de Graduação foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Administração e aprovado pelo Curso de Administração do Centro Universitário Leonardo da Vinci.

Prof. Heitor Penzlien - Orientador

Prof. (titulação) – Fulano de Tal - Examinador

Prof. (titulação) – Fulano de Tal - Examinador

Indaial, 18 de novembro de 2012.

2 cm

2 cm

2.2.1.3 Dedicatória (opcional)

Esta folha, apesar de amplamente utilizada, é opcional. Nela o autor pode prestar homenagens ou dedicar o seu trabalho para alguém em especial. A disposição da dedicação sobre esta folha é livre. Entretanto, salienta-se que a palavra Dedicatória não deve ser usada como título.

2.2.1.4 Agradecimento(s) (opcional)

Outra folha opcional que é utilizada para agradecer às pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para a realização do trabalho. A indicação da palavra agradecimentos deve ser feita na parte superior da página, centralizada, em maiúsculas e em negrito.

Veja a seguir os modelos de dedicatória e agradecimento.

FIGURA 11 – MODELO DE DEDICATÓRIA

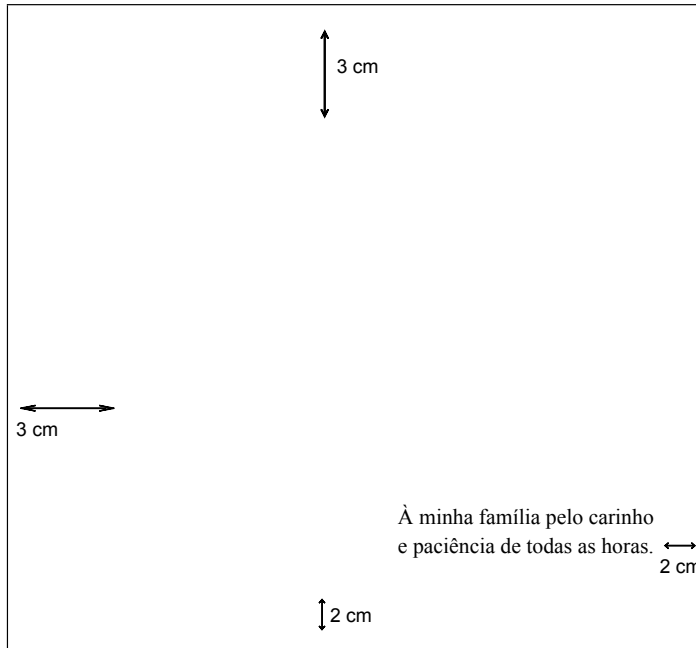
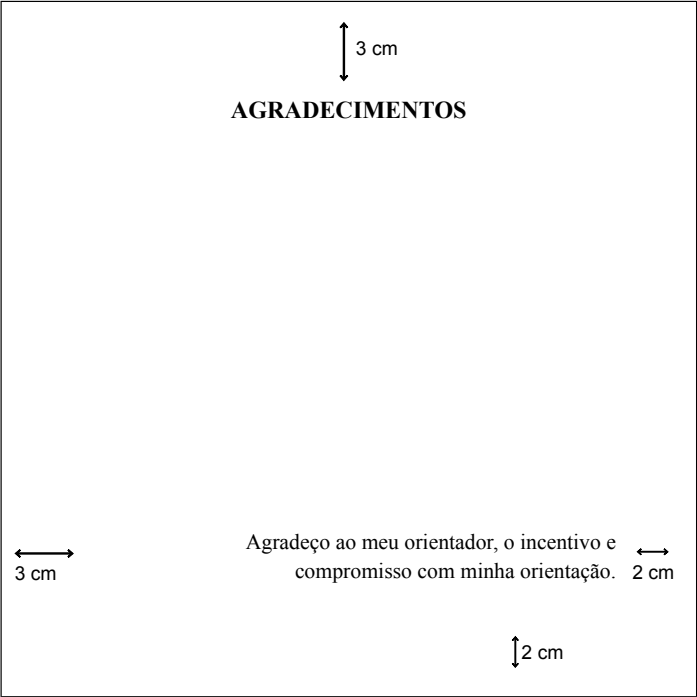


FIGURA 12 – MODELO DE AGRADECIMENTOS

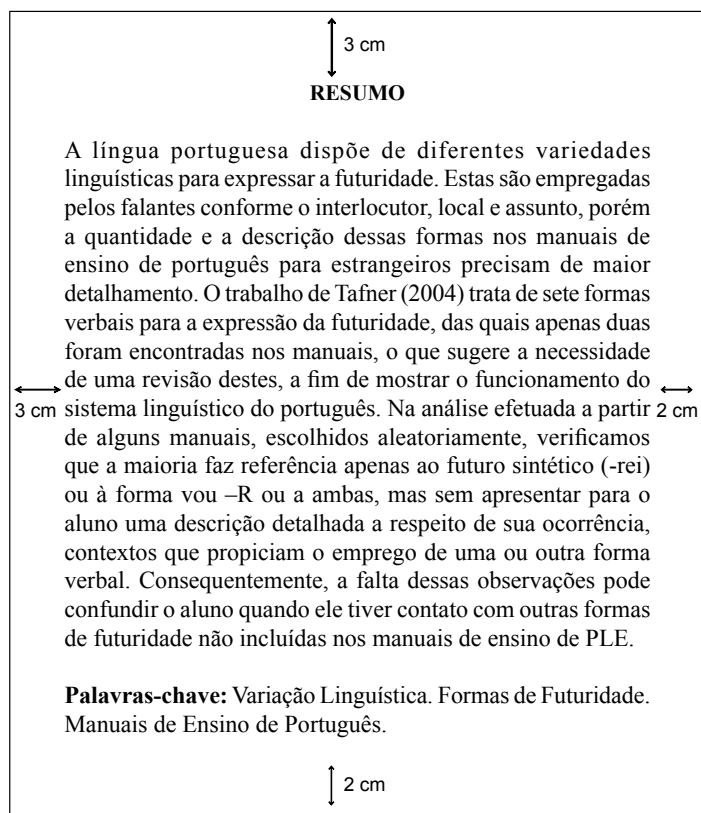


2.2.1.5 Resumos

O resumo só pode ser elaborado depois de concluído o trabalho e, normalmente, constitui-se de uma página com uma breve explanação de todo o trabalho, cuja extensão não ultrapassa 500 palavras (para teses e dissertações, por exemplo). Ao apresentar de forma concisa os pontos mais relevantes de uma pesquisa, ajuda o leitor se lhe será conveniente consultar o texto integralmente ou não. Logo após o resumo, devem-se indicar as palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, as palavras-chave.

É comum também em dissertações e teses, logo em seguida, uma outra página com o mesmo resumo escrito em língua estrangeira (por exemplo, em inglês Abstract, em espanhol Resumen, em francês Résumé). Logo após, são indicadas as palavras-chave na língua adotada.

FIGURA 13 – MODELO DE RESUMO



Na elaboração do resumo: use fonte 12; um parágrafo único e com espaço simples entrelinhas. Não há recuo antes do parágrafo.

2.2.1.6 Listas (Ilustrações, Tabelas, Abreviaturas e Siglas)

As listas localizam-se antes do sumário e seus itens devem estar relacionados na mesma ordem em que aparecem no trabalho. Para melhor visualização, utilizam-se listas separadas para cada tipo de item, tais como: lista de ilustrações (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, quadros e outros), lista de tabelas, lista de abreviaturas e siglas.

FIGURA 14 – MODELO DE LISTA DE TABELAS

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos contextos de futuridade08

Tabela 2 – Distribuição dos dados em restrição.....10

Tabela 3 – Distribuição geral das variantes de futuro....15

2.2.1.7 Sumário

O sumário deve dar uma ideia geral do estudo realizado. É por isso que os títulos e os subtítulos devem ser colocados em ordem, junto à indicação da página inicial correspondente, e de forma que ajudem a esclarecer a ideia do trabalho. A ordem de enumeração das divisões e seu padrão gráfico devem estar de acordo com a ordem em que se encontram dentro da obra.



Ei, fique atento(a)! Os **elementos pré-textuais não devem constar no sumário**. Além disso, caso não tenha notado, devem ser registradas em **negrito**, em **letras maiúsculas** e **centralizadas**, as seguintes expressões: **agradecimentos**, **resumo** (em língua vernácula e em língua estrangeira), **lista** (ilustrações, tabelas, abreviaturas e siglas), **sumário**, **referências**, **apêndice(s)**, **anexo(s)**. E mais, estas expressões **não devem ser numeradas**. Volte e observe os exemplos que apresentamos.

A seguir, você encontra um modelo de sumário.

FIGURA 15 – MODELO DE SUMÁRIO

SUMÁRIO	
1 INTRODUÇÃO.....	12
2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
2.1 QUESTÃO-PROBLEMA.....	14
2.2 PRESSUPOSTOS	14
2.3 OBJETIVOS.....	15
2.3.1 Objetivo geral	15
2.3.2 Objetivos específicos	15
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3.1 SUBTÍTULO 1.....	17
3.2 SUBTÍTULO 2	23
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
4.1 MODALIDADE DE PESQUISA	35
4.2 CAMPO DE OBSERVAÇÃO	35
4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	36
4.4 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	36
4.5 DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DE INVESTIGAÇÃO.....	37
5 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
➔ REFERÊNCIAS	47
➔ APÊNDICES.....	48

- Em negrito, maiúsculas e centralizado.

- Títulos de seções: indicação da página inicial correspondente, ligada ao título por uma linha pontilhada.

➔ - O indicativo numérico não é usado nas expressões referências, apêndice(s), anexo(s).

AUTOATIVIDADE



Leia atentamente as assertivas a seguir que tratam dos elementos pré-textuais e classifique V para as verdadeiras e F para as falsas:

() Título; nome(s) do(s) autor(es); cidade; data.

() A dedicatória é um elemento opcional. Nela o autor pode prestar homenagens ou dedicar o seu trabalho para alguém em especial.

() Os elementos pré-textuais devem constar no sumário.

() O resumo, cuja extensão não excede a 500 palavras, apresenta de forma concisa os pontos mais relevantes de uma pesquisa.

Agora, assinale a alternativa CORRETA:

a) () V - V - F - V.

b) () V - V - V - V.

c) () F - V - F - V.

d) () V - F - F - F.

2.2.2 Elementos textuais

Os elementos textuais constituem o núcleo do trabalho. Você deve organizar esta parte levando em consideração o objetivo do trabalho, assim facilita para o leitor a percepção da lógica e da articulação entre cada uma das partes do texto em função do tema abordado. Normalmente, esta seção constitui-se de partes como: Introdução, Desenvolvimento (Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise e Discussão dos Resultados) e, finalmente, Considerações Finais.



Obs.: A NBR 14724 (2011) sugere que os elementos textuais sejam digitados no anverso e verso das folhas. Assim, é importante atentar para as margens: no anverso esquerda/superior de 3 cm e direita/inferior de 2 cm; no verso direita e superior de 3 cm e esquerda e inferior de 2 cm.

2.2.2.1 Introdução

Você deve apresentar na introdução: o tema do seu trabalho, as razões pelas quais você está pesquisando tal temática, sua relevância (contribuição para o conhecimento da sua área profissional ou contribuição prática para sua área profissional). A introdução também deve deixar claro qual o objetivo da pesquisa.

Quantas exigências, sim, mas todas essas informações são essenciais para o leitor ter, ao menos, após a leitura da introdução, uma ideia geral do seu trabalho, pois você não escreve trabalhos para engavetá-los. Eles terão sempre, no mínimo, um leitor. Contudo, para você que está iniciando sua caminhada no mundo acadêmico, sabemos o grau de dificuldade em apontar especificamente o que cada uma das exigências listadas deve conter. Para tanto, detalhamos cada uma delas, veja:

- Apresentação do tema

Deve-se anunciar a ideia central do trabalho, delimitando o ponto de vista enfocado em relação ao assunto e à extensão; deverá se situar o problema ou o tema abordado, no tempo e no espaço.

- Justificativa(s) da escolha do tema

Nesta parte, deve ser enfocada a relevância do assunto no sentido de esclarecer seus aspectos obscuros e a contribuição desse trabalho para uma melhor compreensão do problema.

- Objetivo(s) da pesquisa

É preciso definir claramente o que se pretende sob o ponto de vista geral – o significado geral do trabalho – e sob o ponto de vista específico – as etapas que permitam atingir o objetivo geral. Normalmente, os objetivos são enumerados na forma de uma lista.



Ficou mais fácil agora, certo? Mas, se você realmente quer ser cooperativo(a) com seu leitor, pode acrescentar à introdução o seguinte:

- **Definição dos Termos:** é necessário esclarecer os termos e os conceitos utilizados, dando a definição utilizada no trabalho ou o ponto de vista adotado dentro do próprio texto, ou então em uma seção à parte. Lembre-se: cada área do conhecimento apresenta termos que podem significar coisas diferentes conforme a abordagem teórica adotada. Um exemplo: na linguística, o termo discurso pode ser entendido de várias formas, mas ao defini-lo como “a língua em uso” (SCHIFFRIN, 1994 apud COSTA, 1997, p. 52), você está explicitando para o leitor a significação do termo para os objetivos do trabalho que você está desenvolvendo.
- Você pode também, se quiser, informar qual a **metodologia** adotada na pesquisa: qualitativa, quantitativa, se houve uso de questionário, entrevistas etc.
- Ainda para facilitar a vida do seu leitor, você pode usar o último parágrafo da introdução para listar a **estrutura do trabalho**, isto é, você faz uma breve descrição do conteúdo de cada uma das etapas que compõem o trabalho. Exemplo: “Na primeira parte do trabalho, discutimos o conceito de variação linguística, a seguir, verificamos as formas que estão em competição para a expressão da futuridade. Na sequência, descrevemos os fatores que interferem no uso de uma ou outra forma variante. Finalmente, apresentamos as considerações finais e lista de referências usadas para a elaboração do trabalho”.

2.2.2.2 Desenvolvimento

Esta seção, também conhecida como “revisão da literatura” ou “fundamentação teórica”, permite ao leitor conhecer o tema e o que tem sido realizado de semelhante em torno do assunto (livros, periódicos, internet) estudado no trabalho. É o momento em que você vai elaborar um texto que descreva o referencial teórico que deu fundamentação às suas ideias e contribuiu para interpretar os dados na sua pesquisa.



Você está atento(a)? Então deve ter percebido que a palavra Desenvolvimento não aparece no trabalho que você irá elaborar. No seu lugar, aparecerão as expressões revisão da literatura, fundamentação teórica ou a nomenclatura teórica que você vai abordar: “Fases de Aprendizagem da Criança”, “Características do Taylorismo” etc.

Poderíamos dizer, de forma simples, que a fundamentação teórica corresponde às reflexões que você faz associadas às ideias de diferentes autores, daí o nome de fundamentação teórica, entendeu agora? Só que, na redação do texto, a inserção das ideias de outrem deve ocorrer de forma explícita, ou seja, a transcrição das ideias dos autores que lemos (revistas, artigos, livros, sites) deve ser feita sob a forma de citações. **O formato das citações** define os limites entre o que você produziu e aquilo que foi inserido a partir de outras fontes de leitura.



Ei, fique tranquilo(a), a Unidade 3 descreve com maior detalhamento o emprego das citações e seu formato. Além disso, você deve ter notado que um trabalho, de caráter científico, só é realizado a partir de muita leitura e pesquisa, já que para tanto podem ser usados como suporte teorias, tabelas, gráficos, figuras e estatísticas produzidas por outros autores/instituições. É por isso que a metodologia é tão importante para quem deseja participar do mundo acadêmico!

Para tanto, o(a) acadêmico(a) deve estar atento(a) ao fato de que a fundamentação teórica é uma revisão sobre o que tem sido publicado a respeito do tema em questão. Assim, deve-se dar ênfase a informações que tenham relação direta com o tema em estudo, evitando ao máximo uma mistura muito grande de trabalhos com temas muito diferentes. Este cuidado é necessário porque há várias correntes teóricas a respeito de um mesmo tema e não é interessante misturá-las, a

menos que o objetivo do seu trabalho seja justamente compará-las.

Como esta é uma parte mais livre em relação às demais, você deve organizá-la (em capítulos, seções etc.), segundo os objetivos da sua pesquisa. Exemplo: qual conceito deve ser explicado inicialmente para que o leitor possa acompanhar o seu raciocínio ou para que haja base para o próximo tópico a ser comentado? Além disso, pensando no leitor, você pode incluir no texto tabelas, gráficos, figuras a fim de ilustrar ou dar suporte às suas ideias.



Em relação aos títulos de seção, é importante ficar atento à orientação da NBR 14724 (2011, p. 10): “[...] Os títulos das seções primárias devem começar em páginas ímpar (anverso), na parte superior da mancha gráfica e ser separados do texto que os sucede por um espaço entre as linhas de 1,5”.



Brevemente, vamos orientá-lo(a) na utilização dessas estratégias.

Antes que você esqueça, a fundamentação teórica tem como objetivo apresentar para o leitor a pesquisa que você desenvolveu, assim sua argumentação deve ser escrita com clareza, coerência, objetividade, imparcialidade e uniformidade.

Dependendo da natureza do trabalho, conforme já mencionamos, o desenvolvimento pode apresentar, após a fundamentação teórica (obrigatória em todos os tipos de trabalhos acadêmicos), ainda:

a) Metodologia

Nesta etapa, o(a) acadêmico(a) descreverá como foi realizada a pesquisa (aqui você esclarece para o leitor como, onde, com quem, com quantos foi feita a sua pesquisa). Estes dados mostram como você selecionou sua amostra e como os dados foram coletados e analisados. Para isso, é comum desenvolver os seguintes passos, conforme apontam Tafner et al. (2006):

- Tipo de Pesquisa

Você, acadêmico(a), considerado(a) aqui como pesquisador(a), deverá identificar e justificar o tipo de pesquisa que irá desenvolver no seu trabalho. Para cada tipo de trabalho a ser desenvolvido existe um tipo específico de investigação para sistematizar a pesquisa. Ademais, é importante citarmos as modalidades ou

tipos de pesquisa e as características do trabalho. Conforme Gil (1999), as pesquisas podem ser classificadas quanto:

À natureza da pesquisa, e pode ser:

- **Básica:** objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais (GIL, 1999). Assim, o pesquisador busca satisfazer uma necessidade intelectual pelo conhecimento, e sua meta é o saber (CERVO; BERVIAN, 2007).
- **Aplicada:** objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais (GIL, 1999). Este tipo de pesquisa visa à aplicação de suas descobertas a um problema (COLLIS; HUSSEY, 2005).

À abordagem do problema, e pode ser:

- **Qualitativa:** não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, e o pesquisador é o instrumento-chave (GIL, 1999). Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.
- **Quantitativa:** é focada na mensuração de fenômenos, envolvendo a coleta e análise de dados numéricos e aplicação de testes estatísticos.

À realização dos objetivos, e pode ser:

- **Descritiva:** metodologia indicada para orientar a forma de coleta de dados quando se pretende descrever determinados acontecimentos (GIL, 1996; DENCKER, 2000, p. 125). É direcionada a pesquisadores que têm conhecimento aprofundado a respeito dos fenômenos e problemas estudados.
- **Exploratória:** esse tipo de pesquisa é voltado a pesquisadores que possuem pouco conhecimento sobre o assunto pesquisado, pois, geralmente, há pouco ou nenhum estudo publicado sobre o tema (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Aos procedimentos técnicos, e pode ser:

- **Bibliográfica:** utiliza material já publicado, constituído basicamente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, de informações disponibilizadas na internet.
- **Documental:** quando elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico, documentos de primeira mão, como documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc.
- **Levantamento:** envolve a interrogação direta de pessoas cujo comportamento se deseja conhecer acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise

quantitativa, chegar às conclusões correspondentes aos dados coletados.

- Estudo de caso: envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a se obter o seu amplo e detalhado conhecimento.
- Participante: pesquisa realizada por meio da integração do investigador que assume uma função no grupo a ser pesquisado, mas sem seguir uma proposta predefinida de ação.
- Pesquisa-ação: concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (GIL, 1999).
- Experimental: quando se determina um objeto de estudo, selecionam-se as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definem-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto (GIL, 1999).
- Ex-post-facto: quando o “experimento” se realiza depois dos fatos. O pesquisador não tem controle sobre as variáveis (GIL, 1999).

FIGURA 16 – PESQUISA EX-POST-FACTO - IMAGEM DE VÍDEO AMADOR FEITA POR UM TURISTA INGLÊS NO MOMENTO EM QUE O TSUNAMI INVADE HOTEL EM PHUKET, TAILÂNDIA



FONTE: Disponível em: <http://www.publispain.com/tsunami/galeria/tsunami_tailandia_2004.jpg>. Acesso em: 20 out. 2008.

Caro(a) acadêmico(a), lembre-se de que o pesquisador deve explicar de que tipo de pesquisa o estudo trata, justificando cada item de classificação e a relação com o tema e objetivos da pesquisa; deve fazer uso de citações para enriquecer a argumentação. Toda fonte citada deve ser referenciada, e toda fonte referenciada deve ser citada.



Filmes recomendados:

Quase Deuses: Em meio à Grande Depressão, um homem perde o dinheiro que guardava para a faculdade de Medicina. Ele consegue emprego como faxineiro de um pesquisador, que logo nota que seu novo empregado está sendo subaproveitado.

Possessão: Em Londres, Roland Michell, um americano que é um estudioso em literatura inglesa do século XIX, encontra fortes indícios de que, em meados do século XIX, houve uma ligação amorosa entre Randolph Henry Ash e Christabel LaMotte, dois poetas vitorianos que eram casados e, segundo a história oficial, nem se conheciam. Assim, se as suspeitas de Michell se confirmassem, ficaria provado que estes dois poetas, que tinham reputação de ter uma vida exemplar, na verdade eram adúlteros. Assim Michell vai até o encontro de Maud Bailey, uma jovem pesquisadora, para ajudá-lo a confirmar sua teoria.

• População e Amostra

Uma população é tida como um conjunto de membros (seres animados ou não) que possuem características em comum. É importante definir a população investigada, pois assim o(a) pesquisador(a) explicita qual o universo envolvido na pesquisa proposta.

A definição da amostra é necessária apenas quando a pesquisa não abrange todos os elementos do universo investigado. Isto acontece, principalmente, quando o universo investigado possui um número muito elevado de componentes e, assim, se extrai uma parte dessa população. Caso a pesquisa utilize a amostragem, deve-se tomar o cuidado de garantir que a amostra seja a mais representativa possível do universo definido.



Observe a diferença então:

População: é a totalidade de indivíduos que possuem as características definidas para determinado estudo.

Amostra: é parte da população, selecionada de acordo com uma regra (estatística) ou plano.

• Materiais e Métodos

Por materiais e métodos compreende-se o instrumental empregado e a descrição das técnicas adotadas, incluindo também o processo da experimentação (quando for o caso), com certa riqueza de detalhes.

Aqui devem ser descritos os instrumentos utilizados na pesquisa, como: entrevistas, fichas de observação, questionários e equipamentos (máquinas fotográficas, filmadoras e computadores). Quando for o caso de equipamentos, devem ser descritas as respectivas especificações técnicas (se possível com desenhos e/ou fotografias).

É importante definir também as técnicas ou métodos empregados para amparar a análise dos resultados obtidos, por exemplo, os procedimentos estatísticos, quando for uma pesquisa quantitativa, e os procedimentos descritivos, quando se tratar de uma pesquisa qualitativa.

No caso de métodos que já tenham sido publicados anteriormente, podem ser referidos apenas por citação, desde que não tenham sido muito modificados para a pesquisa em questão.

Enfim, esta seção deve permitir que os leitores acompanhem os procedimentos utilizados na pesquisa com uma riqueza maior de detalhes. Também orienta a reprodução do experimento realizado em pesquisas futuras.

b) Análise e Discussão dos Resultados

Nesta seção, antes de mais nada, o(a) acadêmico(a) deve se preocupar em apresentar os resultados de forma clara, lógica e objetiva, sejam eles negativos ou positivos, para que haja evidências que esclareçam cada questão levantada, ou cada hipótese formulada na proposição do problema.

Para atingir o objetivo desta seção (análise e discussão dos resultados), ou seja, oferecer evidências que esclareçam cada questão levantada, deve-se:

- argumentar, de forma lógica e coerente, sobre os resultados obtidos e inferir determinadas conclusões;

- fazer uso de estatísticas, tabelas, gráficos e outros para amparar e/ou ilustrar determinadas conclusões;
- evitar interpretações pessoais, pois o texto acadêmico requer imparcialidade.



Outras dicas para essa parte do trabalho, que deve ser sempre elaborada pensando no que pode ser mais adequado em relação aos objetivos da pesquisa realizada:

- Você, em parceria com seu orientador, deve decidir se a fundamentação teórica e a análise e discussão dos resultados devem estar separadas no trabalho ou se a inserção dos resultados pode ocorrer de forma paralela à fundamentação teórica.
- A ordem de discussão de cada questão deve facilitar a compreensão dos resultados, portanto, novamente, essa é uma decisão a ser pensada entre você e seu orientador.
- Nesta parte do texto, deve-se redobrar a atenção despendida para evitar erros de digitação, de estatística ou cálculo matemático, pois podem comprometer toda uma discussão posterior.

É importante delimitar também a extensão da análise e da discussão dos resultados. Você deve manter os limites da abrangência do estudo em função dos resultados obtidos. Contudo, apesar de o(a) pesquisador(a) estar restrito(a) ao seu domínio do conhecimento, não significa que o(a) mesmo(a) não deva ter criatividade na discussão.

Após apresentar os resultados, você passa a relacionar causa e efeito de cada questão levantada no trabalho. Além disso, sempre é interessante manter no trabalho as exceções e contradições encontradas, tudo isso pode ser inserido em notas de rodapé. Essas informações, para você, podem não dizer muito, agora, para outros pesquisadores, podem ser muito valiosas.

2.2.2.3 Conclusão ou considerações finais

É hora de retomar e apresentar para o leitor o cumprimento do(s) objetivo(s) do trabalho. A conclusão, portanto, não deve tratar de coisas novas; deve limitar-se a um resumo sintetizado da argumentação desenvolvida no corpo do trabalho. Lembramos, contudo, que as conclusões devem estar todas fundamentadas nos resultados obtidos na pesquisa. Devem explicitar as contribuições que o trabalho alcançou.

Esta seção também pode trazer recomendações e sugestões para o prosseguimento no estudo do assunto, já que todo trabalho acadêmico apresenta delimitação, isto é, limites para que possa ser executado com a profundidade e a extensão necessárias.



Não fique preocupado(a) se o resultado da pesquisa for diferente da hipótese proposta no trabalho. Esse resultado possui tanta relevância quanto os estudos cujos resultados atingiram os objetivos esperados. A ciência é construída por um processo contínuo, em que sucessivas hipóteses são testadas, algumas funcionam e outras não. Também se acumula conhecimento quando uma hipótese é tida como falsa. O relato científico sempre é válido.

2.2.3 Elementos pós-textuais

Nos subitens a seguir explicamos cada um dos elementos pós-textuais.

2.2.3.1 Referências

As referências (bibliográficas e eletrônicas) devem ser arroladas em uma lista denominada REFERÊNCIAS. Em território brasileiro utiliza-se a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para normatizar as referências apontadas durante o trabalho. Na Unidade 3 vamos detalhar como apresentar a referência das várias fontes de pesquisa disponíveis: livros, artigos, sites, documentos etc.

2.2.3.2 Apêndices

O apêndice é formado por documentos auxiliares, como tabelas, gráficos, mapas, organogramas, cronogramas, formulários, entrevistas, questionários e outros. Todos estes documentos devem ter sido elaborados pelo próprio autor.

2.2.3.3 Anexos

São documentos auxiliares não elaborados pelo autor, tais como: tabelas, gráficos, mapas, organogramas, cronogramas, formulários, entrevistas, questionários e outros.



Ei, fique atento(a), é muito comum ouvirmos: “vou usar isso ou aquilo como anexo no meu trabalho”. Agora, você sabe: anexo é somente o material que for acrescentado ao trabalho, mas cuja autoria é de outro autor.

LEITURA COMPLEMENTAR

Neste tópico falamos detalhadamente a respeito dos elementos constitutivos dos trabalhos acadêmicos, contudo não podemos esquecer que a redação desses textos requer um cuidado bastante especial. Por isso, leia com atenção as orientações sobre as características que a linguagem científica deve apresentar. Certamente, o texto deve ajudá-lo(a) futuramente na elaboração dos papers.

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM CIENTÍFICA

a) Clareza: a característica primordial

Por ser técnica, a linguagem científica é acadêmica e didática: visa a transmitir conhecimentos e informações com precisão e objetividade. Toda e qualquer questão, todo problema, informação ou ideia deve ser enunciado com absoluta clareza e precisão. Não pode haver resposta clara a uma pergunta ambígua. Ora, a linguagem científica visa a obter o máximo de inteligibilidade; daí a necessidade de realizar esses atributos característicos: clareza, precisão e objetividade.

Para bem exprimir seu pensamento, o autor deve, entretanto, ter assimilado o assunto em todas as suas dimensões, em seu conjunto, como também em cada uma de suas partes ou dificuldades. Pensamento e expressão são interdependentes: ninguém pode exprimir em termos claros uma ideia ainda confusa em sua mente.

A palavra é o revestimento necessário da ideia. Para haver clareza de expressão, é necessário que haja primeiramente clareza de ideias. Tanto é verdade que a clareza de ideias condiciona a clareza e precisão de expressão, como é certo que sem clareza de ideias não pode haver clareza de expressão. Portanto, essa é a primeira condição — e indispensável — de uma boa redação científica. A redação é uma etapa posterior que segue o processo criador de ideia.

b) O uso do vocabulário comum

Ideias claras e precisas exprimem-se por meio de símbolos que as representem. Os símbolos convencionalmente aceitos e agrupados em um sistema

constituem a linguagem. Tratando-se de linguagem científica, os símbolos empregados são aqueles que representam ideias. Ocorre, entretanto, que nem todo símbolo ou palavra designa uma única coisa ou corresponde a uma ideia apenas. Cumpre por isso, para que a linguagem científica seja clara e precisa, escolher os termos mais adequados às ideias que se quer exprimir e determinar sua significação exata.

O redator com pretensões técnicas, acadêmicas ou científicas deve conhecer, em primeiro lugar, a significação exata dos termos empregados, conforme se encontra nos dicionários, e determinar, em segundo lugar, a significação que recebe no contexto. Em uma redação científica, não se admite o uso dos termos em sentido figurado: devem ser empregados unicamente em sentido próprio, concreto e objetivo. Assim, o botânico se serviria do termo ‘rosa’ para designar a flor da roseira, planta da família das rosáceas, enquanto o poeta poderia utilizar o mesmo termo, em sentido figurado, para designar uma mulher formosa.

c) O uso do vocabulário técnico

A linguagem científica serve-se constantemente do vocabulário comum, utilizado com clareza e precisão, como veículo de transmissão de conhecimentos. Porém, à medida que determinadas ciências aperfeiçoam seus próprios instrumentos de trabalho e consolidam seus resultados, assiste-se a uma evolução similar da linguagem que os comunica.

Cada ciência possui uma **terminologia** técnica própria, que acompanha sua evolução, aperfeiçoando-se e enriquecendo-se com seus resultados. Essa terminologia técnica é de grande valia para a transmissão de conhecimentos e a comunicação entre cientistas, sendo seu uso adequado e necessário em publicações de caráter eminentemente técnico-científico, cujo público leitor tem, por dever de ofício, a obrigação de dominá-la. Seu uso supõe, entretanto, o pleno conhecimento da ciência respectiva.



Segundo o Dicionário Houaiss, a palavra “terminologia” significa conjunto de termos específicos ou sistema de palavras usado numa disciplina particular (por ex.: a terminologia da botânica, da marinharia, da matemática); nomenclatura (Nota dos autores).

A popularização da ciência, de seus métodos, de suas técnicas e de seus conhecimentos requer hoje linguagem e formas de comunicação cada vez mais simples, acessíveis ao grande público consumidor de tecnologias, de produtos, de serviços e de informações. Saber e conseguir comunicar resultados é tão importante hoje como saber conseguir produzi-los. Tanto quanto possível, a redação deve objetivar traduzir teoremas, fórmulas, equações e conceitos em textos descritivos, explicativos e informativos simples e compreensíveis, se seu propósito for alcançar um público maior.

Para melhorar seu vocabulário, o pesquisador deve fazer frequentes leituras, consultar assiduamente enciclopédias e dicionários especializados, além de participar, seja como ouvinte, painelistas, debatedor ou conferencista, de congressos, seminários, simpósios e encontros de sua área, pois a escolha do vocabulário adequado depende em grande parte de sua formação.

d) Características da fraseologia acadêmico-científica

Não apenas a escolha esmerada do vocabulário, tanto comum como técnico, é feita no sentido de se obter clareza e precisão, mas a própria construção da frase também deve submeter-se aos mesmos fins. As frases devem ser simples. Elas traduzem o desenvolvimento lógico do pensamento; convém, pois, que cada uma delas contenha apenas uma ideia, mas que a envolva completamente.

Períodos longos, que se estendem sobre muitas linhas, abrangendo inúmeras orações subordinadas, intercaladas com parênteses, dificultam sobremaneira a compreensão e tornam a leitura pesada. Não diga tudo em um único período; multiplique as frases para facilitar ao leitor a análise do pensamento e para que ele possa acompanhar seu curso sem esforço supérfluo. A regra é escolher frases curtas, que exprimem melhor as ideias, além de conferir ao estilo uma certa energia.

Em suma, as características da linguagem científica, quanto ao uso do vocabulário e à construção da frase, são a clareza, a objetividade, a precisão e a simplicidade. Todo esforço deve ser feito para que isso aconteça.

FONTE: Extraído e adaptado de: CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. p. 111-112.



RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico você viu que:

- Os trabalhos acadêmicos são formados por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.
- Os elementos pré-textuais apresentam informações que auxiliam na identificação e utilização do trabalho.
- Os elementos textuais constituem o núcleo do trabalho. Nesta parte do trabalho encontramos: a introdução, o desenvolvimento: fundamentação teórica (a metodologia, análise e discussão dos resultados, conforme a natureza do trabalho) e, finalmente, as considerações finais.
- Os elementos pós-textuais incluem a indicação da lista de referências, apêndices e anexos.
- As pesquisas podem ser classificadas quanto: à natureza da pesquisa, à abordagem do problema, à realização dos objetivos, aos procedimentos técnicos.



1 Para o desenvolvimento de qualquer pesquisa científica, é necessária a definição dos:

- a) procedimentos metodológicos.
- b) fenômenos a serem pesquisados.
- c) métodos epistemológicos.
- d) processos de pesquisa.

2 Esse tipo de pesquisa é voltado a pesquisadores que possuem pouco conhecimento sobre o assunto pesquisado, pois, geralmente, há pouco ou nenhum estudo publicado sobre o tema. Assinale a alternativa correta.

- a) Quantitativa.
- b) Qualitativa.
- c) Exploratória.
- d) Levantamento.

3 Comente as informações que devem estar presentes na introdução nos trabalhos acadêmicos.

4 Como deve ser estruturado o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos?



UNIFORMIZAÇÃO GRÁFICA DE TRABALHOS ACADÊMICOS

1 INTRODUÇÃO

A uniformização gráfica se refere à disposição consistente dos elementos básicos de um trabalho. Esta uniformização tem como objetivo oferecer uma estética que ajude o leitor, dando-lhe direção e facilidade no encontro da matéria.

Este tipo de procedimento também auxilia a padronização dos trabalhos no tratamento gráfico, além de orientar acadêmicos que, pela primeira vez, vão elaborar um trabalho científico.

Lembramos também que as normas de uniformização gráfica não são rígidas, mas apenas orientativas. Trata-se, portanto, de conselhos cuja intenção é padronizar a apresentação dos trabalhos em função de uma organização gráfica da instituição.

2 ORIENTAÇÕES PARA DIGITAÇÃO

O **papel A-4** (29,7 cm x 21 cm) branco é indicado para apresentar os trabalhos científicos.

O **tipo de fonte** utilizado em um trabalho acadêmico deve ser *Times New Roman*, tamanho **12**. Estilos de letras como negrito, itálico e sublinhado costumam ser usados para ressaltar trechos do texto ou acentuar títulos e subtítulos usados no trabalho.



Fique atento(a): o tamanho da fonte pode variar. Veja em quais situações isso acontece:

- Citações longas (fonte 10). Na Unidade 3, você vai entender melhor a razão desta orientação.
- Notas de rodapé (fonte 10). Podem ser usadas ao longo do desenvolvimento do trabalho, sempre com o intuito de esclarecer alguma dúvida para o leitor. Você lembra da explicação que determinamos para a palavra discurso, para delimitar seu sentido? Pois é, essa informação pode vir em nota de rodapé. Vamos voltar a falar sobre esse mecanismo.

Quanto ao espaçamento entrelinhas, você deve usar espaço 1,5, com exceção das citações longas e notas de rodapé, das referências e das legendas das ilustrações e tabelas. Nestas situações, o correto é usar o espaço simples.

Já os títulos das seções, estes devem ser separados do texto que os precede ou que os sucede por um espaço de 1,5 cm entre as linhas. As referências ao final do trabalho devem ser separadas entre si por um espaço simples.

Quanto à numeração de páginas, todas as páginas, a partir da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, mas não numeradas.

As páginas referentes aos elementos pré-textuais não recebem numeração, incluem-se neste caso: folha de rosto, folha de aprovação, dedicatória(s), agradecimento(s), resumos, lista de ilustrações, lista de tabelas, lista de abreviaturas e siglas e sumário. A numeração é colocada a partir da primeira folha da parte textual (introdução).

Quanto à posição do número na página, coloca-se em algarismos arábicos, em fonte menor, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo a 2 cm da borda direita da folha.

Com o intuito de ordenar o conteúdo do trabalho, você deve criar seções e subseções. Basicamente, seções são porções de texto que ajudam a compreender melhor a linha de raciocínio que você está seguindo. Para o leitor, elas funcionam como guias, organizando o texto. Para ilustrar, imagine um supermercado. Há uma infinidade de produtos neste local, o que exige uma organização para o consumidor encontrar o que precisa, sem perder muito tempo.

De acordo com o porte do supermercado, as seções podem ser muitas e organizadas de diferentes maneiras, contudo vamos imaginar as seguintes seções: mercearia, açougue, padaria, FLV (frutas, legumes e verduras), limpeza, higiene e perfumaria. Em cada uma delas encontramos muitos produtos, de diferentes marcas e preços. Marca e preço são fatores que interferem na localização dos produtos nas gôndolas, ou seja, os produtos não são dispostos nas prateleiras de qualquer jeito, há razões bem claras para que determinados produtos estejam à

altura dos olhos, outros acima ou abaixo do nosso ângulo de visão. Você já deve ter notado esse cenário.

Agora, para explorarmos um pouco mais os motivos que levam os supermercados a organizar os produtos de um modo ou de outro, vamos nos ater à seção Higiene e Perfumaria, o que você pode encontrar ali? Dentre uma infinidade de itens, listamos alguns:

6 HIGIENE E PERFUMARIA

6.1 ABSORVENTE

6.2 AEROSSOL E SPRAY

6.3 BARBA E DEPILAÇÃO

6.4 CONDICIONADOR

6.5 CONDICIONADOR ESPECIAL

6.6 CREME DENTAL

6.7 CREME E HIDRATANTE

6.8 CREME PARA CABELO

6.9 ESCOVA E FIO DENTAL

6.10 FRALDA DESCARTÁVEL

6.11 GEL E MUSSE

6.12 MANICURE

6.13 PAPEL HIGIÊNICO

6.14 PROTETOR SOLAR

6.15 ROLL-ON E CREME

6.16 SABONETE

6.17 SABONETE ESPECIAL

6.18 SABONETE LÍQUIDO

6.19 XAMPU

6.20 XAMPU ESPECIAL

6.21 XAMPU INFANTIL

6.22 TALCO

Que tal a lista? Faltou algum item, possivelmente, pois retiramos alguns, dada sua extensão inicial. Percebeu como ela foi organizada? Como se trata de uma lista de categorias de produtos disponível para compras on-line, o critério de organização das seções foi o alfabético. Isso mesmo, já que a tecnologia possibilitou comprar sem sair de casa, surgiu a necessidade de simular os corredores do supermercado em seções on-line.

A diferença na forma de comprar, virtual ou fisicamente, é que levou às diferentes estratégias de organização das seções. Cada meio é mais adequado a determinadas estratégias. Agora, vejamos uma subseção, pois a seção creme dental, assim como as demais, não foi detalhada.

6.6 CREME DENTAL

6.6.1 Creme dental A

- 6.6.2 Creme dental B
- 6.6.3 Creme dental C
- 6.6.4 Creme dental D
- 6.6.5 Creme dental F
- 6.6.6 Creme dental G

Criar essa subseção foi uma escolha nossa para mostrar a você que tipos de produtos estão inseridos ali. Mas, se não quiséssemos, poderíamos ter deixado apenas a seção Creme Dental. Contudo, como você poderia comprar um creme dental sem saber o tipo? Quer dizer, você até poderia comprar, contudo teria que se contentar com a marca que aparecesse na sua casa.

Ora, você deve estar se perguntando, o que isso tem a ver com Metodologia? Tudo! Escolher uma (marca e/ou preço) ou outra (alfabética) maneira para estruturar, organizar o seu trabalho faz toda a diferença, mas é a você que cabe tal decisão. Da mesma forma, se você precisa ainda criar subseções, para comentá-las, tal atitude só pode ser adequada ou não, levando-se em conta o objetivo que você tem em mente para o seu trabalho.

Podemos aplicar algumas dessas estratégias para fisgar a atenção do leitor. Saindo do supermercado e voltando ao assunto Metodologia, em nosso trabalho a seção (**6 HIGIENE E PERFUMARIA**) será chamada de **seção primária**. As subseções (6.1 ABSORVENTE ... 6.6 CREME DENTAL) serão chamadas de **seções secundárias** e, assim sucessivamente: **terciárias, quaternárias e quinárias** (6.6.1 Creme dental A). Contudo é bom ficar atento(a)! Será que realmente você precisa avançar além das seções quaternárias e quinárias? Em teses e dissertações, trabalhos mais extensos, pode acontecer tal necessidade, mas para textos mais curtos, como os artigos e o nosso paper, é comum pararmos nas seções terciárias.

As **seções primárias, secundárias, terciárias etc. precisam de destaques especiais**. O procedimento será o seguinte:

- **Seções primárias:** em caracteres maiúsculos e em negrito, alinhados à margem esquerda:

2 MERCEARIA
3 AÇOUGUE
4 PADARIA
5 LIMPEZA
6 HIGIENE E PERFUMARIA

- **Seções secundárias:** em caracteres maiúsculos e sem negrito, alinhados à margem esquerda:

6.1 ABSORVENTE
 6.2 AEROSSOL E SPRAY
 6.3 BARBA E DEPILAÇÃO

6.4 CONDICIONADOR

6.5 CONDICIONADOR ESPECIAL

6.6 CREME DENTAL

- **Seções terciárias, quaternárias e quinárias:** apenas com a primeira letra em maiúsculas e sem negrito, alinhados à margem esquerda:

6.6.1 Creme dental A

6.6.2 Creme dental B

6.6.3 Creme dental C

6.6.4 Creme dental D

6.6.5 Creme dental E

6.6.6 Creme dental F



Atenção, veja como escrevemos os títulos das seções! Eles foram numerados em algarismos arábicos, separados do título apenas com um espaço.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico apresentamos orientações para a configuração gráfica de um trabalho acadêmico, a qual deve ser, basicamente:

- Tipo de papel: A4.
- Numeração de páginas: canto superior direito da folha.
- Numeração de páginas: início a partir dos elementos textuais (a parte pré-textual é contada, mas não é numerada).
- Espacejamento simples: nas citações longas e notas de rodapé, nas referências e nas legendas das ilustrações e tabelas.
- Espacejamento 1,5 no restante do trabalho.
- As referências, no final do trabalho, são separadas entre si por um espaço simples.
- Fonte Times New Roman, tamanho 12 (exceto nas citações longas e nas notas de rodapé, por exemplo. Estas usam o tamanho de fonte 10).



1 Classifique V para as sentenças verdadeiras e F para as falsas. Corrija as falsas.

- () O espaçamento entrelinhas 1,5 deve ser usado em todo trabalho, com exceção das citações longas e notas de rodapé, das referências e das legendas das ilustrações e tabelas.
- () O papel a ser usado nos trabalhos acadêmicos é o A4.
- () Todas as páginas do trabalho são numeradas.
- () O número da página deve ser colocado no canto superior direito da folha.
- () O tamanho da fonte (12) não deve ser alterado ao longo de todo o trabalho.



1 INTRODUÇÃO

No mundo acadêmico, que você acabou de adentrar, é necessário escrevermos para planejar nossos estudos, registrar nossas observações, organizar nossas reflexões. Enfim, escrever é necessário para produzir ciência. Sim, você passa agora a fazer parte deste mundo e para poder publicar os resultados de seus trabalhos, terá que adequá-los ao formato do paper, adotado aqui na UNIASSELVI.

O paper é um tipo particular de artigo científico, você deve estar lembrado(a). Trata-se do modelo que você adotará para entregar grande parte dos trabalhos que serão solicitados ao longo do seu curso.

Como apresenta características similares ao artigo científico, vamos primeiro abordar um pouco este tipo de publicação para você se familiarizar. A seguir, passamos a apresentar as orientações para a configuração do paper.

2 ARTIGO E *PAPER*

Para você conhecer um pouco a importância dos artigos, veja o que dizem Lakatos e Marconi (1991) em relação às suas características: a) não se constituem em matéria de um livro; b) são publicados em revistas ou periódicos especializados; c) permitem ao leitor, por serem completos, repetir a experiência.

“Artigo científico é parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento.” (ABNT, NBR 6022, 2003, p. 2).

Sintetizando, podemos dizer que os artigos científicos facilitam a vida dos pesquisadores, pois acabam divulgando mais rapidamente as novidades nas diversas áreas do conhecimento.

Os artigos podem se apresentar de duas formas (ABNT, NBR 6022, 2003):

- Artigo original: apresenta temas ou abordagens próprias. Geralmente, relata resultados de pesquisa, bem como desenvolve e analisa dados não publicados.
- Artigo de revisão: resume, analisa e discute informações já publicadas que, geralmente, resultam de revisão de referências já publicadas.

Agora, podemos falar do paper, que apresenta o formato gráfico de um artigo científico. Contudo, sua preocupação não deve ser a de apenas produzir um trabalho seguindo uma configuração gráfica, mas, sim, de expressar com clareza e objetividade sua capacidade de síntese analítica no contato com a produção científica já produzida. O mesmo que se diz para o artigo pode-se dizer para o paper: “São pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica.” (OLIVEIRA NETTO, 2006, p. 90).



Só para você saber: os artigos ou *papers* apresentam geralmente seis a doze páginas. Ficou mais tranquilo(a)? Além disso, você se acostuma com um formato que, com poucas variações, é exigido pelas revistas especializadas para divulgar conhecimentos ou comunicar resultados de pesquisa.

Então, agora, você já sabe! Quando produzir um paper, sua meta ao longo do texto pode ser: comunicar, além de resultados de pesquisas, suas ideias, de maneira clara e objetiva, ou ainda, refletir a análise de um determinado tema.

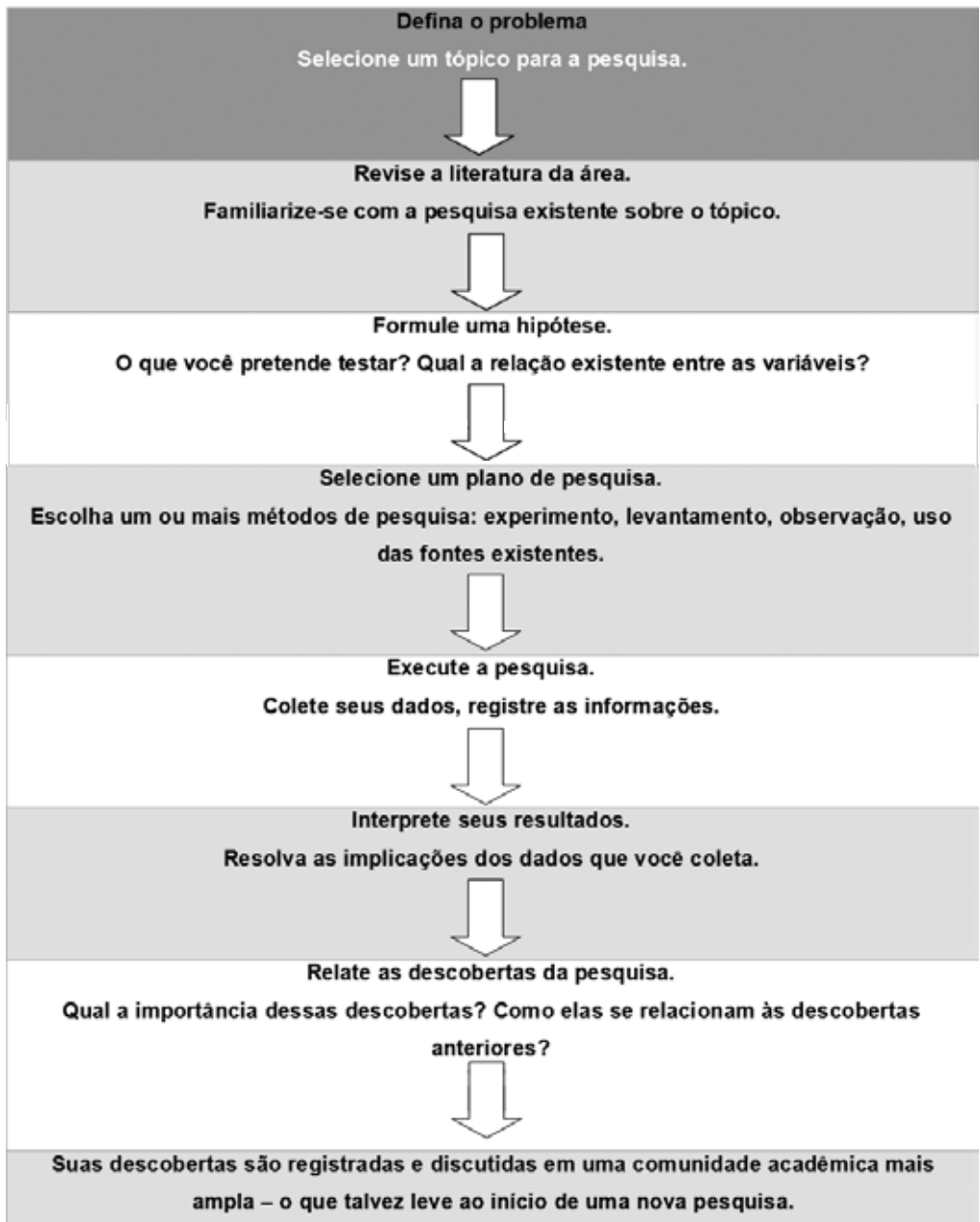
3 O PROBLEMA DE PESQUISA: ASSUNTO QUE SE QUER PROVAR OU DESENVOLVER

Observemos que uma das principais tarefas iniciais na elaboração do paper deve ser a escolha do assunto. Assim, é preciso levar em conta alguns fatores, pois, caso o pesquisador não lhes dê atenção, correrá o risco de descobrir, no meio do caminho, que a escolha foi equivocada.

Toda pesquisa começa a partir do problema de pesquisa, o qual, às vezes, é uma área de ignorância factual: podemos simplesmente desejar ampliar nosso conhecimento a respeito de certas instituições, processos sociais ou culturas. Um pesquisador pode iniciar sua tarefa respondendo a questões do tipo: que proporção da população demonstra fortes crenças religiosas? Atualmente as pessoas estão mesmo descontentes com o “governo central”? Até que ponto a situação econômica das mulheres é inferior à dos homens? (GIDDENS, 2004, p. 511).

Lembre-se, caro(a) acadêmico(a), de que a escrita não deve se transformar num fardo, basta analisar com atenção alguns fatores antes de começar. É fundamental lembrar que a escolha do assunto deve fazer com que o autor se sinta realizado ao escrever sobre ele. Se, ao final, o paper despertar um sentimento de crescimento pessoal, é provável que a temática tenha sido escolhida corretamente. A seguir, a figura apresenta de forma simplificada as etapas para a realização de um projeto de pesquisa, vejamos.

FIGURA 17 – PASSOS DO PROCESSO DE PESQUISA



FONTE: Adaptado de Giddens (2004, p. 512)

Enfim, toda pesquisa começa com um problema de pesquisa que preocupa ou intriga o pesquisador, no caso, você, acadêmico(a).

4 ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DO PAPER

O formato paper é bastante simples, uma vez feita a formatação do arquivo, você pode aproveitá-la para os demais papers.

Muitas das orientações para o paper serão similares, quando não idênticas, a algumas das apresentadas para os demais tipos de trabalhos acadêmicos. Contudo, tenha paciência e leia atentamente cada etapa para não errar na hora de entregar seu primeiro paper. Para facilitar, vamos descrever em itens cada procedimento, assim será mais fácil para você consultar este caderno sempre que precisar elaborar um paper.

Assim como os demais trabalhos acadêmicos, o paper também apresenta:

- elementos pré-textuais (cabeçalho, resumo e palavras-chave);
- elementos textuais (introdução, desenvolvimento e considerações finais);
- elementos pós-textuais (referências, apêndices e anexos).

Passamos, a seguir, a descrever cada um desses elementos. Paralelamente, também apontamos como deve ser feita sua apresentação gráfica; acreditamos que assim você terá maior facilidade para se adaptar a este modelo.

Então, antes de começar a escrever, aqui vão algumas orientações para configurar o paper:

a) **Tipo de papel:** A4, branco. Só use um lado para imprimir.

b) **Tipo e tamanho de fonte:** Times New Roman, 12. Exceto: nas notas de rodapé, nas citações longas, na paginação, legendas e fontes das ilustrações e das tabelas, que devem ser em tamanho menor e uniforme.

c) **Espacejamento:**

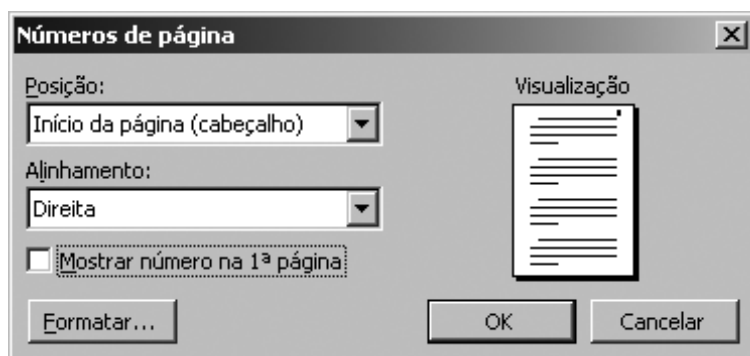
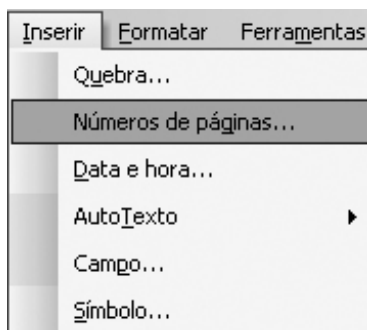
- 1,5 entrelinhas para parágrafos do texto (exceto no resumo, onde você deve usar espaço simples).
- Simples: no cabeçalho, nas citações longas, nas notas de rodapé, nas legendas de quadros, nas tabelas, nas ilustrações, nas referências.

d) **Margens:** todas (direita, esquerda, superior e inferior) 2 cm.

e) **Numeração de páginas:** no canto superior direito, na área do cabeçalho. A primeira folha é contada, mas não recebe numeração, ok? Assim, apenas a partir da segunda página é que você verá a numeração.



O *Word* ajuda você na numeração das páginas, veja: basta você escolher: Inserir > Número de Página > Posição - início da página (cabeçalho) > Alinhamento (direita) > Desabilite a opção mostrar número na 1ª página.



AUTOATIVIDADE



1 Classifique V para as sentenças verdadeiras e F para as falsas. Corrija as falsas.

- () A numeração de páginas é inserida no canto inferior direito.
- () Espacejamento: 1,5 entrelinhas para parágrafos do texto.
- () O paper apresenta elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.
- () O tipo e tamanho de fonte do paper é Arial 12.
- () Para o paper, devemos usar papel ofício.
- () Todas as margens: 2 cm.
- () Todas as páginas do paper são numeradas.

4.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

O paper apresenta como elementos pré-textuais o cabeçalho, o resumo e as palavras-chave. Cada um desses elementos tem uma função importante para o leitor.

4.1.1 Cabeçalho

a) Título: deve ser claro e preciso, a fim de identificar o conteúdo do paper. Lembre: o título é o primeiro contato que o leitor terá com o seu trabalho, portanto escolha-o com cuidado. Apesar da sugestão de se elaborar títulos curtos, estes não devem suscitar ambiguidades, explicitando ao leitor o assunto e a intenção do trabalho.

b) Subtítulo: trata-se de um elemento opcional.

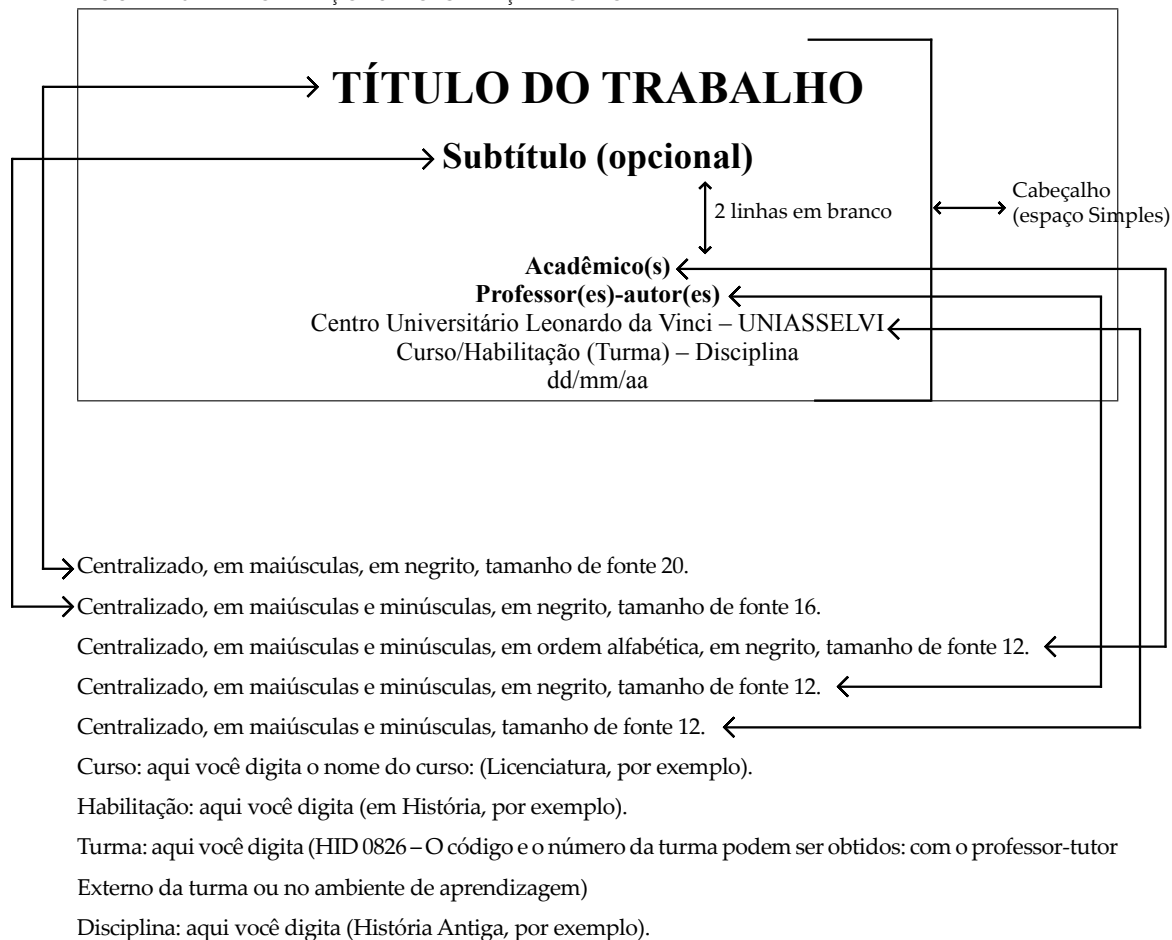
c) Nome do(s) autor(es): inseridos após o título e subtítulo (quando houver).

d) Instituição, curso/habilitação e disciplina: inseridos após a indicação de autoria. Para instituição, digite: Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Na linha abaixo, especifique o curso/modalidade e o código (entre parênteses) da turma. A última informação, separada por hífen dos dados anteriores, é a disciplina.

e) Data: inserida na última linha do cabeçalho, no formato dd/mm/aa.

Quanto à apresentação gráfica, o cabeçalho ficará assim:

FIGURA 18 – INFORMAÇÕES DO CABEÇALHO DO PAPER



Agora, vamos colocar tudo na prática:

FIGURA 19 – MODELO DE CABEÇALHO DO PAPER

TIPOS DE CONHECIMENTOS

Albert Einstein
Karl Max
Prof. Elisabeth Penzlien Tafner

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI
 Licenciatura em História (HID 0826) – Metodologia do Trabalho Acadêmico
 16/11/2012



Viu como o formato do *paper* é prático? Nada de capa, folha de rosto, sumário etc. A primeira página do trabalho inicia com o cabeçalho e demais elementos pré-textuais e textuais. Economia de papel! A natureza agradece.

4.1.2 Resumo

O resumo é um elemento essencial a quem produz trabalhos acadêmicos, pois, assim como o título, pode afastar ou conquistar um leitor. A redação deve ser concisa, em um único parágrafo, e destacar os pontos mais relevantes do trabalho, possibilitando ao leitor a escolha ou não de ler o artigo na íntegra. Daí a necessidade de o resumo ser o mais completo possível, contudo é necessário ficar atento(a) ao limite de linhas permitido para essa parte do cabeçalho: no máximo 15 linhas ou 150 palavras (para o *paper*).



Para você saber: a extensão do resumo, no caso de artigos de periódicos, não deve ultrapassar 250 palavras, dependendo das orientações metodológicas de cada instituição.

Agora, você deve estar bem confuso(a), certo? Como ser completo, mas cuidar com o número de linhas? Bom, para ajudá-lo(a) no resumo, organize, não em tópicos, as seguintes informações:

- na primeira linha, deve ficar claro para o leitor o assunto tratado;
- no restante do texto, procure descrever o(s) objetivo(s), o(s) método(s), o(s) resultado(s) alcançado(s) e as conclusões.

Veja os fragmentos (entre colchetes), no resumo a seguir, relativos a cada uma dessas informações.

[A língua portuguesa dispõe de diferentes variedades linguísticas para expressar a futuridade. Estas são empregadas pelos falantes conforme o interlocutor, local e assunto, porém a quantidade e a descrição dessas formas nos manuais de ensino de português para estrangeiros precisam de maior detalhamento.]-1. *[O trabalho de Tafner (2004) trata de sete formas verbais para a expressão da futuridade, das quais apenas duas foram encontradas nos manuais, o que sugere a necessidade de uma revisão destes, a fim de mostrar o funcionamento do sistema linguístico do português]*-2. *[Na análise efetuada a partir de alguns manuais, escolhidos aleatoriamente]* -3 *[verificamos que a maioria faz referência apenas ao futuro sintético (-rei) ou à forma vou –R ou a ambas, mas sem apresentar para o aluno uma descrição detalhada a respeito de sua ocorrência, contextos que propiciam o emprego de uma ou outra forma verbal]* -4. *[Consequentemente, a falta dessas observações pode confundir o aluno quando ele tiver contato com outras formas de futuridade não incluídas nos manuais de ensino de PLE.]* -5.

Para você entender melhor, já que talvez nunca tenha escrito um paper, os fragmentos de 1 a 5 contêm, basicamente, as seguintes informações: 1 – o assunto tratado; 2 – objetivo do trabalho; 3 – método; 4 – resultados e 5 – conclusão.

Agora, veja como fica a apresentação gráfica desse mesmo resumo.

Em negrito, maiúsculas e alinhado à esquerda, digitado duas linhas abaixo do cabeçalho.

RESUMO

A língua portuguesa dispõe de diferentes variedades linguísticas para expressar a futuridade. Estas são empregadas pelos falantes conforme o interlocutor, local e assunto, porém a quantidade e a descrição dessas formas nos manuais de ensino de português para estrangeiros precisam de maior detalhamento. O trabalho de Tafner (2004) trata de sete formas verbais para a expressão da futuridade, das quais apenas duas foram encontradas nos manuais, o que sugere a necessidade de uma revisão destes, a fim de mostrar o funcionamento do sistema linguístico do português. Na análise efetuada a partir de alguns manuais, escolhidos aleatoriamente, verificamos que a maioria faz referência apenas ao futuro sintético (-rei) ou à forma vou –R ou a ambas, mas sem apresentar para o aluno uma descrição detalhada a respeito de sua ocorrência, contextos que propiciam o emprego de uma ou outra forma verbal. Consequentemente, a falta dessas observações pode confundir o aluno quando ele tiver contato com outras formas de futuridade não incluídas nos manuais de ensino de PLE.

↕ 2 linhas

Palavras-chave: Variação Linguística. Formas de Futuridade. Manuais de Ensino de Português.



Na redação do resumo, empregue a terceira pessoa do singular. Além disso, não use citações nesta parte do texto.

4.1.3 Palavras-chave

São palavras ou expressões que representam o assunto abordado no artigo. Você deve escolher três palavras (simples, compostas ou expressões), separadas entre si e finalizadas por ponto, e iniciadas com letras maiúsculas. Se você leu com atenção, deve ter percebido que o exemplo que apresentamos de palavras-chave era composto apenas por expressões (variação linguística, por exemplo).

4.2 ELEMENTOS TEXTUAIS

Os elementos textuais do paper você já conhece: introdução, desenvolvimento e considerações finais. A função e as informações de cada uma dessas etapas já foram descritas detalhadamente no Tópico 3. Contudo, lembre-se de que o paper é mais enxuto que os demais tipos de trabalhos acadêmicos. A partir do paper, pode-se desenvolver: “[...] uma proposta pessoal do autor sobre um determinado tema/problema de ciência” (SANTOS, 2006, p. 40), ou dissertar sobre esse tema/problema, tomando por base a abordagem de autores diversos.

A releitura do Tópico 3, portanto, é essencial para produzir esta parte do seu paper, mas, para prosseguirmos e você não precisar interromper o fluxo da leitura agora, resumimos aqui, de forma breve, o que é necessário apresentar em cada um dos elementos da parte textual.

4.2.1 Introdução

Na introdução, devem ser contemplados: delimitação do assunto, objetivo(s), a justificativa e outros elementos necessários (metodologia adotada na pesquisa) para situar o tema do artigo. O último parágrafo da introdução deve mostrar para o leitor a estrutura do artigo (por exemplo: Inicialmente se abordará... Na sequência... ou Primeiramente... Num segundo momento...). Ao ler esse último parágrafo, o leitor tem a sensação de encontrar ali uma espécie de sumário e pode ir direto para a seção que lhe for mais interessante.

Para ajudá-lo, listamos aqui alguns verbos usados na formulação de objetivos, de acordo com Silva e Menezes (2001):

- para determinar estágio cognitivo de conhecimento: definir, enunciar, conceituar, nomear, relacionar...
- para definir estágio cognitivo de compreensão: identificar, descrever, distinguir, explicar, expressar, traduzir, analisar, especificar...
- para definir estágio cognitivo de aplicação: aplicar, demonstrar, empregar, manipular, usar, experimentar, solucionar, operar, calcular, construir...

4.2.2 Desenvolvimento

Nesta parte deve haver, conforme os objetivos e o tipo de pesquisa desenvolvido: fundamentação teórica (citações), procedimentos metodológicos (métodos, população e amostra), resultados e discussão (a partir de gráficos, tabelas, ilustrações, você organiza, expõe e analisa os dados coletados no seu trabalho).



Conforme for, seu trabalho pode apresentar no desenvolvimento apenas a fundamentação teórica, depende do objetivo.

No desenvolvimento, portanto, é pertinente, conforme o assunto abordado, inserir ilustrações (desenhos, figuras, fotografias, gráficos, tabelas e outros) e notas de rodapé. Esses recursos enriquecem o texto e são chamados de elementos de apoio ao texto. Na sequência vamos falar um pouco sobre eles, já que não o fizemos no Tópico 3.

4.2.2.1 Citações

Para fazer a fundamentação teórica, você terá que fazer citações, sim, porque, como já comentamos, você precisa dar sustentação às suas reflexões. Não existe trabalho científico sem o emprego de citações. De uma forma bem simples, podemos dizer que as citações são informações extraídas de outras fontes. Vamos estudar com profundidade como usá-las, sua finalidade e apresentação no texto, na Unidade 3, ok? Como exemplo de função e apresentação de citação no texto, até para você ver que esse é um procedimento simples, veja a citação a seguir.

Se o autor está em início de carreira na pesquisa e na vida acadêmica, ele pode se socorrer da **autoridade de autores e de pesquisadores mais experientes**, inserindo citações deles ao longo do texto. Se o autor tiver dificuldade em argumentar logicamente sobre uma ideia, conceito, lei ou teoria, ele pode recorrer à técnica de colocar **diversos autores, de posições divergentes, dialogando no texto** por meio de suas citações, recurso válido também se o autor não quiser ou não puder assumir a autoria de posições e afirmações polêmicas. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 126, grifos dos autores).

Esta citação traz, ao término, a autoria da ideia, isto é, ela não foi elaborada pelos autores deste caderno e sim pelos autores Cervo, Bervian e Silva. Sempre que fizermos nossos papers, teremos que mostrar ao leitor quem são nossas fontes de leitura, caso contrário, estamos cometendo plágio (estamos fazendo cópia, o que pode acarretar sérias consequências). Agora, em relação à sua apresentação, a citação usada é chamada de longa. Por quê? Porque ultrapassou três linhas, então ela fica no formato de bloco, como você viu. Aquelas que têm até três linhas são chamadas de curtas e recebem aspas no início e no fim, observe. As citações “[...] se revelam úteis para sustentar o que se afirma pelo autor no decorrer do seu raciocínio.” (OLIVEIRA NETTO, 2006, p. 112).



Ficou curioso(a), aguarde! A Unidade 3 deve sanar todas as suas dúvidas sobre citações curtas e longas.

4.2.2.2 Figuras

Agora, vamos falar um pouco sobre as figuras. Assim como os gráficos, as tabelas e os quadros (serão detalhados a seguir), complementam ou ajudam a ilustrar alguma parte do texto.

Especificamente sobre as figuras (incluem: desenhos, diagramas, fotografias, material cartográfico, plantas etc.), todas devem estar centralizadas na página, possuir títulos e numeração apropriada. Os títulos das figuras devem estar localizados acima das mesmas, junto à numeração. A numeração, sempre em algarismos arábicos, é utilizada para facilitar as referências dentro do texto.

Normalmente, utiliza-se a palavra FIGURA 17 (em que 17 corresponde ao número da figura), na frente do título da figura demonstrada, separada do título por um hífen. Abaixo do título indica-se a fonte, devendo aparecer a expressão FONTE seguida de dois pontos.

FIGURA 20 – AS CINCO DISFUNÇÕES DE UM TIME



FONTE: ALTA confiança. **Você SA**, São Paulo, ed. 104, p. 44, fev. 2007.



O espaço entrelinhas entre o título da figura e a fonte é simples. O tamanho de fonte: 10.

Você observou que o número da figura é 20? Ele não é aleatório, ok? O número 20 corresponde à sequência de figuras que estamos inserindo em nosso caderno. Você deve proceder da mesma forma ao elaborar futuramente seus trabalhos.

4.2.2.3 Gráficos

Tratamento semelhante ao das figuras deve ser realizado para os gráficos utilizados no trabalho, veja:

GRÁFICO 1 – AS REGRAS DO FUNCIONALISMO EM OUTROS PAÍSES



FONTE: CARELLI, Gabriela. Cinco milhões querem o governo como patrão. **Veja**, São Paulo, n. 24, p. 93, 20 jun. 2007.

Os gráficos facilitam a compreensão de dados numéricos, em função da sua apresentação (cores, diferentes formas geométricas ou diferentes linhas).

4.2.2.4 Tabelas

As tabelas “[...] constituem representações numéricas de dados quantitativos coletados por meio de instrumentos próprios para esse fim. A representação numérica pode ser em forma de números absolutos ou em percentuais [...]” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 129).

Em relação à normatização de tabelas, a ABNT segue o recomendado pelas **Normas de apresentação tabular**, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1993). De acordo com essas normas, a tabela corresponde a uma forma não discursiva de apresentar informações, em que o **dado numérico se destaca como informação central**.

Para você entender um pouco mais sobre a estrutura das tabelas, acompanhe-nos. A tabela é composta por espaços, topo e centro, respectivamente. No topo, encontramos sua numeração e seu título. No centro da tabela, encontramos a moldura, os dados numéricos e os termos para sua compreensão.

A organização do centro conta com: espaço do cabeçalho (parte superior da tabela que indica o conteúdo das colunas), coluna (espaço vertical que especifica o conteúdo das linhas), linha e célula.

Para apresentar corretamente suas tabelas ao longo do paper, veja estas orientações:

- a) as tabelas devem possuir número independente e consecutivo;
- b) na parte superior da tabela, deve haver a seguinte indicação: TABELA 1 –, em que: 1 é o número de ordem no texto (escrito em algarismos arábicos) e Produção e distribuição regional das fábricas em operação – Brasil – 1980 é o título, separado por hífen da palavra TABELA;
- c) no rodapé da tabela, isto é, na sua parte inferior, deve-se indicar a fonte, assim: FONTE.

TABELA 1 – Produção e distribuição regional das fábricas em operação – Brasil – 1980

REGIÃO	PRODUÇÃO	
	TONELADAS	%
TOTAL	25 347 202	100,00
Norte	303 034	1,19
Nordeste	3 403 709	13,42
Sudeste	17 101 891	67,47
Sul	2 887 727	11,38
Centro-Oeste	1759 801	6,64

FONTE: Tabulações Especiais da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1981, p. 39)

Para mais informações, consulte o assunto no site do IBGE.

4.2.2.5 Quadros

Além das figuras, gráficos e tabelas, você também pode inserir quadros no seu paper. Podemos defini-los como um arranjo predominante de palavras, dispostas em linhas e colunas, com ou sem indicação de dados numéricos. Sua diferença em relação às tabelas é a apresentação de caráter esquemático e descritivo, e não estatístico dos dados.



Fique atento(a): quadros e tabelas são semelhantes, contudo os quadros têm traços verticais em suas laterais e na separação das casas.

Para identificar os quadros, usamos a palavra QUADRO 3 (em que 3 corresponde ao número do quadro), na frente do título do quadro demonstrado, separada do título por um travessão. Abaixo do título indica-se a fonte, devendo aparecer a expressão FONTE seguida de dois pontos.

QUADRO 3 – SUGESTÕES PARA REDAÇÃO EM TRABALHOS CIENTÍFICOS

Expressões Condenáveis	Opções
- a nível de, ao nível	- em nível de, no nível
- onde (quando não exprime lugar)	- em que, na qual, nas quais, no qual, nos quais
- através de (“meio” ou “instrumento”)	- por meio de, segundo, mediante
- há anos atrás	- há anos
- antes do estudo ser feito	- antes de o estudo ser feito (“de” e “o” não se contraem antes do sujeito – “estudo” – e de um verbo no infinito – “ser”)
- cujo o método não funciona	- cujo método não funciona

FONTE: Extraído e adaptado de Oliveira Netto (2006, p. 77-78)

4.2.2.6 Notas de rodapé

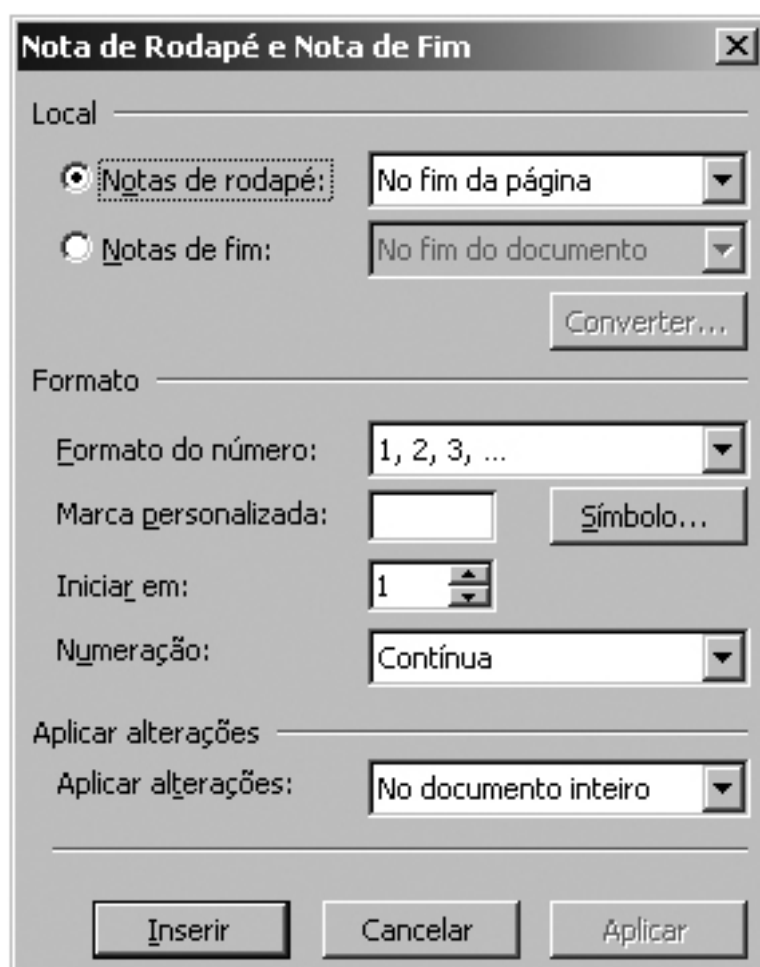
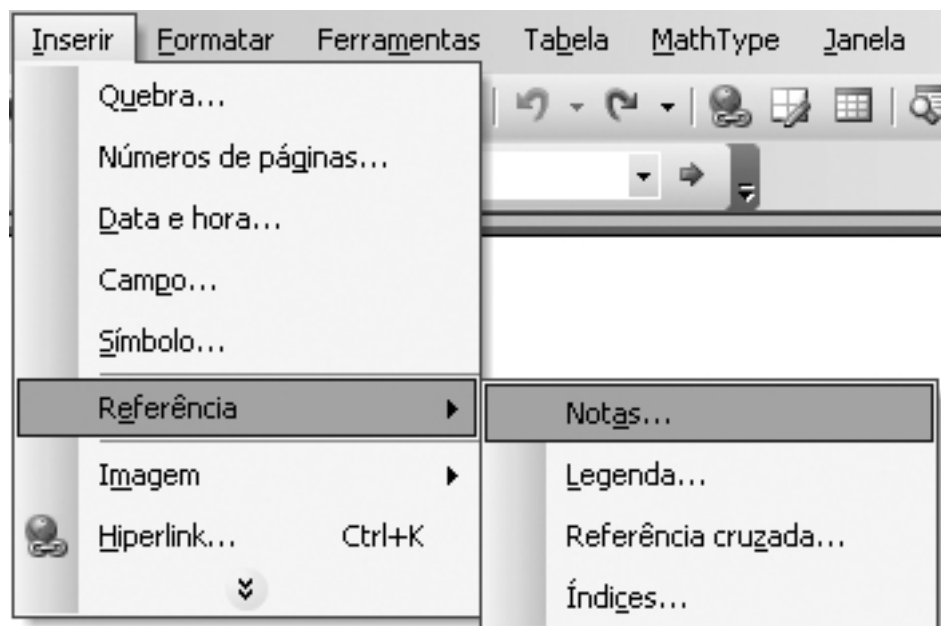
Anteriormente, comentamos que você deve adotar uma postura cooperativa com o leitor do seu paper, lembra? Neste sentido, as notas de rodapé têm diversas finalidades, entre as quais destacam-se as seguintes:

- indicar a fonte de onde é tirada a citação;
- inserir considerações complementares úteis que não cabem no desenvolvimento do trabalho, mas que complementam o pensamento;
- inserir reflexões e acréscimos pertinentes;
- definir conceitos e termos utilizados no texto;
- trazer a versão original de citações traduzidas no texto.

As notas de rodapé devem ter como objetivo único informar melhor o leitor. Se usadas adequadamente, desempenham papel importante num trabalho de pesquisa.

Então, sempre que necessário, insira ao longo do texto uma nota para explicar algum termo ou expressão que julgar desconhecida para o leitor. Este procedimento é muito simples, o Word vai ajudá-lo, acompanhe o passo a passo.

Por exemplo, a palavra que pode causar alguma dúvida para o leitor é contexto. Para inserir uma nota, veja como proceder a seguir. Você deve apenas digitar no espaço criado a explicação necessária.



Veja agora o resultado deste procedimento:

Nesta amostra, dentre as formas estudadas – o futuro simples (*farei*), o presente (*faço*) e perífrase (*vou fazer*) – a perífrase (*vou fazer*) foi a forma mais utilizada, refletindo a adequação das formas de futuro em função do contexto¹.

¹ Contexto: é cada diferente situação social de interação entre falante e ouvinte concretos.

O resultado, visto no exemplo acima, mostra que a nota de rodapé é inserida, automaticamente pelo Word, na parte inferior da página, separada do restante do texto por um espaço simples entre as linhas e por um filete de 5 cm, a partir da margem esquerda. Além disso, devem ser alinhadas, a partir da segunda linha da mesma nota, abaixo da primeira palavra, de forma a destacar o expoente, sem espaços entre elas e com fonte menor.

Acreditamos que seja apropriado também comentar que, ao fazer o paper, talvez você tenha que empregar palavras/expressões estrangeiras ou em latim. Neste caso, digite-as em *itálico*, por exemplo: *feedback*, *software*, *site*, *a priori*, *sine qua non*. E, se achar conveniente, também pode explicitá-las para o leitor em notas de rodapé. Entre as que estamos usando como exemplo, talvez fossem merecedoras de nota: *a priori* (partindo daquilo que vem antes, como pressuposto) e *sine qua non* (sem a(o) qual não).

4.2.2.7 Títulos de seções

No desenvolvimento, você precisa criar seções e subseções. Então, para os títulos das seções, siga as orientações apresentadas para o supermercado.

QUADRO 3 – CONFIGURAÇÃO DOS TÍTULOS DE SEÇÃO E SUBSEÇÃO

SEÇÃO	EXEMPLO	FORMATAÇÃO
Primárias	1 INTRODUÇÃO 2 MERCADO COMPETITIVO 3 <i>NETWORKING</i> 4 A CONSTRUÇÃO DA MARCA 5 CONHECENDO O <i>MARKETING</i> PESSOAL	Maiúsculas, em negrito, alinhadas à esquerda.
Secundárias	5.1 PRODUTO 5.2 PREÇO 5.3 PROMOÇÃO 5.4 PONTO DE DISTRIBUIÇÃO	Maiúsculas, sem negrito, alinhadas à esquerda.
Terciárias, quaternárias, quinárias...	5.4.1 Critérios para avaliação	Apenas a primeira letra em maiúsculas, alinhadas à esquerda.

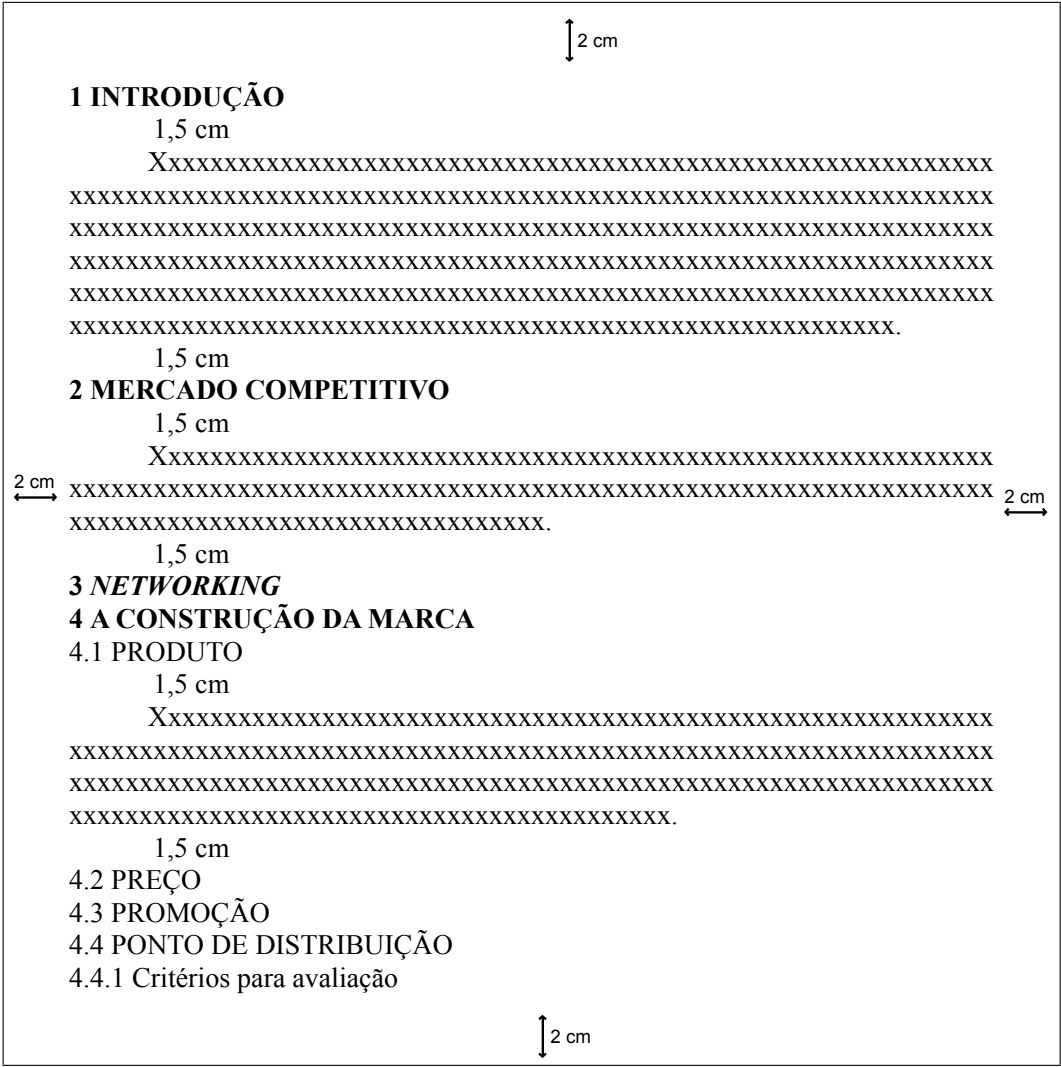
Ainda falando sobre os títulos de seção, quando houver títulos de subseção, estes “[...] devem ser separados do texto que os precede e que os sucede por um espaço entre as linhas de 1,5 cm.” (NBR 14724, 2011, p. 10).

Os títulos de subseções que “[...] ocupem mais de uma linha devem ser, a partir da segunda linha, alinhados abaixo da primeira palavra do título.” (NBR 14724, 2011, p. 10).

A NBR 6024 (2012, p. 3) orienta ainda que: “os títulos das seções devem ser destacados tipograficamente, de forma hierárquica, da primária à quinária. Podem ser utilizados os recursos gráficos de maiúscula, negrito, itálico ou sublinhado e outros.”

Vamos ver na prática como ficam estas orientações?

FIGURA 21 – MODELO DE CONFIGURAÇÃO DOS TÍTULOS DE SEÇÃO E SUBSEÇÃO NO PAPER



4.2.3 Considerações finais

Nesta etapa do texto, ocorre: retomada do(s) objetivo(s) de pesquisa (apresentado(s) na introdução), apresentação das conclusões, contribuições do seu trabalho e sugestões para estudos futuros com outros enfoques.

4.3 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

Como você já sabe, os elementos pós-textuais são: referências, apêndices e anexos. Para não sermos repetitivos, vamos recapitulá-los rapidamente:

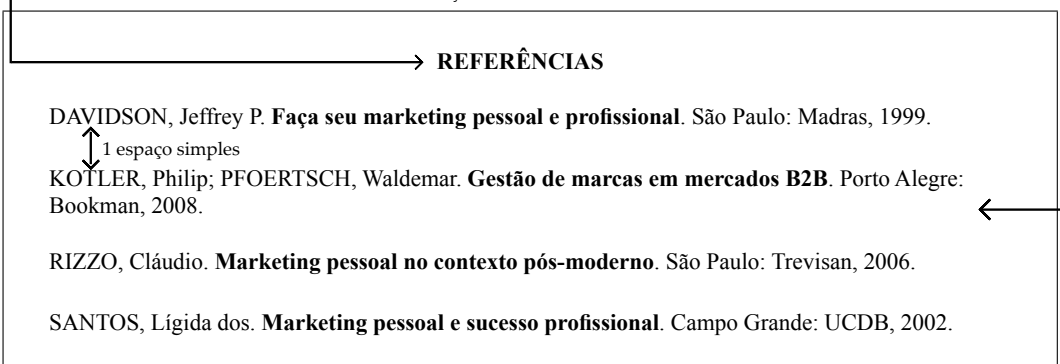
a) referências: apresente todos os documentos consultados para elaboração do paper. Cada documento (livro, artigo de livro, de revista ou de jornal, sites ou artigos on-line, entrevistas etc.) possui uma disposição para ser apresentado na lista de referências; mas, fique tranquilo(a), tudo isso é assunto a ser abordado na Unidade 3.

Podemos, entretanto, antecipar para você um exemplo, a fim de mostrar como as referências serão apresentadas, conforme as orientações da NBR 14724 (2011).

centralizada

espaço simples, entre as linhas de uma mesma referência ←

FIGURA 22 – MODELO DE CONFIGURAÇÃO DAS REFERÊNCIAS



Todas as referências são alinhadas à esquerda, conforme a NBR 6023, mas a palavra REFERÊNCIAS é centralizada.

b) apêndices e anexos: funcionam como materiais suplementares, a fim de complementar sua argumentação. Podem incluir: cronogramas, entrevistas, formulários, gráficos, mapas, organogramas, tabelas, textos. Agora, qual é a diferença entre apêndices e anexos? Pense rápido! Já sabe a resposta? Apêndices

são elaborados pelo próprio autor do trabalho; anexos não são elaborados pelo próprio autor do trabalho.

Tanto os apêndices como os anexos deverão ser separados de seus títulos (em maiúsculas) por um travessão:

APÊNDICE A – Entrevista com Machado de Assis.

APÊNDICE B – Entrevista com Cruz e Sousa.

ANEXO A – Quadro com as principais características do Realismo.

ANEXO B – Quadro com as principais características do Simbolismo.

Cada novo documento (apêndice ou anexo) deve iniciar em folha distinta.

5 EXEMPLO DE PAPER

Como exemplo, apresentamos para você um paper, elaborado pelos professores autores deste caderno.

COMO ELABORAR UM PAPER

Prof.^a Elisabeth Penzlien Tafner

Prof. Everaldo da Silva

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Letras (LED 22) – Metodologia do Trabalho Acadêmico

10/6/2012

RESUMO

O resumo deve ter um parágrafo de, no máximo, 150 palavras (aproximadamente 15 linhas), sem recuo na primeira linha. Use espaçamento simples, justificado, tamanho 12, itálico. O resumo deve apresentar o objetivo geral da pesquisa, o método utilizado, os resultados e as conclusões do trabalho, formando uma sequência corrente de frases concisas.

Palavras-chave: Artigo científico. Normalização. NBR 6022.

1 INTRODUÇÃO

É a apresentação inicial do trabalho. Possibilita uma visão global do assunto tratado (contextualização), com definição clara, concisa e objetiva do tema, e da

delimitação precisa das fronteiras do estudo em relação ao campo selecionado, ao problema e aos objetivos a serem estudados.

O objetivo geral refere-se diretamente ao objeto – problema – do trabalho. Inicia-se a frase com um verbo abrangente e na forma infinitiva, envolvendo o cenário pesquisado e uma complementação que apresente a finalidade.

O autor aponta os seus propósitos e as linhas gerais que orientaram seu pensamento, ou seja, apresenta o problema ou tema central do estudo ou da pesquisa, contextualiza-o, destacando sua importância e seus limites quanto à extensão e à profundidade. Na introdução, também se devem mencionar as principais etapas (a partir de títulos e subtítulos) do trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO

É a parte principal, mais extensa e consistente do trabalho. São apresentados os conceitos, teorias e principais ideias sobre o tema focalizado, além de aspectos metodológicos, resultados e interpretação do estudo (ABNT, NBR 6022, 2003).

Da mesma forma que na introdução, os elementos que integram o desenvolvimento do trabalho poderão variar nas suas divisões e subdivisões, em função da sua natureza e da área de conhecimento a que pertencem.

Independente do trabalho, o acadêmico deve utilizar recursos complementares no corpo do texto, especialmente no desenvolvimento.

A numeração deve ser progressiva e alinhada à esquerda. As seções com seus títulos de primeiro nível (**3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**). Não se utiliza nenhuma pontuação ou caractere entre o número e o título (ABNT, NBR 6024, 2012). Os títulos das seções e das subseções são destacados gradativamente, usando-se os recursos apresentados no Quadro 1.

QUADRO 1 – TÍTULOS E FORMATAÇÃO

TÍTULO	FORMATAÇÃO
3 ADMINISTRAÇÃO	Letras maiúsculas, em negrito
3.1 ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA	Letras maiúsculas, sem negrito
3.1.1 Histórico da administração científica	Apenas a 1ª letra maiúscula, sem negrito

FONTE: Elaborado pelos autores, 2008

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parte final do texto consiste na revisão sintética dos resultados e da discussão do estudo realizado. Tem como objetivo destacar as principais questões tratadas no trabalho acerca do estudo desenvolvido.

As considerações finais devem apresentar deduções lógicas correspondentes aos propósitos previamente estabelecidos do trabalho, apontando o alcance e o significado de suas contribuições. Também podem indicar questões dignas de novos estudos, além de sugestões para outros trabalhos.

Salienta-se que, nessa etapa do trabalho, não se devem utilizar citações (diretas ou indiretas), pois este momento é único e exclusivo para a reflexão do aluno.

Nas considerações, igualmente não se devem acrescentar elementos que não foram tratados no desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6024**: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2012.

LEITURA COMPLEMENTAR

Como você vai escrever muitos papers ao longo da graduação, a leitura a seguir oferece mais detalhes sobre este tipo de trabalho acadêmico. Bons estudos!

PAPER

Entende-se por paper uma síntese de pensamentos aplicados a um tema específico. Esta síntese deverá ser original e reconhecer a fonte do material utilizado. Em português, a palavra corresponde a ensaio, mas este nome não encontrou acolhida entre os pesquisadores.

Para Andrade (1995, p. 68), “[...] paper é texto escrito de uma comunicação oral. Pode apresentar o resumo ou o conteúdo integral da comunicação e tem por objetivo sua publicação nas atas ou anais do evento em que foi apresentada”.

Para Audrey J. Roth (1994, p. 2), “[...] paper é um documento que se baseia em pesquisa bibliográfica e em descobertas pessoais.” Se o autor apenas compilou informações sem fazer avaliações ou interpretações sobre elas, o produto de seu trabalho será um relatório.

O paper difere de um relatório sobretudo porque se espera de quem o escreve uma avaliação ou interpretação de fatos ou das informações que foram recolhidas. Num paper, espera-se (lembre-se de que paper é um ensaio) o desenvolvimento de um ponto de vista acerca de um tema, uma tomada de posição definida e a expressão dos pensamentos de forma original.

O paper é (ROTH, 1994, p. 3): (a) uma síntese de suas descobertas sobre um tema e seu julgamento, avaliação, interpretação sobre essas descobertas; (b) um trabalho que deve apresentar originalidade quanto às ideias; (c) um trabalho que deve reconhecer as fontes que foram utilizadas; (d) um trabalho que mostra que o pesquisador é parte da comunidade acadêmica.

O paper não é (ROTH, 1994, p. 4): (a) um resumo de um artigo ou livro (ou outra fonte); (b) ideias de outras pessoas, repetidas não criticamente; (c) uma série de citações, não importa se habilmente postas juntas; (d) opinião pessoal não evidenciada, não demonstrada; (e) cópia do trabalho de outra pessoa sem reconhecê-la, quer o trabalho seja ou não publicado, profissional ou amador: isto é plágio.

Depois de informar que o tamanho do paper depende da complexidade do tema e da motivação do pesquisador para o trabalho e do tempo de que dispõe, Roth (1994, p. 6) ensina cinco passos para a realização de um paper: escolher um assunto, reunir informações, avaliar o material, organizar as ideias, escrever o paper.

Para redigir um paper, escolha um assunto, estabeleça limites precisos para ele (dessa forma, você estará determinando o tema), eleja uma perspectiva sob a qual você tratará o tema (sociológico, psicológico, químico, físico, matemático, filosófico, histórico, geográfico). Em seguida, apresente o problema que estará resolvendo e construa uma hipótese de trabalho (antecipação de uma resposta para o problema). Diga o objetivo de seu paper e desenvolva suas ideias apoiando-se em fontes dignas de crédito. Após defender seu ponto de vista, demonstrá-lo e apresentar provas, conclua o paper. Uma bibliografia deve acompanhar o trabalho.

[...]

FONTE: MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 235-236.

RESUMO DO TÓPICO 5

Neste tópico você viu que:

- O paper é um tipo particular de artigo científico.
- A pesquisa começa a partir do problema de pesquisa, o qual, às vezes, é uma área de ignorância factual: podemos simplesmente desejar ampliar nosso conhecimento a respeito de certas instituições, processos sociais ou culturas.
- É fundamental lembrar que a escolha do assunto deve fazer com que o autor se sinta realizado ao escrever sobre ele. Se, ao final, o paper despertar um sentimento de crescimento pessoal, é provável que a temática tenha sido escolhida corretamente.
- Um paper é composto por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.
- Para sua elaboração, devemos recorrer à leitura de várias fontes a fim de construirmos as citações que vão compor a fundamentação teórica.
- Podemos usar gráficos, tabelas, quadros e figuras para complementar ou ilustrar o tema discutido no trabalho.



1 Faça um breve esquema para cada uma das partes textuais do paper. Aponte que tipo de informação deve aparecer em cada uma delas.

2 Leia e complete a seguinte sentença:

Toda _____ começa a partir do problema de pesquisa, o qual, às vezes, é uma área de ignorância _____. podemos simplesmente desejar ampliar nosso conhecimento a respeito de certas instituições, _____ ou culturas.

As palavras que contemplam adequadamente as lacunas são:

- a) consulta – fenomenal – desenvolvimentos.
- b) pesquisa – factual – processos sociais.
- c) filosofia – observacional – campos da humanidade.
- d) história – ética – conhecimentos.

UNIDADE 3

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- compreender a função que as citações desempenham nos trabalhos acadêmicos;
- identificar os tipos de citações: diretas (curtas e longas) e indiretas;
- apresentar as citações no trabalho conforme as normas da ABNT;
- identificar os elementos constituintes das fontes consultadas (livros, artigos de revista/jornal etc.) para elaborar as referências;
- apresentar as referências no trabalho conforme as normas da ABNT.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em dois tópicos e em cada um deles você encontrará atividades que o(a) ajudarão a aplicar os conhecimentos apresentados.

TÓPICO 1 – CITAÇÕES

TÓPICO 2 – REFERÊNCIAS



1 INTRODUÇÃO

A utilização de citações e referências é indispensável para quem, como você, precisa elaborar trabalhos acadêmicos. Trata-se de uma necessidade, pois todos os trabalhos acadêmicos que estudamos na Unidade 2 exigem, na parte textual, quando fazemos a fundamentação teórica, a inserção das ideias, comentários e teorias de outros autores, nas diversas áreas do conhecimento.

O Tópico 1 traz com detalhes a utilização de citações. Para você saber, todas as orientações que apresentamos são feitas com base na NBR 10520 (2002) da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

2 FUNÇÃO DAS CITAÇÕES

As citações são elementos retirados das fontes bibliográficas, eletrônicas e documentais, importantes e necessárias para o autor, ajudando-o no seu raciocínio e na corroboração de suas ideias. Elas enriquecem um trabalho e demonstram o estudo e a atitude científica do autor.

As citações têm muitos objetivos, dentre os quais destacam-se:

- sustentar as ideias do autor do texto;
- desenvolvimento do raciocínio;
- corroboração das ideias ou da tese que o autor defende;
- permitir a identificação do legítimo “dono” das ideias apresentadas;
- possibilitar o acesso ao texto original.

Na esfera acadêmica, para fazer seus papers, você terá que passar obrigatoriamente pelo processo de pesquisa. É um processo de buscar, selecionar e refinar as leituras mais adequadas ao tema do trabalho que você tem a elaborar.

Sem essa etapa inicial de pesquisa, ou seja, sem antes ler o que já se produziu acerca do tema, a tarefa de fazer trabalhos torna-se difícil. Portanto, leia, leia muito antes de começar a escrever. Só a leitura é capaz de ajudá-lo(a) a dar os primeiros passos no processo de escrita.

É essencial que sua leitura seja guiada pelo tema que foi definido em sala, que você tenha clareza do que busca, pois existem muitas fontes de pesquisa. Só para citarmos algumas, vamos lá: livros, jornais, revistas, sites de internet, artigos de internet, dicionários etc. É a partir dessas fontes que você vai transcrever fragmentos, que, no seu trabalho, serão transformados em citações. Mas, como há muitos materiais, fica mais fácil selecioná-los quando sabemos qual é a delimitação do tema.

No paper, suas reflexões terão como suporte o que outros autores já produziram sobre o tema. O diálogo entre as suas reflexões e as citações (os fragmentos transcritos de outras fontes) é que forma o texto da fundamentação teórica. Ou seja, você não pode apenas inserir citações, é necessário que se perceba como você estabelece relações entre elas, o que apresentam de relevante ou de contraditório em relação ao tema.

Além disso, não podemos nos esquecer do último objetivo apresentado anteriormente em relação às citações: possibilitar o acesso ao texto original. “Constitui plágio a apropriação de ideias alheias sem a indicação do autor e da fonte de onde foi retirada a informação referenciada, além de denunciar desonestidade científica ao texto.” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 128, grifos nossos).

Então, quando fizer suas pesquisas, adote o hábito de anotar: o(s) nome(s) do(s) autor(es) do fragmento que você está transcrevendo para usar no seu trabalho; a página em que está este fragmento e o ano da obra.



Ei, **autor**, **ano** e **página** são os elementos básicos para fazermos citações. Os demais, como nome da obra, editora, cidade etc., você também precisa anotar, mas serão usados apenas para fazer a referência da obra. Conversamos mais sobre referências no Tópico 2, ok?

3 TIPOS DE CITAÇÕES

As citações são classificadas como diretas e indiretas. Vamos começar apresentando aquelas classificadas como diretas.

3.1 DIRETAS

Nas citações diretas ocorre cópia literal (*ipsis litteris*) do texto original, ou seja, você transcreve o fragmento tal e qual ele se encontra na obra que você está consultando. Para tanto, você deve prestar atenção nos seguintes aspectos enquanto está digitando o fragmento no seu trabalho: ortografia, maiúsculas e minúsculas, pontuação, grifos e completude (veja se você não esqueceu de digitar nenhuma palavra ou frase).

Agora, você já tem o fragmento inserido no seu trabalho, certo? Veja quantas linhas esse fragmento ocupa no seu texto; mas, para contar o número de linhas, é necessário que seu paper já esteja com o papel (A4), margens (todas 2 cm), tipo e tamanho de fonte (Times New Roman, 12) corretamente configurados.

Nesta configuração, o trecho que você transcreveu pode aparecer sob a forma de citação curta ou de citação longa, depende de quantas linhas ele alcançar no seu trabalho.

3.1.1 Curtas

Se o fragmento não exceder três linhas, temos uma citação curta. Neste caso, você vai inserir aspas no início e ao término da citação, veja:

Conforme Pelandré (2002, p. 132), o meio social necessita da “[...] formulação de políticas educacionais condizentes com a realidade existente e da implementação de programas de letramento.” (exemplo a)

ou

O meio social necessita da “[...] formulação de políticas educacionais condizentes com a realidade existente e da implementação de programas de letramento,” de acordo com Pelandré (2002, p. 132). (exemplo b)

ou

A escrita “[...]” traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.” (SOARES, 2001, p. 18). (exemplo c)

Os exemplos (a), (b) e (c) são caracterizados como exemplos de citações curtas, pois a transcrição não ultrapassa três linhas e aparece entre aspas. Atente também para o estilo: a indicação da autoria pode ser feita no início (a); ao término da citação acompanhada de expressões como: segundo, de acordo, conforme etc. (b), ou ao término, mas sem o uso das expressões (c). Essas três opções estão à sua disposição.



Vamos recapitular o que você viu até aqui! **Citação direta:** trata-se de **cópia fiel** ao original (livro, artigo de revista, de jornal etc.). **Citação direta curta:** a transcrição **não pode exceder três linhas no seu paper e aparece entre aspas.**

3.1.2 Longas

Você segue inicialmente as mesmas orientações em relação às citações diretas curtas, ou seja, primeiro configura seu trabalho no formato paper. A diferença agora está na extensão do trecho a ser transcrito. A citação será longa se no seu paper ela ultrapassar três linhas.

Neste caso, as citações longas são apresentadas em parágrafo próprio, com espaçamento simples, e destacadas do texto com recuo de 4 cm da margem esquerda. O tamanho da fonte deve ser menor (10) em relação ao restante do texto. Não há aspas no início e ao término da citação; observe os exemplos:

(1) Analisando as formas de dominação do capital sobre o trabalho, Tragtenberg (1989, p. 25) afirma que a empresa também é um espaço de inculcação ideológica:

← 4 cm →

Na empresa capitalista, administração ainda é sinônimo de ‘capital’ personificado. Portanto, a relação entre administração e operário na empresa capitalista ainda é uma transfiguração da relação entre capital e trabalho [...] Empresa não é só o local físico onde o trabalho excedente cresce às expensas do necessário, o palco da oposição de classes; é também o cenário da inculcação ideológica. Neste sentido, empresa é também aparelho ideológico.

(2) O conceito de acumulação flexível é caracterizado por:

[...] surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado ‘setor de serviços’. (HARVEY, 2001, p. 140).

Fonte 10, espaçamento simples



Observe atentamente os exemplos 1 e 2 de citações longas. Assim como nas citações curtas, você pode inserir a autoria tanto no início quanto ao término.

3.1.3 Outras orientações para as citações diretas

Quando você transcrever os fragmentos para seu trabalho, além de configurá-los como citações curtas ou longas, há mais algumas orientações de que você vai precisar.

a) Apóstrofos (‘ ’)

Quando numa passagem transcrita já há trechos entre aspas, estas devem ser convertidas em apóstrofos. Na citação a seguir, a palavra erro estava entre aspas no texto original. As aspas se transformaram em apóstrofos.

O ‘erro’ linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, em seu sexo, e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais. (BAGNO; GAGNE; STUBBS, 2002, p. 73)

Veja a alteração: no texto original havia aspas; no *paper* você usa apóstrofes.

b) Omissão ([...])

Quando você quer omitir um trecho da citação porque não interessa ao desenvolvimento do trabalho, use as reticências entre colchetes, assim [...].

→ “[...] a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo das letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados”, de acordo com Marcuschi (2003, p. 17).

→ Omissão no início, em citação curta!

Criticando o bom senso, modelando-o, reformulando o saber que proporciona, atinge-se o saber denominado científico. O método científico, em relação aos objetos da experiência ordinária, impõe certa ordem, classificando, descrevendo, medindo, explicando [...]. A solução, provisória, submete-se a novas críticas e o progresso resulta de análise das explicações inadequadas, em busca de soluções sucessivamente mais satisfatórias. Exceções, fatos ‘anômalos’ ou singulares e falhas são apontadas [...]. (HEGENBERG, 1973, p. 33).

Omissão no meio e no fim, em citação longa!

Você deve ter visto que o uso da omissão pode acontecer no início, no meio ou no término das citações. Este recurso pode ser adotado tanto em citações curtas, quanto em citações longas.

c) Interpolações ([])

Quando são inseridos acréscimos ou comentários na citação, para explicar ou apontar opiniões especiais do autor, veja:

O ‘erro’ linguístico [na linguística adotam-se as noções de adequado ou inadequado], do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, em seu sexo, e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais. (BAGNO; GAGNE; STUBBS, 2002, p. 73).

d) Ênfase, Dúvida e Destaque

- Para indicar que houve espanto, perplexidade, admiração, usamos [!], após a palavra/expressão que queremos enfatizar.

- Para indicar que houve dúvida na citação, usamos [?], após a palavra/expressão que parecer duvidosa.

O ‘erro’ linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social [!] atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, em seu sexo, e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais. (BAGNO; GAGNE; STUBBS, 2002, p. 73).

Quando quiser dar ênfase a alguma passagem da citação literal, você pode grifá-la. Esta alteração deve ser assinalada com a expressão (grifo nosso), logo após o texto e entre parênteses.

“As formas de prestígio ocorrem mais em textos mais formais, mais nobres, entre interlocutores que ocupam **posições mais elevadas na escala social.**” (VOTRE, 1994, p. 75, grifo nosso).

Neste caso, a palavra, expressão ou frase foi grifada na citação por você! No original, não havia grifo.

Podem ocorrer também casos em que a ênfase já está no original. Nesta situação, usa-se a expressão (grifo do autor) entre parênteses.

“[...] ‘sabemos’ que uma **boa pesquisa** precisa ter uma **sólida teoria de apoio** que é entendida como a **verdade de partida** para que **possamos construir uma outra verdade em nível superior.**” (GARCIA; ALVES, 2006, p. 265, grifo do autor).

Neste caso, as expressões já estavam grifadas na citação quando você a encontrou no livro, na revista, no jornal...

e) Incorreções ou incoerências

Em suas leituras, você pode encontrar erros gráficos ou lógicos, porém, ao transcrevê-los para o seu paper, não os corrija. Lembre: ortografia, maiúsculas, minúsculas, grifo etc., tudo deve ser transcrito como estava no original, portanto, para indicar ao leitor do seu paper que você percebeu o erro, e não apenas o copiou, use a expressão latina sic (assim mesmo), assim [sic].

Os parlamentares, em função do caráter público das sessões, possuem uma certa preocupação com a norma culta, uma vez que sabem que sua fala está sendo acompanhada tanto por uma plateia atenta e bastante crítica quanto pela consciência de que essa fala ficará registrada nos anais da Casa ou ainda que está sendo acompanhada via rádio [sic] e TV. Esses fatos contribuíram para que os dados tivessem um caráter relativamente formal. (TAFNER, 2007, p. 56).

A palavra rádio tem acento, mas você não pode fazer essa correção, já que no seu trabalho você está fazendo cópia literal do fragmento.

3.2 Citação indireta

A citação indireta ocorre se, ao consultar os originais para fazer seu paper, você optar por não fazer cópia ao pé da letra e sim produzir um texto com as suas palavras, mas com o mesmo sentido do texto do autor. Nestas situações, podem ocorrer paráfrases e condensações.

a) Paráfrases

Se você optar por sintetizar as ideias do autor e não copiá-las ao pé da letra, a transcrição é livre, desde que seja fiel. Sua paráfrase deve manter o mesmo sentido do texto original. Neste caso, não são necessárias aspas e a indicação da página é opcional. Contudo, é obrigatória a indicação do autor e ano da obra.

b) Condensações

Seguem a lógica das paráfrases, mas designam a síntese de um texto mais extenso, como um capítulo de um livro ou de uma seção. No caso a seguir, a condensação encontra-se num artigo de 2007, mas foi elaborada a partir de um capítulo da dissertação de Tafner (2004).

Tafner (2004) trata do estudo de sete formas verbais alternantes para a expressão da futuridade, a partir de dados das sessões plenárias dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



Nas citações indiretas, independentemente de fazer paráfrase (síntese de um trecho curto) ou condensação (síntese de livros ou capítulos), é obrigatória a indicação do autor e do ano da obra.

3.3 OUTROS CASOS DE CITAÇÃO

Vejam outros casos de citação.

3.3.1 Citação da citação

Para você entender o que é citação da citação, leia a citação a seguir.

Podemos entender variável como “qualquer quantidade ou característica que pode assumir diferentes valores numéricos.” (YOUNG, 1960, p. 311 apud FACHIN, 2003, p. 73).



Atenção: ao usar apud, não o grife com negrito, itálico ou sublinhado, ok?

Vamos tentar compreender juntos o percurso de uma citação da citação: nesta citação, você deve ter visto que há duas indicações autor-data, certo? A primeira coisa a ser entendida quando falamos de citação de citação é identificar de quem é a ideia transcrita. Neste caso, Young é “dono” da ideia ou Fachin? A resposta é Young. Em 1960, o autor publicou a obra (um livro ou artigo de revista ou jornal, isso não nos interessa neste momento) e o fragmento transcrito estava na página 311. Essa é a primeira parte do percurso. Vamos à segunda.



Você estudará o sistema autor-data mais adiante, com mais detalhes.

Então, o que dizer de Fachin na citação? Certamente, esta é a sua dúvida. Para respondê-la, precisamos fazer alguns autores se encontrarem: em 2008, os professores deste caderno estavam lendo a obra de Fachin e ali encontraram a citação de Young. Como a citação é interessante e adequada aos objetivos do caderno, os autores deste caderno resolveram usá-la também, só que tiveram um problema: não encontraram a obra de Young nas bibliotecas a que tinham acesso, nenhum colega tinha e, nas editoras, a obra estava esgotada. Diante deste cenário, a saída para poder usar a citação foi empregar o apud, que indica que se trata de uma citação de segunda mão. Então, como a citação já estava pronta na obra de Fachin (pois Fachin citou Young), para incluí-la neste caderno (ou seja, fazer uma citação da citação), tivemos que citar tanto Young quanto Fachin.

Lembre que não tivemos acesso ao original, ou seja, ao texto de 1960. Nossa fonte de consulta foi a obra de Fachin, que é de 2003. Nesta obra, encontramos a citação na página 73 e não podemos omitir essa informação para o leitor, pois queremos fazer um trabalho metodologicamente correto.

Entendeu? Vamos ver na prática, então: se a obra de Young estivesse disponível, o que você veria neste caderno? A primeira ou a segunda opção a seguir?

Podemos entender variável como “qualquer quantidade ou característica que pode assumir diferentes valores numéricos.” (YOUNG, 1960, p. 311).

ou

Podemos entender variável como “qualquer quantidade ou característica que pode assumir diferentes valores numéricos.” (YOUNG, 1960, p. 311 apud FACHIN, 2003, p. 73).

A escolha pela primeira opção está correta, pois, como não há apud, significa que tivemos acesso à obra de Young.

A segunda opção, você já conhece, indica que encontramos a citação em outra obra, cujo autor não é “dono” da ideia.



Ei, para você saber, o apud, que pode acontecer tanto em citações diretas (curtas e longas) quanto em indiretas, deve ser usado como último recurso. Sempre devemos tentar consultar a obra original, ok?

E, antes de encerrar nossa conversa sobre o apud, saiba que você também pode usar este recurso assim:

Podemos entender variável como “qualquer quantidade ou característica que pode assumir diferentes valores numéricos.” (YOUNG, 1960, p. 311 citado por FACHIN, 2003, p. 73).

Apud significa citado por.

Em qualquer caso, adote um estilo único: ao começar o paper decida o que você vai usar até o final do trabalho: apud ou citado por.

3.3.2 Citação de informação extraída da internet

Será que você já pensou nas citações feitas a partir da internet? Se sim, então não se preocupe. No texto, elas são apresentadas para o leitor da mesma forma como as obras impressas. E, tal como ocorre com as obras impressas, você deve ter o hábito de anotar o autor, o ano do texto e a página.

A citação a seguir foi extraída de um artigo da internet, veja:

A língua portuguesa dispõe de diferentes variedades linguísticas para expressar a futuridade. Estas são empregadas pelos falantes conforme o interlocutor, local e assunto, porém a quantidade e a descrição dessas formas nos manuais de ensino de português para estrangeiros precisam de maior detalhamento. (TAFNER, 2007, p. 53)

Há alguma diferença no texto em relação ao que você já sabia sobre as citações? Certamente, você respondeu não. Nas referências é que o leitor terá um acréscimo de informações, mas falaremos detalhadamente sobre isso no Tópico 2.

Em alguns casos, a diferença pode ser a ausência da página nos artigos consultados na internet. Nestas situações, a ausência da página é tolerada, pois o leitor, ao consultar a referência e perceber que se trata de informação extraída da internet, sabe que alguns documentos na rede não são paginados. Isso pode acontecer com artigos de revistas, por exemplo:

É assustador como neste país nossos recursos naturais são rapidamente loteados. O caso do pré-sal é ilustrativo de como pensam os brasileiros, e de como nós, brasileiros, faríamos diferente. Nós, brasileiros, acreditamos que o petróleo é nosso, que deveria ser usado em benefício dos brasileiros desta nação, que ele é estratégico para o desenvolvimento. Os brasileiros que se manifestaram até agora acham que o pré-sal deve ser exportado para outras nações, que o lucro deve ser investido num fundo soberano *off-shore*, para não pressionar o câmbio e não prejudicar os brasileiros que exportam outros produtos para essas mesmas nações. (KANITZ, 2008).

O leitor observa a citação de Kanitz, percebe que se trata de cópia fiel, já que está no formato de uma citação longa, mas estranha a ausência de página. Então, vai direto para as referências. Ali, nota que ao buscar pelo sobrenome do autor, encontra alguns dados a mais, pois esta é uma citação extraída da internet. Nas referências, o leitor encontrará o seguinte:

KANITZ, Stephen. O petróleo não será mais nosso. Veja, São Paulo, n. 36, 10 set. 2008. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.uol.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_301186.shtml>. Acesso em: 10 out. 2008.

Além dos dados comuns de uma referência, ele encontra o endereço da internet e a data de acesso. Então, fica resolvido o problema de ausência de indicação da página. Em alguns casos de informação extraída da internet, vamos encontrar a página e em outros não, contudo a ausência desse elemento deve ser sempre observada. A ausência da página exigirá, como vimos, um acréscimo de dados (endereço eletrônico) e data de acesso nas referências, extraídas da internet.

Aproveitando que estamos falando de internet, é bom que você seja seletivo(a) em relação aos sites de informações. Procure pelos artigos do Scielo ou outras fontes confiáveis. Não recomendamos o uso de informações da Wikipedia.

3.3.3 Citação da Bíblia

Indicamos a fonte pelo título do livro da Bíblia, número do capítulo e número do versículo. Não grife ou coloque entre aspas os nomes dos livros e apócrifos. Vamos ao exemplo:

“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é a sua mercadoria do que a mercadoria de prata, e sua renda do que o ouro mais fino.” (BÍBLIA, A. T. Provérbios, 3:13-14)

O que há de diferente nesta citação? Vamos por partes, acompanhe:

- a indicação dos capítulos e versículos é feita com algarismos arábicos;
- o número do capítulo é separado do número do versículo por dois pontos;
- o versículo inicial é separado do final por hífen, sem espaço entre eles.

4 INDICAÇÃO DA FONTE DAS CITAÇÕES

Depois de termos falado sobre citações diretas (curtas e longas) e indiretas, uso de grifo, apud etc., é bom que você saiba que existem dois sistemas nos textos científicos para indicar as fontes citadas:

- sistema autor-data (quando as citações aparecem no texto);
- sistema numérico (quando as citações aparecem em notas de rodapé).

Vamos explicar os dois, porque quando você fizer suas pesquisas vai encontrá-los. Contudo, para fazer o paper, o sistema adotado na UNIASSELVI é o autor-data. Vamos conhecê-los.

4.1 SISTEMA AUTOR-DATA

Esse sistema consiste na inclusão, entre parênteses, do sobrenome do autor, do ano de publicação da obra e da página dentro do texto. Nos papers e artigos este sistema é mais adequado, porque são textos mais curtos, em que as notas de rodapé ficam reservadas para alguma eventual explicação ao leitor. Além disso, como os papers são mais sintéticos, é fácil se reportar às referências para obter os dados completos da obra que deu origem à citação. Vamos conhecê-lo passo a passo, pois esse sistema você precisa saber usar com segurança.

Esse sistema apresenta três informações, entre parênteses:

- sobrenome do autor;
- ano da publicação da obra;
- a página citada (é opcional sua indicação nos casos de citação indireta).

Os demais dados são colocados na lista de referências, que apresenta todos os documentos citados no trabalho.



Os documentos consultados, mas sobre os quais não houve nenhuma citação no texto, não entram nas referências. Para estes casos, existe o que se chama de BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA ou DOCUMENTOS CONSULTADOS, apresentada após a lista de referências, em que inserimos as obras apenas consultadas.

4.1.1 Regras de elaboração

a) **Quando o sobrenome do autor não faz parte do corpo do trabalho:** coloque-o, entre parênteses, no final, seguido do ano da publicação e da página.

→ “O letramento é como a cultura: não é um objeto, ou um objetivo em si; é uma função na sociedade ou, mais precisamente, um meio de funcionamento.” (MEY, 2001, p. 241) ←

↳ É uma citação curta, portanto, tem aspas no início e no fim. ←

Sobrenome do autor: em maiúsculas, pois não faz parte do texto. ←

Autor, ano e página separados por vírgulas. ←

b) **Quando o sobrenome do autor faz parte do corpo do trabalho:** coloque, entre parênteses, apenas o ano da publicação e a página.

Conforme Pelandré (2002, p. 132), o meio social necessita da “formulação de políticas educacionais condizentes com a realidade existente e da implementação de programas de letramento.”

↳ É uma citação curta, portanto, tem aspas no início e no fim.

Sobrenome do autor: em maiúsculas e minúsculas, pois faz parte do texto.

Ano e página separados por vírgulas.



Veja: a abreviação da palavra página ou páginas é p.

c) Nos casos de obras de um, dois, três autores e mais de três autores, seguem os exemplos, respectivamente:

No caso de **um autor**, você já sabe:

“O letramento é como a cultura: não é um objeto, ou um objetivo em si; é uma função na sociedade ou, mais precisamente, um meio de funcionamento.” (MEY, 2001, p. 241)

Usamos apenas o sobrenome do autor, seguido do ano e da página. Também poderíamos ter optado por iniciar a citação com a autoria: Mey (2001, p. 241) afirma que...

No caso de dois autores, citamos os dois:

Lakatos e Markoni (2001, p. 68) afirmam que “[...] o resumo é a apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais ideias do autor da obra.”

ou

“[...] o resumo é a apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais ideias do autor da obra”, de acordo com Lakatos e Markoni (2001, p. 68).

ou

“[...] o resumo é a apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais ideias do autor da obra.” (LAKATOS; MARKONI, 2001, p. 68)

em maiúsculas e minúsculas e separados por “e”, pois fazem parte do texto.
em maiúsculas e separados por “;”, pois não fazem parte do texto.

No caso de três autores, citam-se os três:

“O ‘erro’ linguístico [...], se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante [...]” (BAGNO; GAGNE; STUBBS, 2002, p. 73).

Você também poderia começar com: Para Bagno, Gagne e Stubbs (2002, p. 73)...

Repare como separamos os sobrenomes:

- **entre parênteses**: usamos ponto e vírgula para separar os sobrenomes, assim: (BAGNO; GAGNE; STUBBS, 2002, p. 73);

- **fora dos parênteses**: usamos **vírgula** entre o primeiro e o segundo; entre o segundo e o terceiro, **a conjunção “e”**, assim: ... conforme Bagno, Gagne e Stubbs (2002, p. 73).

No caso de mais de três autores, cite o primeiro acompanhado da expressão et al.

Segundo Valle et al. (2002, p. 160):

[...] a autogestão jamais foi uma opção política prévia dos trabalhadores. Em sua grande maioria, estes não tinham, nem passaram a ter engajamento político ou sindical. Visavam à sobrevivência e não à transformação política. Buscaram a autogestão (ou mesmo simplesmente aceitaram-na, em alguns casos) em razão de uma conjuntura econômica que os exilava do assalariamento; buscaram-na como única alternativa ao desemprego.

ou

[...] a autogestão jamais foi uma opção política prévia dos trabalhadores. Em sua grande maioria, estes não tinham, nem passaram a ter engajamento político ou sindical. Visavam à sobrevivência e não à transformação política. Buscaram a autogestão (ou mesmo simplesmente aceitaram-na, em alguns casos) em razão de uma conjuntura econômica que os exilava do assalariamento; buscaram-na como única alternativa ao desemprego. (VALLE et al., 2002, p.160).



A expressão latina "et al." significa "e outros".

d) Quando houver vários documentos do mesmo autor que apresentam o mesmo ponto de vista em relação a algum assunto, basta inserir entre parênteses os anos de publicação dos textos.

Tafner (2004, 2007) sugere que a variação entre as formas de futuridade.

e) Quando houver **vários documentos de diferentes autores** que apresentam o mesmo ponto de vista em relação a algum assunto, basta apresentá-los seguindo a ordem do mais antigo para o mais recente.

O interesse pelo tempo futuro do presente já motivou outras dissertações de mestrado: Baleeiro (1988), Santos (1997), Gibbon (2000), Santos (2000), sendo as três últimas com enfoque variacionista.



Obedeça à cronologia, veja no exemplo a sequência: 1988, 1997 e 2000.

f) No caso de autores com o mesmo sobrenome e data, acrescente as iniciais de seus prenomes na indicação de autoria.

(BARBOSA, C., 1996)

(BARBOSA, O., 1996)

g) Citações de diversos documentos de um mesmo autor, publicados em um mesmo ano, são distinguidas pelo acréscimo de letras minúsculas, após a data.

(SILVA, 2005a, p. 32)

(SILVA, 2005b, p. 84)

Apresentamos, a seguir, um fragmento que ilustra o emprego de citações diretas e indiretas e sua forma de apresentação.

Gêneros textuais são formas de interação, reprodução e possíveis alterações sociais que constituem, ao mesmo tempo, processos e ações sociais e envolvem questões de acesso e poder. Neste cenário, então, o conceito de gênero mantém relações estreitas com as questões ligadas ao letramento. Conforme Soares (2003), o letramento é resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Tal conceito não se confunde com o de alfabetizado, aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, mas não dá conta plenamente das habilidades de leitura, não consegue compreender e produzir os diversos gêneros textuais, localizar e usar informações extraídas de materiais escritos¹. “O letramento é como a cultura: não é um objeto, ou um objetivo em si; é uma função na sociedade ou, mais precisamente, um meio de funcionamento.” (MEY, 2001, p. 241)

¹ Produzir gêneros, localizar e usar informações extraídas de materiais escritos são habilidades essenciais não apenas aos alunos do Ensino Superior, mas para todo cidadão. No entanto, dados recentes do 5º INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) apontam que apenas 26% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são plenamente alfabetizados. Destes, 70% têm até 34 anos. Mais de um terço do grupo pertence às classes A e B e 41% à classe C. A maioria (60%) tem pelo menos o Ensino Médio completo, outros 25% têm de 8 a 10 anos de estudo, ou seja, no mínimo completaram o Ensino Fundamental. Estes apenas 26% indicam a necessidade de medidas que melhorem o nível de letramento da população brasileira, com intuito de que a mesma possa exercer plenamente sua cidadania.

Assim a habilidade de produzir o gênero resumo passa a relacionar-se com a “‘tecnologia’ do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita”, nas palavras de Soares (2001, p. 18). Esta ligação é possível, visto que para a autora saber ler e escrever significa responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz, isto é, os usos que as pessoas fazem da leitura e escrita, as práticas sociais de que o indivíduo se apropriou.

Trabalhar a produção do texto, a partir do estudo de gêneros textuais, é instrumentalizar o aluno para que ele se aproprie de formas comunicativas que viabilizem uma maior interação social e promovam o desenvolvimento de uma leitura global do contexto em que se dá essa interação.

Quando interagem discursivamente, as pessoas precisam saber expressar-se em diferentes situações e, portanto, dominar os gêneros das diversas esferas sociodiscursivas. De acordo com a perspectiva bakhtiniana, existe uma inabilidade em dominar os gêneros específicos de cada esfera, isto porque os gêneros apresentam uma progressiva complexidade, ou seja, passam de primário para secundário, tornando-se instrumentos para novas construções. Em seu processo de formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários, e estes últimos, como componentes dos primeiros, perdem a relação com a realidade imediata e com a realidade dos enunciados do outro, conservando sua forma e significado, mas só se integrando à realidade do gênero secundário.

O resumo, sendo gênero secundário, apresenta um certo grau de complexidade, uma vez que, conforme Machado (2004, p. 150):

A produção do resumo como parte de outro texto é orientada pelas representações sobre o contexto de produção do texto em que está inserido; portanto, sobre os destinatários, a instituição social, os objetivos típicos do gênero a que pertence etc. Quando aparecem de forma autônoma, os resumos guardam todas as características definidoras dos textos em geral. Textos autônomos que, dentre outras características, fazem uma apresentação concisa dos conteúdos do outro texto, com uma organização que reproduz a organização do texto original com o objetivo de informar o leitor sobre esses conteúdos e cujo enunciator é outro que não o autor do texto original, podem legitimamente ser considerados como exemplares de gênero resumo de texto.

De acordo com a autora, o processo de sumarização textual é condição fundamental para a mobilização de conteúdos pertinentes à produção de textos pertencentes a diferentes gêneros, como resenhas, reportagens etc.; e, em algum desses gêneros, o resumo parcial ou integral de textos constitui-se como parte constitutiva de seu plano global.

REFERÊNCIAS

MACHADO, A. R. Resumo: leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEY, J. L. **As vozes da sociedade**: seminários de pragmática. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SOARES, M. Alfabetização e cidadania. In: _____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 55-62.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

AUTOATIVIDADE



1 Identifique e classifique no texto as citações.

a)

Conforme Soares (2003), o letramento é resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

b)

“O letramento é como a cultura: não é um objeto, ou um objetivo em si; é uma função na sociedade ou, mais precisamente, um meio de funcionamento”. (MEY, 2001, p. 241)

c)

Assim a habilidade de produzir o gênero resumo passa a relacionar-se com a “[...] ‘tecnologia’ do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita”, nas palavras de Soares (2001, p. 18).

d)

O resumo, sendo gênero secundário, apresenta um certo grau de complexidade, uma vez que, conforme Machado (2004, p. 150):

A produção do resumo como parte de outro texto é orientada pelas representações sobre o contexto de produção do texto em que está inserido; portanto, sobre os destinatários, a instituição social, os objetivos típicos do gênero a que pertence etc. Quando aparecem de forma autônoma, os resumos guardam todas as características definidoras dos textos em geral. Textos autônomos que, dentre outras características, fazem uma apresentação concisa dos conteúdos do outro texto, com uma organização que reproduz a organização do texto original com o objetivo de informar o leitor sobre esses conteúdos e cujo enunciador é outro que não o autor do texto original, podem legitimamente ser considerados como exemplares de gênero resumo de texto.

2 O que mais podemos destacar em relação às fontes utilizadas?

3 Volte ao texto da página 161 e observe a nota de rodapé. Que papel ela cumpre no texto?

4.2 SISTEMA NUMÉRICO

Este sistema dá ao leitor a informação imediata de qualquer citação feita no interior do texto. Os dados da fonte, a partir da qual foi elaborada a citação, aparecem na nota de rodapé e, depois, ao término na lista de referências. As vantagens desse sistema são as seguintes:

- a nota de rodapé junto ao texto favorece ao leitor a possibilidade de examinar e verificar as informações da fonte imediatamente;
- informa ao leitor, de maneira sucinta, a fonte geradora de uma ideia ou citação.

a) Regras de Aplicação

Cada nota de rodapé deve corresponder exatamente à citação que originou a referência. Deve haver uniformidade durante todo o trabalho no que concerne ao local, à numeração e à forma das notas de rodapé.

b) Regras de Elaboração

A indicação da numeração pode ser colocada no fim da citação ou junto ao autor, quando este aparece no texto.

A indicação do número pode vir entre parênteses ou sobrescrita, após a pontuação que fecha a citação. Veja os exemplos 1 e 2 a seguir. Pode também aparecer logo após o autor, quando seu nome é parte integrante do texto. Veja o exemplo 3.

Exemplo 1:

No texto

O meio social necessita da “formulação de políticas educacionais condizentes com a realidade existente e da implementação de programas de letramento.” (1) ←

Indicação da numeração entre parênteses **no final** da citação. —

Na nota de rodapé

¹ PELANDRÉ, Nilcea Lemos. **Ensinar e aprender com Paulo Freire**: 40 horas 40 anos depois. São Paulo: Cortez, 2002. p. 132.

Exemplo 2:

No texto

O ‘erro’ linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, em seu sexo, e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais.² ←

Indicação da numeração sobrescrita **no final** da citação. —

Na nota de rodapé

² BAGNO, M.; GAGNE, G.; STUBBS, M. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002. p. 73.

Exemplo 3:

No texto

Conforme Soares³, a escrita “traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.”

Indicação da numeração sobrescrita **no início, após o nome do autor, quando este aparece na citação.**

Na nota de rodapé:

³ SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 18.

Observe as características do sistema numérico, presentes nos três exemplos apresentados anteriormente:

- A numeração (feita por algarismos arábicos) das notas de rodapé se faz em ordem crescente por capítulo ou para todo o trabalho.
- As notas de rodapé são separadas do texto por um filete de 3 cm, a partir da margem esquerda.
- Não há recuo de parágrafo antes do indicativo numérico.
- A referência é separada do indicativo numérico por um espaço.
- As notas de rodapé devem ser digitadas em espaço simples e fonte menor que a adotada no texto .
- Nas notas de rodapé, quando se trata da primeira citação de uma obra, deve-se fazer sua referência completa (indicando inclusive a página referente à citação).
- Nas notas de rodapé, após a primeira menção da obra, as demais citações da **mesma obra** podem ser indicadas adotando-se palavras referenciais latinas (NBR 10520). Nestes casos, as palavras latinas não são destacadas (sublinhadas, negrito, itálico,...). Vamos conhecer algumas delas.

c) Palavras referenciais latinas

- **Ibidem ou Ibid.** – quando várias notas se referem ao mesmo autor e à mesma obra, variando apenas a página, usa-se a expressão latina **Ibid.** (na mesma obra) e a página citada.

Exemplo:

¹GROSSI, Paulo. **Mitologias jurídicas da modernidade**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004. p. 106. ←

²Ibid., p. 128. ←

Mesmo autor e mesma obra (Ibid substitui indicação de autor e ano). A única mudança ocorre nas páginas (106, 128) que deram origem às citações.

- **Idem ou Id.** – quando as notas são consecutivas e se referem ao mesmo autor, no lugar do autor pode-se usar a expressão **Id.** (neste caso, a obra é diferente da mencionada na referência imediatamente anterior).

Exemplo:

¹GROSSI, 2004, p. 29.

²Id., 2000, p. 5.

Mesmo autor, em notas consecutivas, contudo suas obras são diferentes (2004 e 2000).

- **Op. cit.** – quando a obra de um autor é citada diversas vezes, cita-se normalmente na primeira vez que aparece e, nas demais, pode-se colocar o nome do autor acompanhado da expressão **op. cit.** (opus citatum = obra citada) e a página.

¹GROSSI, 2004, p. 29.

²SILVA, 2001, p. 17.

³GROSSI, op. cit., p. 5.

Obra de um autor citada diversas vezes (o ano 2004 é substituído por op. cit.)



De acordo com a NBR 10520 (2002, p. 6), as expressões Ibid., Id. e op. cit. "só podem ser utilizadas na mesma página ou folha da citação a que se referem."

- **Cf.** (confira, confronte) – usada para remeter o leitor a outras leituras que tratam do tema em questão sob outras perspectivas, diferentes da adotada, ou para aprofundar o assunto.

No texto:

A função das formas sintéticas, na língua falada, "parece estar-se restringindo à modalização"⁴.

Na nota de rodapé:

⁴ Cf. LONGO;CAMPOS, 2002.

- **et seq.** (sequentia - seguinte ou que se segue) – quando somente a primeira página em que aparece a citação é mencionada, mas refere-se também às demais.

⁵ LONGO; CAMPOS, 2002, p. 464 et seq.

- **loc. cit.** (loco citato – no lugar citado) – documento já citado na página anterior.

⁵ LONGO; CAMPOS, 2002, p. 464

⁶ LONGO; CAMPOS, loc. cit.

- **passim** (aqui e ali, em diversas passagens) – quando um tema é abordado pelo autor citado em toda sua obra, não sendo identificada uma página especificamente.

⁵ LONGO; CAMPOS, 2002, passim.



Atenção: O sistema numérico só foi apresentado para que você possa conhecê-lo, mas o *paper* adota o sistema autor-data.

LEITURA COMPLEMENTAR

A leitura a seguir tem por objetivo enfatizar que um bom trabalho só pode acontecer a partir de uma busca cuidadosa de materiais. Leia, ande pelas bibliotecas de sua cidade, não importa se grandes ou pequenas, elas exercem um papel fundamental na vida de quem quer crescer tanto acadêmica quanto culturalmente.

CONSULTA BIBLIOGRÁFICA

Em primeiro lugar, a elaboração de um trabalho científico, um *paper*, ou um artigo científico exige o apoio das próprias ideias em fontes reconhecidamente aceitas. Não há como citar um texto ruim, exceto para mostrar sua precariedade.

A busca de informações exige técnica apurada para seu registro.

O trabalho técnico, ou científico, pressupõe vasta consulta bibliográfica que, muitas vezes, somente se esgota com a frequência assídua à biblioteca pública ou particular, para consulta exaustiva de obras que sirvam de sustentação às ideias que se pretende expor.

Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação, e há quem diga que um escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente. Num caso e noutro a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto.

Ilusoriamente, acredita-se na novidade de um texto. Quando muito, é nova a forma. Na maioria das vezes, os autores parafraseiam textos, resumem obras, resenham livros, com o objetivo de esclarecer, elucidar e chegar a resultados previamente estabelecidos.

A biblioteca tem sido, portanto, o passo obrigatório para os estudiosos que desejam apresentar textos bem fundamentados. E aqui não há como abreviar o tempo de consulta, que deve ser levada à exaustão. Quem pouco gosta de consultar provavelmente não se amoldará à pesquisa e ao estudo. O trabalho redigido isoladamente pode revelar insuficiência de ideias ou de fundamentos.

A familiarização com serviços de bibliotecas públicas, bem como com o acervo aí existente, pode proporcionar benefícios extraordinários à obra que se quer realizar.

O estudioso, de modo geral, aprende a tirar proveito das bibliotecas que existem à sua disposição, e não se limita aos acervos restritos. Encontrar as fontes de informação que servem de base para uma exposição clara e lógica exige do estudioso certa intimidade com essas instituições que armazenam obras, classificam títulos, oferecem informações aos pesquisadores. Daí a necessidade de habilidades para trabalhar com autores, livros, revistas, jornais, enfim, com todo o acervo de uma biblioteca.

Há dois tipos de biblioteca: as especializadas e as gerais. Estas guardam textos de todas as espécies; aquelas interessam-se apenas por proteger obras de um ramo do conhecimento. Assim, há biblioteca de Administração, biblioteca de Contabilidade, biblioteca de Economia, e outras.

Há dois tipos de biblioteca pública: as municipais e a nacional. Esta é caracterizada por receber o depósito legal estabelecido pelo Decreto n. 1.807, de 1907. Portanto, a uma biblioteca nacional cabe reunir toda a bibliografia produzida num país. Teoricamente, deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional.

Segundo o Decreto de 1907, “os administradores de oficinas de tipografia, litografia, fotografias ou gravuras são obrigados a remeter à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um exemplar de cada obra que executarem”. Depósito legal é, pois, a doação, que se faz à Biblioteca Nacional, de uma obra produzida.

A biblioteca pública, por sua vez, especializa-se no atendimento ao público. Seu objetivo é a educação extraescolar.

FONTE: MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 54-55.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico você viu que:

- A função que as citações cumprem nos trabalhos acadêmicos.
- Os tipos de citação:
 - diretas: transcrição literal das ideias do autor. Exigem a indicação do sobrenome do autor, ano e página. No texto, elas assumem dois formatos:
 - curtas: não ultrapassam três linhas e devem estar entre aspas.
 - longas: ultrapassam três linhas, devem estar em fonte 10, sem aspas, com recuo de 4 cm da margem esquerda.
 - indiretas: paráfrase das ideias do autor. Sua apresentação no texto exige apenas a indicação do sobrenome do autor e ano da obra.
- Os tipos de sistema para apresentação das citações nos trabalhos acadêmicos: o autor-data (adotado para fazer o paper) e o numérico.



1. Identifique e corrija o(s) erro(s) nas citações diretas.

a) “Administrar é uma arte, não é uma ciência. Como tal, é uma expressão de estilo individual.” (Brown e Werner apud Carvalho, 1990, p.18).

b) “Gestão de pessoas é um tema da maior importância. Primeiro, porque é no interior das empresas que passamos a maior parte de nossas vidas, e, segundo, porque as empresas podem ser tudo, mas nada serão se não houver pessoas a definir-lhes a visão e o propósito.” (VERGARA, 2003. P.9).

c) “As organizações necessitam adotar posturas mais flexíveis com relação às concepções sobre poder e influência, o que implica a adoção de estratégias compatíveis com o envolvimento e o engajamento dos trabalhadores possibilitando a valorização do potencial humano”, de acordo com KANAANE (1994 pág.25).

d) “Fique à vontade; não há razão para ficar nervoso”. De acordo com (RECTOR; TRINTA, 1993, p.6).

e) “A moda é um sistema que acompanha o vestuário e o tempo, que integra o simples uso das roupas no dia a dia.” Palomino (2003, p14 grifo nosso).

f) “Encontraremos contribuições que, se não justificam o título de inovadoras na forma de administrar uma organização, têm o mérito de chamar a atenção para aspectos vitais responsáveis pelo sucesso da empresa. Constituem temas obrigatórios de seminários e congressos de administração e estão presentes quase que diariamente em todos os meios de comunicação que se dedicam a empresas, negócios e administração.” (FERREIRA; REIS; PEREIRA; SOUZA, 2002, p.3).

2. Elabore as citações a seguir. A indicação da autoria pode aparecer tanto no início quanto no término da citação, desde que respeitadas as normas para uso de citações.

a) uma citação direta curta;

b) uma citação direta longa;

c) uma citação de citação (apud);

d) citação direta curta de dois autores;

e) citação direta longa de três ou mais autores;

f) citação direta curta usando grifo meu ou grifo nosso;

g) citação direta longa usando omissão;

h) citação indireta.

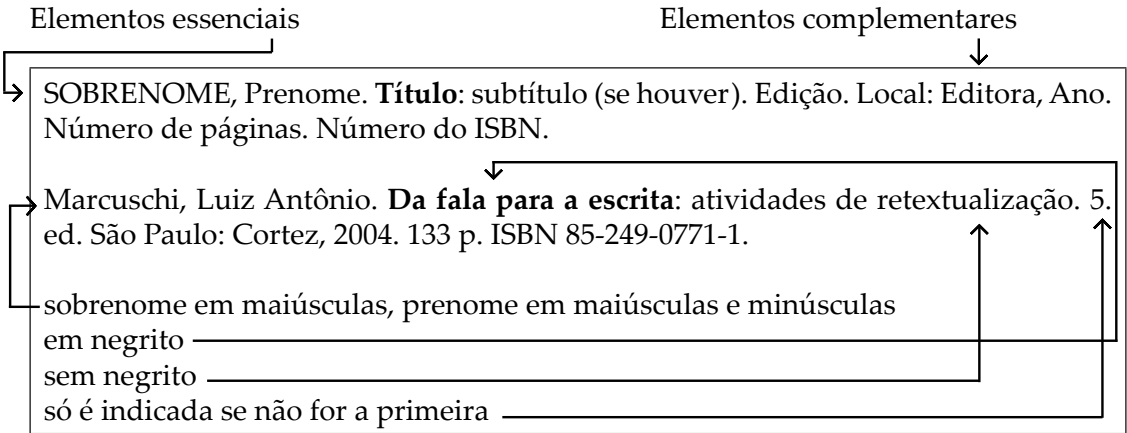


1 INTRODUÇÃO

A Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT fixa as normas relativas às referências. A NBR 6023 (2002, p. 1) “fixa a ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transcrição e apresentação da informação originada do documento e/ou outras fontes de informação.”

A referência deve ser exata, precisa e completa. Trata-se de um conjunto de elementos descritivos, retirados de um documento, que permitem sua identificação individual. Portanto, como já comentamos, habitue-se a anotar os elementos que constam na ficha catalográfica, por exemplo. Esta é uma atitude que economiza tempo e evita que você tenha que retirar uma citação do texto por não conseguir referenciá-la.

A referência é formada de elementos essenciais [autor(es), título, edição, local, editora e data de publicação] indispensáveis à identificação de publicações mencionadas em qualquer trabalho, e de elementos complementares (por exemplo, a indicação do ISBN), que permitem caracterizar melhor as publicações referenciadas no mesmo. “Os elementos essenciais estão estritamente vinculados ao suporte documental e variam, portanto, conforme o tipo.” (NBR 6023, 2002, p. 2). No paper, você fará as referências apenas com os elementos essenciais, os quais podem apresentar algumas variações dependendo da fonte: se for um livro, uma revista, um jornal. Para continuar nossa conversa, observe atentamente o modelo a seguir, trata-se do modelo para referenciar livros e já nos oferece muitas informações importantes.



Antes de começarmos as orientações para elaboração dos diferentes materiais, é bom repetir que: **os documentos citados no trabalho deverão obrigatoriamente constar em uma lista de referências** inserida, geralmente, ao término deste, de forma a localizar facilmente o livro ou documento utilizado.



Agora, você já sabe, ao acabar sua pesquisa na biblioteca ou em qualquer outro espaço, anote todos os dados das fontes consultadas. Passe essa dica para seus colegas também quando fizer trabalhos em grupos.

2 FONTES DE INFORMAÇÃO

Os elementos da referência devem ser retirados, sempre que possível, da folha de rosto e da ficha catalográfica, quando houver, que, em geral, se encontra no verso da folha de rosto.

Se você não sabe o que é uma ficha catalográfica, escolha um livro na sua casa ou na biblioteca e procure pela página que traz um quadro, como o que apresentamos a seguir:

378

T656m Tomelin, Janes Fidélis

Material instrucional / Janes Fidélis Tomelin e ...[et al.]. Indaial : Uniasselvi, 2012.

125 p. : il

ISBN 978-85-7830-564-2

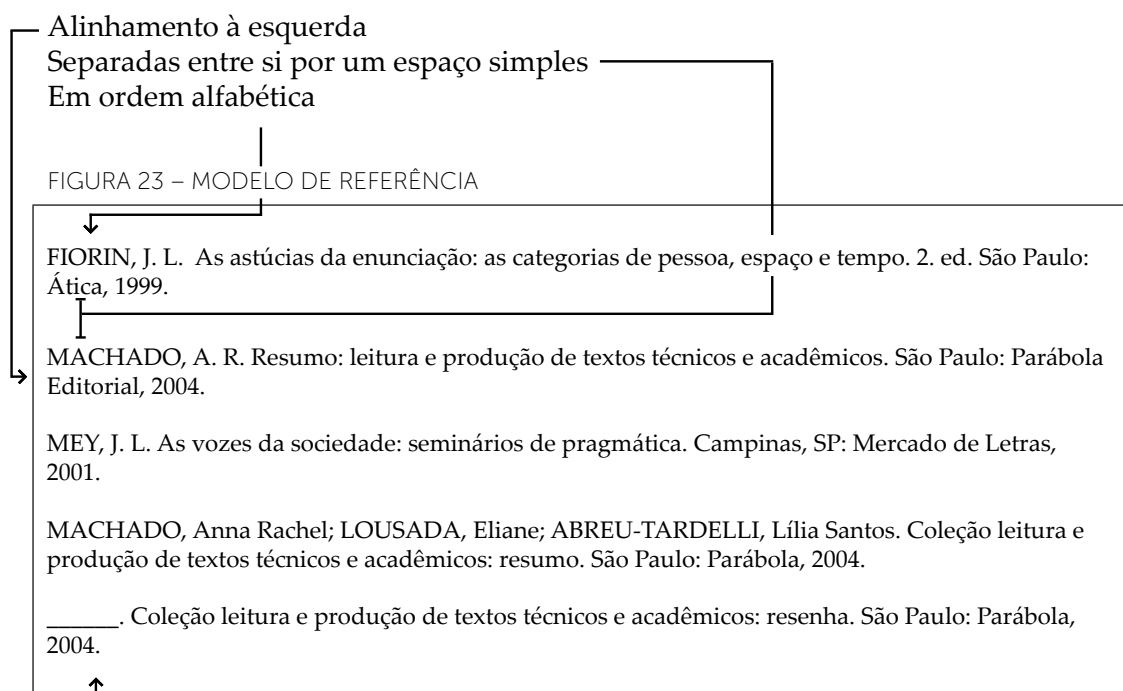
1. Ensino superior; 2. Educação à distância.

I. Centro Universitário Leonardo da Vinci

II. Núcleo de Ensino a Distância III. Título

Veja, todos os dados de que você precisa para fazer a referência estão ali, mas se você não passar a observá-la, terá muitos problemas quando acabar o trabalho: voltar à biblioteca, torcer para o livro não ter sido emprestado etc.

Conforme a NBR 6023 (2002, p. 3), as referências devem ser “[...] alinhadas somente à margem esquerda do texto e de forma a se identificar individualmente cada documento [...]”. Além disso, a versão atualizada da NBR 14724 (2011, p. 10) orienta que “as referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por um espaço simples em branco.” Na prática, você terá uma lista de referências com as mesmas características a seguir:



FONTE: Elaborado pelos autores

Quando houver autor repetido, este pode ser substituído por um travessão (este deve ter 6 espaços).

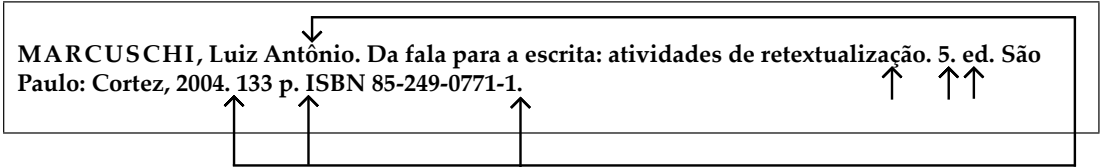
2.1 PONTUAÇÃO NAS REFERÊNCIAS

O nome do autor, título da obra, edição e demais elementos devem ser separados, entre si, por uma pontuação uniforme. Acompanhe, agora, como a pontuação é usada para elaborar as referências.

a) Ponto

O ponto é usado nos seguintes casos:

- depois do autor;
- depois do título;
- depois da imprensa (formada por local da publicação, editora e data da publicação);
- depois dos dados complementares.

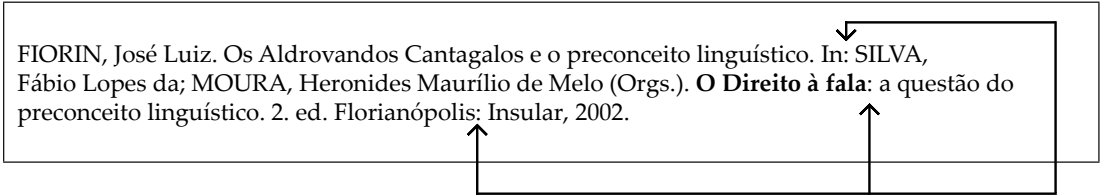


Veja: todas as ocorrências de ponto final.

b) Dois-pontos

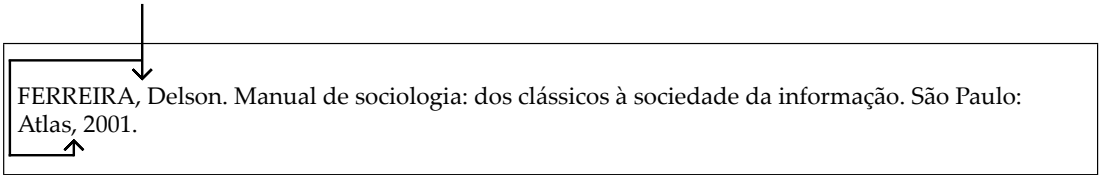
O emprego dos dois-pontos ocorre:

- antes do subtítulo;
- antes da editora;
- depois de In.



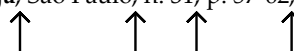
c) Vírgula

A vírgula é utilizada antes de prenome e depois da editora.



- Após o nome de revistas (ou jornais) e entre volume, número e paginação.

CABRAL, Otávio; DUALIBI, Julia. Ele assusta o governo. **Veja**, São Paulo, n. 31, p. 57-62, 3 ago. 2005.



Ei, este exemplo é parte da referência de um artigo de revista, por isso ele é diferente dos demais.

d) Ponto e vírgula

Utilizamos o ponto e vírgula para separar os autores.

TAFNER, Malcon Anderson; FISCHER, Julianne. **Manga com leite mata**: reflexões sobre paradigmas da educação. Indaial: ASSELVI, 2001.

e) Hífen

Emprega-se o hífen:

- Entre página inicial e final da parte referenciada.

CABRAL, Otávio; DUALIBI, Julia. Ele assusta o governo. **Veja**, São Paulo, n. 31, p. 57-62, 3 ago. 2005.

FIORIN, José Luiz. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico. In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). **O Direito à fala**: a questão do preconceito linguístico. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002. p. 23-39.



Veja: Os exemplos acima relacionam-se a diferentes fontes: a primeira é um artigo de revista; a segunda, um capítulo de livro.

- Entre datas limites de determinado período da publicação.

BOLETIM GEOGRÁFICO. Rio de Janeiro: IBGE, 1943-1978.

f) Barra transversal

A barra transversal é usada entre elementos do período coberto pelo fascículo.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. Rio de Janeiro: IBGE, v. 9/11, n. 1/4, jan./dez. 1976/1978.

g) Colchetes

O colchete é utilizado entre elementos que não figuram na obra referenciada, porém se tem certeza de sua origem.

REVISTA TRIMESTRAL DE JURISPRUDÊNCIA. [Brasília], v. 109, p. 870-879, set. 1984.

h) Parênteses

São utilizados para indicar série, grau (nas monografias de conclusão de curso e especialização, teses e dissertações) e título que caracteriza a função e/ou responsabilidade, de forma abreviada (Coord., Org., Comp.).

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO...** 2003. 302 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). **O Direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002.



Fique atento(a), os exemplos aqui também são diferentes: o primeiro é uma tese e o segundo, um livro.

i) Reticências

As reticências são utilizadas para indicar a supressão de títulos, quando estes são demasiadamente longos. Os exemplos mais comuns se referem a títulos de monografias ou teses.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO...** 2003. 302 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.



Veja o título completo desta tese: A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista.

j) Recursos tipográficos

O recurso tipográfico (negrito, itálico ou sublinhado) é utilizado para destacar o título da obra (título do livro, título da revista, título do jornal etc.).

CABRAL, Otávio; DUALIBI, Julia. Ele assusta o governo. **Veja**, São Paulo, n. 31, p. 57-62, 3 ago. 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.



No *paper* padronize sua escolha: se utilizar o negrito para a primeira referência, use-o em todas as demais! Se optar pelo itálico, faça o mesmo. Você não pode misturar os recursos, ok?

3 ELEMENTOS PARA ELABORAR REFERÊNCIAS

Esta seção apresenta orientações para cada um dos elementos a serem usados nas referências, a saber: autor, título, edição, elementos de imprensa, além de considerações sobre os dados da descrição física de uma obra. Leia atentamente como cada elemento deve ser configurado, pois a disposição aqui exposta será comum também em outros textos técnico- científicos e deverá ser adotada no seu *paper*.

3.1 AUTOR

Indica(m)-se o(s) autor(es) físico(s) entrando com o sobrenome em maiúsculas, seguido pelo nome e separado por vírgula.

LIMA, Rubens Rodrigues.
BILAC, Olavo.

Até três autores, mencionam-se todos, veja caso a caso.

a) Um autor:

SOBRENOME, Prenome. **Título:** subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Você pode encontrar a indicação do autor, como segue, veja:

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Mas, para o *paper*, procure adotar o modelo que apresenta a indicação da autoria por extenso.

b) Dois autores:

SOBRENOME, Prenome; SOBRENOME, Prenome. **Título:** subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano.

TAFNER, Malcon Anderson; FISCHER, Julianne. **Manga com leite mata:** reflexões sobre paradigmas da educação. Indaial: ASSELVI, 2001.

c) Três autores:

SOBRENOME, Prenome; SOBRENOME, Prenome; SOBRENOME, Prenome. **Título:** subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

d) **Mais de três autores**, menciona-se o primeiro seguido da expressão **et al.**

SOBRENOME, Prenome et al. **Título**: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, Ano.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

Quando se trata de obra constituída de vários trabalhos de diversos autores, entre com o autor responsável (organizador, diretor, coordenador etc.) seguido da palavra que caracteriza sua responsabilidade, entre parênteses.

SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). **O Direito à fala**: a questão do preconceito linguístico. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002.

VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: Educat, 2002.



Se a obra possuir organizador, diretor, coordenador etc. essa informação já aparece na capa e depois na ficha catalográfica, por isso fique atento(a).

3.1.1 Entidades coletivas (Órgãos, Empresas, Congressos ...)

Quando a autoria é atribuída a entidades coletivas, em geral, entra-se pelo nome da entidade.

ANTEAG. **Autogestão**: construindo uma nova cultura nas relações de trabalho. 2. ed. São Paulo: ANTEAG, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário estatístico brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.

a) Entidade coletiva com denominação genérica

Quando a entidade coletiva tem denominação genérica, seu nome é precedido pelo órgão superior.

Exemplo incorreto ou incompleto:

Centro de Serviços Gráficos

Este é um órgão que pode existir em diversas entidades e empresas. Desta forma, é necessário especificar o órgão superior.

Exemplo correto:

IBGE. Centro de Serviços Gráficos.

b) Entidade coletiva com denominação específica

Quando a entidade coletiva, embora vinculada a órgão maior, tem a denominação específica e conhecida, entra-se pelo seu nome. Em caso de ambiguidade, coloca-se entre parênteses, no final, o nome da unidade geográfica a que pertence.

INSTITUTO MÉDICO LEGAL (SC).

3.2 TÍTULO DA OBRA

O título deve estar em negrito e o subtítulo, precedido de dois-pontos, não é grifado.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

3.3 EDIÇÃO

Para indicar a edição da obra, usa-se o algarismo arábico, seguido de ponto e a abreviatura da palavra “edição” (ed.).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.



Quando a edição for a primeira, ela não deve participar da referência de uma obra.

3.4 ELEMENTOS DE IMPRENSA

a) Local da publicação

Quando houver cidades homônimas, é conveniente acrescentar o país ou o estado para evitar confusão.

Viçosa, MG
Viçosa, AL

- Quando há mais de um local para um só editor, indique o mais destacado.
- Quando a cidade não aparece, porém é identificada, indique-a entre colchetes.
- Quando a cidade não é identificada, indique entre colchetes a expressão abreviada [S.l.] (= *sine loco*).

b) Editora

No que se refere à editora, indique o estritamente essencial precedido de dois pontos.

José Olímpio (e não José Olímpio Editora).

Ed. da UFPR (neste caso, há necessidade de se colocar Ed. ou Editora para identificar efetivamente o editor).

Quando há mais de uma editora, indique a mais destacada ou colocam-se todas.

EPU/EDUSP ou EPU e EDUSP

- Quando a editora não aparece, porém é identificada, indique-a entre colchetes.
- Quando não é identificada, indique entre colchetes a expressão abreviada [s. n.] (sine nomine, que significa sem editora).

c) Data

Indique o ano em algarismos arábicos.

1985 (e não 1.985)

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Como se trata de um elemento essencial, sempre devemos indicar uma data, contudo, nos casos em que não for possível, registramos uma data aproximada entre colchetes, conforme indicado:

[1981 ?] = data provável
[ca. 1960] = data aproximada
[198 -] = década certa
[198-?] = década provável
[19 --] = século certo
[18 --?] = século provável

Principalmente, no caso de revistas e jornais, os meses são abreviados pelas três primeiras letras, exceto maio, que não se abrevia.

Janeiro = jan.
Fevereiro = fev.
Setembro = set.
Maio = maio

3.5 DESCRIÇÃO FÍSICA

a) Páginas

Quando só há um volume, indica-se o número total de páginas, seguido da abreviatura p.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. 318 p.



A indicação do número de páginas de uma obra é considerada elemento complementar pela NBR 6023 (2002), portanto você não precisa apresentá-lo em seu *paper*.

Os números de páginas, inicial e final, indicativos de parte da publicação, também são precedidos da abreviação p.

FIORIN, José Luiz. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico. In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). **O Direito à fala**: a questão do preconceito linguístico. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002. p. 23-39.

b) Volumes

Quando a obra tem mais de um volume, indica-se o número de volumes seguido da abreviatura v.

5 v.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 5 v.

c) Séries e coleções

Os títulos das séries e das coleções são indicados entre parênteses ao final da referência.

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Moderna, 1993. 206 p. (Coleção Travessias).



Esta também é uma informação complementar, de acordo com a NRB 6023 (2002), portanto você não precisa apresentá-la em seu *paper*.

4 ELABORAÇÃO DE REFERÊNCIAS

Depois de conhecer os elementos formadores das referências e como estes devem ser configurados, você verá agora como esses elementos são organizados conforme o tipo de material consultado. Ao longo dos exemplos apresentados anteriormente, você já deve ter reparado que cada material obedece a uma sequência própria para indicação dos elementos essenciais. Portanto, fique atento(a) ao tipo de material exemplificado para não se perder no meio de tantas informações.

4.1 LIVROS

a) Considerados no todo

Modelo:

AUTOR. **Título**. Edição. Local da publicação: Editora, Ano.

Exemplo:

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Moderna, 1993.

A disposição do exemplo deve ser seguida, como você observou anteriormente, quando tivermos obras com dois, três ou mais de três autores.

4.2 DISSERTAÇÕES, TESES, TRABALHOS ACADÊMICOS

Modelo:

AUTOR. Título: subtítulo (se houver). Ano de apresentação. Número de folhas. Tese, dissertação ou trabalho acadêmico (Grau e área) – Unidade de ensino e instituição, local e data.

Exemplos:

SILVA, Everaldo. **A atuação do movimento sindical frente ao processo de falência. Os casos dos sindicatos dos mineiros/Criciúma e trabalhadores têxteis/Blumenau**. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2005.

TAFNER, Elisabeth Penzlien. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista**. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

4.2.1 Considerados em parte

a) Com autoria específica

Modelo:

AUTOR. Título. **Edição**. Local de publicação: Editora, Ano. Localização da parte consultada.

Exemplo 1: com indicação de capítulo

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap.1.

Exemplo 2: com indicação de páginas inicial e final.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 15-43.

b) Com autoria própria

Modelo:

AUTOR da parte referenciada. Título da parte. In: AUTOR da obra. Título da obra. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Localização da parte consultada.

Exemplo:

FIORIN, José Luiz. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico. In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). **O Direito à Fala**: a questão do preconceito linguístico. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002. p. 23-39.



Ei, quando se trata de obra considerada em parte, é o título da obra que aparece em negrito e não o da parte referenciada, você notou isso?

4.3 JORNAIS, REVISTAS (CONSIDERADOS NO TODO)

Modelo:

TÍTULO. Local da publicação: editora, data de início e de término da publicação (se houver).

Exemplo:

SÃO PAULO MEDICAL JOURNAL. São Paulo: Associação Paulista de Medicina, 1932-.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1939-.

4.4 JORNAIS, REVISTAS (CONSIDERADOS EM PARTE)

Modelo:

TÍTULO. Título do fascículo (suplemento, número especial). Local da publicação: editora, número do volume e/ou ano. Número do exemplar. Nota de identificação de particularidades.

Exemplo:

VEJA. Veja 40 anos. São Paulo: Abril, Veja 2077, ano 41, set. 2008. Edição especial.

4.5 ARTIGOS EM JORNAIS

Modelo com autor:

AUTOR do artigo. Título do artigo. **Título do Jornal**, local da publicação, data. Seção caderno ou parte do jornal, página do artigo referenciado.

Exemplo:

FERRARI, Jaimir. A massa falida da Sul Fabril. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 2 set. 2004. Economia, p. 2.

Modelo sem autor:

TÍTULO do artigo. **Título do Jornal**, local de publicação, data. Seção caderno ou parte do jornal, página.

Exemplo:

MINEIROS acertam a compra da CBCA. **Jornal da Manhã**, Criciúma, 1/2 nov. 1997. Geral, p. 4.



Atenção: quando o autor da matéria não for identificado, a primeira palavra do título é que ocupa esta posição e aparece em maiúsculas.

Modelo de artigo de jornal sem seção, caderno ou parte:

AUTOR do artigo. Título do artigo. **Título do Jornal**, local de publicação, página, data.

Exemplo:

LAPS, Leo. Inspiração em família. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, p. 40, 28 e 29 maio 2005.



Quando não houver seção, caderno ou parte, a página precede a data.

4.6 ARTIGOS EM REVISTAS

Modelo com autor:

AUTOR do artigo. Título do artigo. **Título da revista**, local da publicação, volume, fascículo ou número, página inicial e final, data.

Exemplo:

CABRAL, Otávio; DUALIBI, Julia. Ele assusta o governo. **Veja**, São Paulo, n. 31, p. 57-62, 3 ago. 2005.

Modelo sem autor:

TÍTULO do artigo. **Título da revista**, local da publicação, volume, fascículo ou número, página inicial e final, data.

Exemplo:

LÓGICA desumana. **Época**, São Paulo, n. 333, p. 76, 4 out. 2004.



Atenção: quando o autor do artigo não for identificado, a primeira palavra do título é que ocupa esta posição e aparece em maiúsculas.

4.7 RELATÓRIOS

Modelo:

NOME DA INSTITUIÇÃO. **Título do Relatório**. Local da publicação, ano.

Exemplo:

BIBLIOTECA NACIONAL (Portugal). **O 24 de julho de 1833 e a guerra civil de 1829-1834**. Lisboa, 1983.

4.8 DOCUMENTOS DE EVENTOS (ANAIS, RESUMOS etc.)

Modelo:

NOME DO EVENTO, número do evento, ano de realização, local (cidade) de realização.

Título do Documento (anais, resumos etc.). Local de publicação: Editora, ano de publicação.

Exemplo:

CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL. 5., 2002, Curitiba. **Programação e resumos.** Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

4.9 ENCICLOPÉDIAS

Modelo:

AUTOR da obra. **Título da obra.** Local da Publicação: Editora, ano.

Exemplo:

NOVA enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1997. v. 2.

Quando se faz referência de uma parte dessas obras, com autor ou sem autor, procede-se da mesma forma que se faz quando se referencia parte ou capítulo de livro, ou seja, autor, título e obra de onde é extraída a parte ou capítulo, precedida de In, seguido por dois-pontos.

Modelo:

VERBETE. In: AUTOR da obra. **Título da obra.** Edição. Local: Editora, ano.

Exemplo:

AUTOMÓVEL. In: NOVA enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1997. v. 2. p. 221- 224.

4.10 BÍBLIA

Modelo:

BÍBLIA. Língua. **Título**. Tradução ou versão. Edição. Local: Editora, ano.

Exemplo:

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira Almeida. 49. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1981.

4.11 TRABALHOS ACADÊMICOS NÃO PUBLICADOS

Modelo:

AUTOR. **Título do Trabalho**. Apostila. Local, data.

Exemplo:

SILVA, Everaldo da. **Apostila de sociologia geral**. Brusque: ASSEVIM – Associação Educacional do Vale do Itajaí-Mirim, 2003.

4.12 PALESTRA, CONFERÊNCIA ...

Modelo:

Autor. **Título do Trabalho**. Palestra, Local, Data.

Exemplo:

TAFNER, Malcon. **O Ensino Superior brasileiro**. Palestra proferida na Associação Educacional do Vale do Itajaí-Mirim – ASSEVIM (SC), Brusque, 22 ago. 2005.

4.13 ENTREVISTAS NÃO PUBLICADAS

Modelo:

NOME DO Entrevistado. **Título**. Local, Data.

Exemplo:

SILVA, Everaldo da. **Entrevista concedida pelo coordenador da Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Associação Educacional do Vale do Itajaí-Mirim**. Brusque, 24 mar. 2005.

4.14 ENTREVISTAS PUBLICADAS

Modelo:

NOME DO ENTREVISTADO. Título. Referência da publicação. Nota de entrevista.

Exemplo:

MANTEGA, Guido. Ortodoxia de esquerda. **Veja**, São Paulo, n. 49, p. 11-15, 12 dez. 2007. Entrevista concedida a Marcio Aith.

4.15 FILMES

Modelo:

Título. Diretor. Local: Produtora: Distribuidora, Data. Especificação do suporte em unidades físicas.

Exemplo:

EU, robô. Direção de Alex Proyas. EUA: Fox: Videolar, 2004. 1 DVD.

4.16 REFERÊNCIA LEGISLATIVA

a) Acórdãos, Decisões e Sentenças das Cortes ou Tribunais

Modelo:

Jurisdição. Nome da Corte ou Tribunal. Título (natureza da decisão ou ementa). Tipo e número do recurso. Partes litigantes (se houver). Nome do Relator. Local, data. Indicação da publicação que divulgou o acórdão, decisão ou sentença.

Exemplo:

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Deferimento de pedido de extradição. Extradição n. 818. República Italiana e Maurizio Lo Iacono. Relatora: Ministra Ellen Gracie. Brasília, 18 de dezembro de 2003. **Revista Trimestral de Jurisprudência**, Brasília, DF, v. 191, p. 777-791, jan./mar. 2005.

b) Leis, Decretos e Resoluções

Modelo:

Jurisdição. Título, numeração, data. Referência da publicação.

Exemplo (elementos essenciais):

BRASIL. Medida Provisória n. 293, de 17 de janeiro de 1991. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 18 jan. 1991, n. 13, p. 1335.

Exemplo (elementos complementares):

BRASIL. Medida Provisória n. 293, de 17 de janeiro de 1991. Dispõe sobre princípios de política agrícola, estabelecendo atribuições ao Conselho Nacional de Política Agrícola – CNPA, tributação compensatória de produtos agrícolas, amparo ao pequeno produtor e regras de fixação e liberação de estoques públicos. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 18 jan. 1991, n. 13, p. 1335.

c) Pareceres

Modelo:

Autoria (Instituição ou Pessoa). Parecer n. ..., data. Referência da publicação.

Exemplo (elementos essenciais):

BRASIL. Consultoria Geral da República. Parecer n. H-837, de 27 de maio de 1969. In: CARVALHO, Guido Ivan de. **Ensino Superior**: legislação e jurisprudência. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1975, v. 4, p. 372-374.

Exemplo (elementos complementares):

BRASIL. Consultoria Geral da República. Parecer n. H-837, de 27 de maio de 1969. Competência para expedição de atos de provimento de vacância em estabelecimentos de ensino superior. Lei n. 5.539 de 1968 (art. 15). Consultor: Adroaldo Mesquita da Costa. In: CARVALHO, Guido Ivan de. **Ensino Superior**: legislação e jurisprudência. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1975, v. 4, p. 372-374.

5 REFERÊNCIAS DE FONTES ELETRÔNICAS

As publicações *on-line* (internet) têm sido estimuladas não só pelo baixo custo que representam (geralmente muito inferior a uma publicação em papel), mas também em virtude da popularização dos computadores pessoais.

Esses documentos publicados sob a forma eletrônica possuem forma e estilo semelhantes aos documentos impressos, como é o caso dos artigos, jornais, teses etc., entretanto as características físicas do formato eletrônico dificultam a forma de citação, uma vez que possuem características bastante diferentes, como é o caso da internet. Essas características imprimem uma identidade própria para cada tipo de mídia e, assim, cada tipo possui um formato próprio de referência.

Para obras consultadas *on-line*, é preciso acrescentar as informações sobre o endereço eletrônico, o qual deve aparecer entre os sinais < >, precedido da expressão “Disponível em:”. A seguir, após a expressão “Acesso em:”, indica-se a data de acesso ao documento.

a) Referência de trabalhos individuais no todo (monografias, teses,...) *on-line*

Modelo:

AUTOR. **Título:** subtítulo (se houver). Ano de apresentação. Número de folhas. Tese, dissertação ou trabalho acadêmico (Grau e área) – Unidade de ensino e instituição, local e data. Disponível em: <endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

TAFNER, Elisabeth Penzlien. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias:** uma abordagem sociofuncionalista. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://150.162.90.250/teses/PLLG0312.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2005.

b) Referência de livro no todo em *CD-ROM*

Modelo:

AUTOR. **Título.** Local da Publicação: Editora, Ano. *CD-ROM*.

Exemplo:

SPINOLA, Noenio. **Como exportar e dialogar melhor com o sistema financeiro na alvorada do E-Trade.** São Paulo: Siciliano, 1998. 1 *CD-ROM*.

c) Referência de livro no todo *on-line*

Modelo:

AUTOR. **Título.** Local da Publicação: Editora, Ano. Disponível em: <endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

PROCÓPIO, Ednei. **Construindo uma biblioteca digital**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004. Disponível em: <<http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhoresautores/download/bibliotecadigital.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2005.

d) Referência de trabalhos individuais em parte (monografias, teses, ...) *on-line*

Modelo:

Autor da parte referenciada. Título da parte referenciada. Referência da Publicação no todo precedida de In: Localização da parte referenciada. Disponível em: <endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

TAFNER, Elisabeth Penzlien. Um pouco de história: as origens do tempo futuro. In: _____. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias**: uma abordagem sociofuncionalista. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. cap. 1. Disponível em: <<http://150.162.90.250/teses/PLLG0312.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2005.

e) Referência de livro em parte em *CD-ROM*

Modelo:

Autor da parte referenciada. Título da parte referenciada. Referência da Publicação no todo precedida de In: Localização da parte referenciada. CD-ROM.

Exemplo:

SPINOLA, Noenio. Eu também posso. In: _____. **Como exportar e dialogar melhor com o sistema financeiro na alvorada do E-Trade**. São Paulo: Siciliano, 1998. cap. 1.1 CD-ROM.

f) Referência de livro em parte *on-line*

Modelo:

Autor da parte referenciada. Título da parte referenciada. Referência da Publicação no todo precedida de In: Localização da parte referenciada. Disponível em: <endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

PROCÓPIO, Ednei. As possibilidades de uma biblioteca digital. In: _____. **Construindo uma biblioteca digital**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004. p. 25-28. Disponível em: <<http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhoresautores/download/bibliotecadigital.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2005.

g) Referência de artigo de periódico em CD-ROM

Modelo:

Autor do artigo. Título do artigo. **Título da revista**, Local da publicação, volume, fascículo ou número, página inicial e final, data. *CD-ROM*.

Exemplo:

SILVA, Everaldo da; FISTAROL, Mauro César. Globalização como força para redução do mercado de trabalho. **Agathos Revista Científica da Assevim**, Brusque, v. 1, n. 1, p. 18-28, 8 ago. 2005. 1 CD-ROM.

h) Referência de artigo de periódico *on-line*

Modelo:

Autor do artigo. Título do artigo. **Título da revista**, Local da publicação, volume, fascículo ou número, página inicial e final, data. Disponível em: <endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

TAFNER, Elisabeth Penzlien. Como os manuais de português para estrangeiros tratam a expressão da futuridade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Minas Gerais, v. 7, n. 1, p. 53-64, 2007. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/rbla/2007_1/03-Elizabeth%20Tafner.pdf>. Acesso em: 29 out. 2008.

i) Referência de artigos de jornal *on-line*

Modelo:

Autor do artigo. Título do artigo. **Título do Jornal**, Local da publicação, data. Seção caderno ou parte do jornal, página. Disponível em: <endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

CRITELLI, Dulce. A grande ferida humana. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 out. 2005. Folha Equilíbrio, p. 28. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equlibrio/eq0610200501.htm>>. Acesso em: 6 out. 2005.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você viu:

- A lista de referências deve conter apenas as obras que originaram citações ao longo do texto.
- A lista de referências é alinhada à esquerda.
- A indicação das obras na lista de referências segue a ordem alfabética.
- Os elementos que compõem as referências dividem-se em: essenciais e complementares. Para o *paper*, as referências serão elaboradas usando apenas os elementos essenciais.
- Os dados para elaborar a referência devem ser extraídos, de preferência, da ficha catalográfica.
- Cada sinal de pontuação tem uma função específica entre os elementos da referência.
- Como elaborar vários tipos de referência: livros, trabalhos acadêmicos, artigos de jornal, artigos de revista, relatórios, enciclopédias, bíblia, palestra etc.
- As referências de fontes eletrônicas exigem o acréscimo dos seguintes dados: “disponível em: <endereço eletrônico>” e “acesso em: dia/mês/ano”.



1 Verifique e corrija os erros nas referências a seguir.

a) CANZIAN, Fernando. Para FMI, emergente sofrerá efeitos adversos. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de abr. de 2004. Caderno Dinheiro, pg. 4.

b) ANDERSON, P. **Balanço do Neoliberalismo**. In: SADER, Eldio; GENTILLI, P. (Orgs.), Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 9-23.

c) IUDICIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens. Manual de contabilidade das Sociedades por Ações. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2000.

d) ARAKAKI, Reginaldo, et al. **Fundamentos de programação: Técnicas e Aplicações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 1990.

e) YURI, Flávia; **Internet por Rádio é uma boa?**. Info Exame, São Paulo. N. 216, p. 38, mar. 2004.

2) Faça uma lista de referências contendo:

- a) livro com subtítulo;
- b) livro com mais de três autores;
- c) livro com organizador;
- d) artigo de jornal;
- e) artigo de revista;
- f) artigo de jornal extraído da internet;
- g) artigo de revista extraído da internet.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, FE/USP, v. 29, n. 2, jul./dez. 2003.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Uso e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib et al. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. 5. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1994.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ARTCHIVE. **O sono da razão produz monstros**. Disponível em: <http://www.artchive.com/artchive/g/goya/goya_sleep_of_reason.jpg>. Acesso em: 16 jul. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 6022**: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências, elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **NBR 6028**: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6034**: índice: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação, citação em documentos, apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BONAVIDES, Paulo. **Curso de direito constitucional**. 6. ed. São Paulo: Malheiros, 2003.

BRASIL. Lei n. 6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui a estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei n. 1.044, de 1969, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6202.htm>. Acesso em: 20 nov. 2009a.

_____. Decreto-Lei n. 1.044, de 21 de outubro de 1969. Dispõe sobre tratamento

excepcional para os alunos portadores das afecções que indica. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del1044.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2009b.

CALDAS-COUTHARD, Carmen Rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

CARBONE, P. P. Gestão estratégica de pessoas: o modelo de competências. Disponível em: <<http://ead.csjt.gov.br/file.php/1/forumgp/apresentacoes/gestao>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CORDI, Cassiano. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 1995.

CORREIA, Ângela Álvares; ANTONY, Geórgia. Educação hipertextual: diversidade e interação como materiais didáticos. In: FIORENTINI, Leda Maria Rangel; MORAES, Raquel de Almeida (Orgs.). **Linguagens e interatividade na EAD**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 51-74. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/angele1.htm>>. Acesso em: 1 out. 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: Princípios Científicos e Educativos. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Desafios modernos da educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DREIFUSS, Rene Armand. **A época das perplexidades**: mundialização, globalização e planetarização, novos desafios. Petrópolis: Vozes, 1996.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DUBOS, René. **O despertar da razão**. São Paulo: Melhoramentos IEdusp, 1972.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

- FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Metodologia da pesquisa educacional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. (Biblioteca da educação. Série 1, Escola, v.11).
- FIORENTINI, Leda Maria Rangearo. A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos. In: FIORENTINI, Leda Maria Rangearo; MORAES, Raquel de Almeida (Orgs.). **Linguagens e interatividade na EAD**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 15-50.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONZALEZ, M. **Fundamentos da Tutoria em Educação a Distância**. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Normas para apresentação tabular**. 3. ed. Rio de Janeiro, 1993.
- JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- KOCH, Ingedore Villaça Grunfeld. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- _____. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- LE BOTERF, G. **Compétence et navigation professionnelle**. Paris: Éditions d'Organisation, 1999.
- MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane, ABREU TARDELLI, Lília Santos. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EAD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- MARQUES, Alexandre. A doutrina do falseamento em Popper. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/popper5.htm>>. Acesso em: 10 fev. de 2007.
- MARTINS, Roberto de Andrade. **O universo: teorias sobre sua origem e**

evolução. São Paulo: Moderna, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MERTON, Robert K. **Sociologia**: teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. O processo de comunicação na educação a distância: o texto como elemento de mediação entre os sujeitos da ação educativa. In: PRETI, Oreste (Org.) et al. **Educação a distância**: ressignificando práticas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. p. 181-205.

NETMUNDI.ORG. **Aristóteles**. Disponível em: <<http://www.netmundi.org/pensamentos/2012/08/aristoteles-e-o-motor-imovel/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. **Metodologia da pesquisa científica**. 2. ed. Florianópolis: Visual Books, 2006.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

PETTA, Nicolina Luiza de; OJETA, Eduardo Aparício Baez. **História**: uma abordagem integrada. São Paulo: Moderna, 2001.

POPPER, Karl Raymund. **Lógica das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

PRETTI, Oreste (Org.). **Educação a distância**: sobre discursos e práticas. Brasília: Líber Livro, 2005.

RICARDO POMERANZ. **Globalização**. Disponível em: <http://www.ricardopomeranz.com.br/images/221_post.jpg>. Acesso em: 15 jul. 2012.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SARTORI, Ademilde Silveira; ROESTER, Jucimara. **Educação superior a distância**: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e *on-line*. Tubarão: UNISUL, 2005.

SCHENBERG, Mário. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.

php?pid=S0103-40141991000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 out. 2008.

SCHLEMMER, E. Metodologias para a Educação a Distância no Contexto da Formação de Comunidades Virtuais de Aprendizagem. In: BARBOSA, R. M. (Org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 35.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

TAFNER, Elisabeth Penzlien et al. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2006.

TOMELIN, Janes Fidélis; TOMELIN, Karina Nones. **Diálogos filosóficos**. Blumenau: Nova Letra, 2004.

TORI, Romero. **Educação sem Distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Senac, 2010.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da ciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VAL, Maria da Graça Costa. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L.T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JÚNIOR, J. **Pedagogia cidadã**: cadernos de formação: Língua Portuguesa. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.

WIKIPEDIA. **Edmund Husserl**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl>. Acesso em: 16 jul. 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso** – planejamento e métodos. 3. ed. São Paulo: Bookman, 2005.

ANOTAÇÕES

[illegible]

Handwriting practice lines consisting of 20 sets of three horizontal lines (top, middle dashed, bottom).